

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS DE CIÊNCIAS SÓCIO-ECONÔMICAS E HUMANAS
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

**O IDOSO E A APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO UNIVERSO DIGITAL**

Márcia Mendes Marquez de Oliveira

Anápolis-GO

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS SÓCIO-ECONÔMICAS E HUMANAS

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:
PROCESSOS EDUCATIVOS, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

**O IDOSO E A APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO UNIVERSO DIGITAL**

Márcia Mendes Marquez de Oliveira

**Anápolis-GO
2016**

MÁRCIA MENDES MARQUEZ DE OLIVEIRA

**O IDOSO E A APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO UNIVERSO DIGITAL**

Dissertação apresentada ao Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás - UEG, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias.

Área de concentração: Processos Educativos, Linguagens e Tecnologias.

Linha de Pesquisa: Educação, Escola e Tecnologias.

Orientadora: Profa. Dra. Mirza SeabraToschi.

**ANÁPOLIS – GO
2016**

O IDOSO E A APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO UNIVERSO DIGITAL

Esta dissertação foi considerada aprovada para obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pelo Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG, em 27 de junho de 2016.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Mirza Seabra Toschi (Universidade Estadual de Goiás - UEG)

Orientador(a) / Presidente

Profa. Dra. Daniela da Costa Britto Pereira Lima (Universidade Federal de Goiás e colaboradora do MIELT-UEG)

Membro interno

Profa. Dra. Cláudia Helena dos Santos Araújo (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG)

Membro externo

Anápolis-Go, 27 de junho de 2016.

Dedico esta pesquisa a Deus e a todos que, comigo, participaram do cotidiano da investigação, fortalecendo-me de tal modo, que se efetivou por vezes a quebra da rotina, estabelecendo o não cotidiano. A minha orientadora, exemplo de dedicação à docência e à pesquisa educacional, e muito contribuiu com a construção da pesquisa, principalmente, incentivando-me e me conduzindo nos momentos de dúvidas.

Agradecimentos

Os agradecimentos são para todos que acreditaram em mim e me oportunizaram espaço para este trabalho.

Agradeço, primeiramente ao criador do universo, meu Deus, que proveu e conspirou para que eu conseguisse realizar todas as etapas propostas neste estudo.

Agradeço, também a minha mãe, Cândida Mendes Marquez, e a meu pai Arédio Marquez de Oliveira, que, com a educação a mim oferecida, permitiram-me ser eu mesma e acreditar no possível.

Agradeço a meus colegas de trabalho e de estudo que, de alguma forma, sempre se tornaram presentes e que me fortaleceram nesta conquista.

Agradeço o apoio de todos que compartilharam desta jornada: ao meu esposo Epaminondas Reginaldo de Oliveira, pelo apoio e compreensão, assim como a meus filhos, Oclécio Mendes de Oliveira Neto e Tayna Mendes Marquez de Oliveira.

Agradeço a meu primeiro neto, Miguel Mendes Oliveira Machado, por sua participação neste trabalho, e que este seja referência, para despertar valores em sua formação, como a alteridade, a solidariedade, a caridade, a gratidão, o amor e fé em sua vida.

Agradeço a todos os docentes do PPGE/MIELT/UEG, pelas discussões e conhecimentos nos eventos, que tanto contribuíram para minha formação como docente e, ainda, na elaboração desta dissertação.

Agradeço a disponibilidade e atenção das professoras Dra. Daniela da Costa Britto Pereira Lima e Cláudia Helena dos Santos Araújo pela gentileza de fazerem parte da banca desta pesquisa a qual trouxe ricas contribuições ao trabalho.

E, em especial, agradeço a minha orientadora prof^a Mirza Seabra Toschi, pelo privilégio de ser sua orientanda, pessoa a qual tenho grande gratidão e admiração.

“Que nada nos limite. Que nada nos defina.
Que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja a nossa própria substância.”
SIMONE DE BEAUVOIR

RESUMO

OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez. **O idoso e a apropriação das TIC no universo digital**. 2016.154 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis-Go, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Mirza Seabra Toschi

Defesa: 27 de junho de 2016

Esta pesquisa tem como principal objetivo identificar e analisar a apropriação dos idosos do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação e verificar se isso provoca mudanças no seu cotidiano ou nele interfere. Especificamente, pretende-se identificar o que motiva os idosos a frequentar as oficinas de Informática e qual tecnologia é preferida por eles. Pretende, também, demonstrar as contribuições que as oficinas sobre Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) oferecidas no Centro de Convivência (CC), têm dado para que os idosos consigam apropriar-se de recursos tecnológicos para solucionar seus problemas cotidianos. Optou-se por um estudo de natureza qualitativa, fundamentado nas concepções de Lüdke e André (2013) e Chizzotti (2005). Utilizou-se de um aporte teórico que permitiu compreender a dimensão conceitual do problema estudado. Em relação ao idoso temos: Beauvoir (1990), Cachioni (2004), Kertzman (2004), Oliveira (2008), Mercadante (1998), Guimarães; Ramos (2012). Em relação às Tecnologias da Informação e Comunicação utilizamos: Frias (2011), Martinez (2006), Santaella (1992), Castells (2005) e para compreender o cotidiano usamos a referência de Heller (2008). A coleta de dados foi realizada durante as oficinas no CC, organizadas para atendimento do público alvo. Os instrumentos utilizados para coleta dos dados foram questionários semiabertos aplicados aos cursistas, de forma orientada e acompanhada. Podemos observar que o processo de aprendizagem e a descoberta de como utilizar as TIC trouxe maior motivação ao idoso e aspiração por melhor interação junto aos familiares e em seu cotidiano, além de favorecer a apropriação das tecnologias oferecidas nas oficinas.

Palavras - chave: Idosos e Tecnologias da Informação e Comunicação. Formação de Idosos com as TIC. Idosos e cotidiano.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez. **The elderly and the appropriation of ICT in the digital world.** 2016.133 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás. Anápolis-Go, 2016.

Advisor (a): Prof. Dr. Mirza Seabra Toschi
Defense: Juny 27, 2016

This research aims to identify and analyze the appropriation of the elderly use of Information and Communication Technologies and verify that it causes changes in your daily life or it interferes. Specifically, we intend to identify what motivates seniors to attend workshops Informatics and which technology is preferred by them. It also intends to demonstrate the contributions that the workshops on Information and Communication Technologies (ICT) offered at the Centro de Convivência (CC), have given to the elderly are able to take ownership of technological resources to solve their everyday problems. We opted for a qualitative study, based on conceptions of Lüdke and Andrew (2013) and Chizzotti (2005). It used a theoretical framework that allows us to understand the conceptual dimension of the problem studied. Regarding the elderly have Beauvoir (1990), Cachioni (2004), Kertzman (2004), Oliveira (2008), Mercadante (1998), Guimaraes; Ramos (2012). Regarding Information and Communication Technologies used: Frias (2011), Martinez (2006), Santaella (1992), Castells (2005) and to understand the everyday use the reference Heller (2008). Data collection was carried out during the workshops in DC, organized to target public service. The instruments used for data collection were half-open questionnaires to course participants, targeted and monitored way. We can see that the process of learning and the discovery of how to use ICT brought greater motivation to the elderly and aspiration for better interaction with the family and in their daily lives, and to encourage the appropriation of technologies offered in the workshops.

Keywords: Elderly and Information and Communication Technologies. Senior training with ICT. Elderly and everyday.

Sumário

Introdução	14
Capítulo 1 - O IDOSO E SEU COTIDIANO MEDIADO POR TECNOLOGIAS.....	20
1.1.1 <i>Histórico da visão sobre o idoso</i>	21
1.1.2 <i>Uso da Tecnologia de Informação e Comunicação</i>	39
1.1.3 <i>Cotidiano e mudança na vida do idoso</i>	51
Capítulo 2 - O IDOSO E O UNIVERSO DE POSSIBILIDADES DAS TIC	57
2.1 <i>Revisão Sistemática</i>	57
2.2 <i>Fundamentação Teórica</i>	66
2.3 <i>O Idoso e seu Cotidiano</i>	70
2.4 <i>TIC e a formação dos idosos: A Gerontologia Educacional</i>	74
2.5 <i>Inclusão/Exclusão Digital: o potencial da TIC</i>	81
Capítulo 3 - APRENDENDO COM AS TECNOLOGIAS.....	86
3.1 <i>Contextualização e caracterização da instituição-campo</i>	86
3.2 <i>Caminhos percorridos na pesquisa e a metodologia de campo</i>	88
3.3 <i>Conhecendo os cursistas</i>	90
3.4 <i>A Oficina Aprendendo com as tecnologias</i>	92
3.5 <i>O relato da experiência com a Oficina Aprendendo com as tecnologias</i>	96
3.6 <i>Categorização da Oficina Aprendendo com as Tecnologias</i>	112
3.6.1 <i>O Cotidiano dos Idosos</i>	113
3.6.2 <i>Formação Educacional e TIC</i>	116
3.6.3 <i>Inclusão digital e Cotidiano</i>	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS.....	133

Apêndices	146
Apêndice 1 – Questionário 1 - Caracterização do público alvo.....	146
Apêndice 2 – Questionário 2 - Avaliativo “após as oficinas”	148
Apêndice 3 – Protocolo 1.....	150
Apêndice 4 – Protocolo 2.....	153
Anexo - Carta de Apresentação e Autorização para Pesquisa de Campo.....	154

Lista de Ilustrações

<i>Figura 1- Expectativa de vida ao nascer</i>	33
<i>Figura 2 – Pirâmides Etária Absoluta</i>	34
<i>Figura 3 – Fotografia dos cursistas</i>	97
<i>Figura 4 – Fotografia Conhecendo o computador</i>	98
<i>Figura 5 – Desenho cego no Paint</i>	98
<i>Figura 6 – Desenho da casa com uso do lápis</i>	99
<i>Figura 7 – Desenho jardinagem no Paint</i>	100
<i>Figura 8 – Desenho de casas no Paint</i>	101
<i>Figura 9 – Fotografia fazendo acróstico</i>	102
<i>Figura 10 – Tirando foto com</i>	103
<i>Figura 11- Cartão com acróstico, trabalho no Power Point</i>	104
<i>Figura 12 – Cartão para as mães</i>	106
<i>Figura 13 – Navegando na rede</i>	107
<i>Figura 14 – Ouvindo música</i>	108
<i>Figura 15 – Usando o tablet</i>	109
<i>Figura 16- Acessando o facebook com o tablet</i>	110
<i>Figura 17- Utilizando o Smartphone</i>	112

Lista de siglas e abreviações

CC- Centro de Convivência

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CRAS - Centro de Referência e Assistência Social

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social

OMS- Organização Mundial da Saúde

ONU- Organização das Nações Unidas

PDE - Programa de Desenvolvimento da Educação

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios

SPS - Secretaria da Promoção Social

TIC- Tecnologia de Informação e Comunicação

TV - Televisão

UNIVALE- Universidade Vale do Rio Doce

UTI – Universidade para Terceira Idade

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se constitui em um desafio profissional, uma vez que, apesar do convívio e com a atividade profissional com Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no contexto educacional, ainda é desafiador o atendimento ao cursista idoso. O estudo mostra a necessidade de uma didática diferenciada para o atendimento desse cursista, uma vez que trabalhar com sua formação num grupo misto sem atentar para suas especificidades pode refletir na sua exclusão.

O idoso, nas últimas décadas, com o acréscimo da expectativa de vida, vem constituindo uma população crescente, como se observa nos dados do IBGE (2010), que dão conta de que esse segmento da população passou, no Brasil, de 14,5 milhões para 26,3 milhões, entre 2000 e 2010. Com isso, temos uma considerável representação quantitativa dessa população. Além de assumirem um papel mais relevante na sociedade, os idosos têm buscado estar ativos, provocando a quebra de estereótipos e, com isso, inserindo-se nessa realidade emergente que constitui a sociedade da informação.

Observamos que as TIC ocupam vários espaços na sociedade, seja no supermercado, nas agências bancárias, nas casas lotéricas e em nossos lares. Esses lugares estão mediados por tecnologias, contexto no qual os idosos são obrigados a se apropriar de novos conhecimentos técnicos para se incluírem na sociedade, bem como para a execução de suas atividades diárias.

Em consequência das transformações ocorridas na sociedade pela crescente população de idosos, e também, em função do desenvolvimento das tecnologias somos levados a atentar para a relação destes com esse universo tecnologizado, além de para o conhecimento de como essa realidade é reconhecida por eles. Nesse sentido, nossa problemática refere-se ao uso das TIC pelos idosos e nosso problema é apresentado por meio da seguinte questão: a apropriação do uso das TIC pelo idoso provoca mudança ou interferência em seu cotidiano?

Nessa perspectiva, objetivamos, de forma geral, analisar a apropriação pelos idosos do uso das TIC e as mudanças e/ou interferências, caso ocorram, que essas

tecnologias provocam em seu cotidiano. De forma específica objetiva-se identificar o que motiva os idosos a frequentar as oficinas de informática, descrever e analisar como ocorreram as oficinas e as experiências deles frente às ofertas de diferentes tecnologias, assim como sua participação e os resultados alcançados diante de sua expectativa. Busca-se, ainda, refletir sobre as contribuições que as oficinas de tecnologias oferecidas no Centro Convivência têm dado para que os idosos consigam apropriar-se dos recursos tecnológicos para solucionar problemas no cotidiano.

Para atingir os objetivos decorrentes dessa problemática, utilizamos uma metodologia que sistematizasse o estudo teórico e o empírico. A pesquisa de natureza qualitativa apresenta-se como processo dinâmico, em que a coleta de dados da realidade da participação dos idosos na oficina, sua interpretação teórica e a pesquisa bibliográfica apresentam a necessidade de um recorrer ao outro concomitantemente.

O levantamento de dados sobre as motivações do grupo de idosos no uso das TIC nas oficinas permite compreender e interpretar determinados comportamentos, opiniões e expectativas dos indivíduos que constituem o público alvo.

A pesquisa teórica iniciou-se com a exploração de estudos já publicados, com uma revisão sistemática de autores que investigam o tema. “Assim como outros tipos de estudo de revisão, é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema” (SAMPAIO; MANCINI, 2007, p. 84). Dessa forma, buscamos realizar uma análise sistemática no acervo das bibliotecas virtuais¹ que são novas formas e suportes ao conhecimento que estão redefinindo os paradigmas atuais sobre informação, comunicação disponíveis para sites como o portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que, em seu banco de dados, possui um acervo constituído por diversos programas brasileiros de pós-graduação. Esse portal não é restrito à área da educação, mas abrange as várias áreas do conhecimento. Também utilizamos os espaços do

¹Bibliotecas virtuais: <http://www.pucpr.br/biblioteca/livrosdigitais.php>; <http://www.scielo.br/scielo.php?>; www.sibi.ufrj.br/bibliotecas-virtuais.htm; www.fae.edu; <https://www.uniceub.br/biblioteca/acervo.aspx>; www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/educacao/educacao-para-a-terceira-idade.php; www.unati.uea.edu.br/categoria.php?area=CEB entre outras.

*Scientific Electronic Library Online*² (SciELO) e outros portais de diferentes programas brasileiros de pós-graduação em educação com objetivo de sintetizar estudos sobre o assunto.

Para tanto, foram utilizados protocolos de investigação referente ao estudo, por meio de palavras-chave, temas e sentenças de busca. Inicialmente, utilizamos as palavras-chave *Idosos e TIC, formação de idosos e idoso e cotidiano*.

Com as palavras-chave, *idosos e TIC*, desenvolvemos uma pesquisa para buscar teses, dissertações e artigos sobre essa sentença, a partir da qual, surgiram outras temáticas, como: *velho, velho e inovação, terceira idade e tecnologia*.

A partir desse universo de pesquisa com as temáticas, obtivemos resultados a partir dos quais foi realizada uma seleção, observando-se as informações que contribuíam para a construção da pesquisa. Além da revisão sistemática, construímos o referencial teórico, utilizando a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental.

Para desenvolvermos a pesquisa de campo aplicamos dois questionários³ e realizamos *oficinas de tecnologias* para idoso no laboratório do Centro de Convivência⁴, na cidade de Uruaçu, Goiás, espaço educacional não formal⁵, que oferece oficinas para a comunidade como: oficinas de pintura em tela, de redação, de violão, de dança, de alongamento, de culinária, de informática, entre outras.

Nesse espaço de formação, vimos a possibilidade de atendimento do idoso, pois observamos a procura por parte destes por cursos de formação em informática. Nesse aspecto, o Centro de Convivência possui condições favoráveis para a

² Scientific Electronic Library Online - SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos, tais como artigos, dissertações e teses. É parte integrante de um projeto que está sendo desenvolvido pela FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Ciências da Saúde. Desde 2002, o projeto também é apoiado pelo CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O Projeto prevê o desenvolvimento de uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico. Como o projeto se desenvolve, novos títulos de periódicos estão sendo incorporados à coleção da biblioteca. FONTE: <http://www.scielo.br/?lng=pt>

³ Os questionários fazem parte dos Apêndices..

⁴ Centro de Convivência é um espaço público na cidade de Uruaçu, estado de Goiás, ligado à Secretaria Estadual de Educação do Estado, gerenciado pela Superintendência de Inteligência Pedagógica e de Formação, em convênio com a Prefeitura Municipal de Uruaçu.

⁵ Educação em que se aprende "no mundo da vida", via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (GOHN, 2006, p. 1).

realização das oficinas, como sua localização central, a presença de um amplo laboratório de informática e a acessibilidade.

A população da pesquisa para a coleta de dados constituiu-se dos idosos que manifestaram interesse em participar das oficinas. O princípio fundamental norteador para a realização destas foi o respeito para com esse sujeito, de modo que fosse considerado seu valor pessoal, sua forma de atenção, o ensinar e o aprender, a aquisição do conhecimento, a sociabilidade e a elevação da sua autoestima. Da mesma forma, dever-se-ia conhecer seus direitos e deveres para o exercício da sua cidadania. Todos esses aspectos permearam o planejamento da oficina.

Para a consolidação da pesquisa, buscamos um referencial teórico entre autores que contribuíram para a compreensão e alcance dos objetivos propostos. Em relação ao termo *idoso*, temos: Beauvoir (1990), Cachioni (2004), Kertzman (2004), Oliveira (2008), Mercadante (1998), Guimarães e Ramos (2012), entre outros. Estes elucidaram a construção da imagem do idoso, por meio da definição de conceitos tais como: velhice, idoso e terceira idade. Observamos, ainda, que esses conceitos trazem uma visão desses indivíduos, produzindo, com isso, significações e papéis sociais diferentes para eles, segundo seu contexto histórico e cultural.

Em relação às TIC, temos: Frias (2011), Martinez (2006), Santaella (1992, 2004, 2013), Castells (2004, 2005, 2013), que nos trazem à luz, a importância dessa tecnologia para nossa sociedade, e suas interferências e aplicações em nosso dia-a-dia. Com sua incorporação ao cotidiano, torna-se relevante observarmos a influência das TIC para a vida em sociedade. Para a compreensão do cotidiano, a referência utilizada foi Heller (2008).

Como referência metodológica, utilizamos Sampaio e Mancini (2007), Minayo(org) (2013), Lüdke e André (2013), Triviños (1987), entre outros. Utilizamos para compreensão e análise dos dados a metodologia de categorização que segundo Olabuenaga e Ispizúa (1989), o processo de categorização é um procedimento de redução de dados, para se realizar um processo de comunicação de uma ou várias informações destacando-se seus aspectos importantes para a pesquisa.

Organizamos o estudo em três capítulos. Na primeira parte do primeiro capítulo, apresentamos uma linha evolutiva do conceito de velhice, desde a

antiguidade até a idade contemporânea. Apresentamos diferentes conceitos de idoso, e neles buscamos entender a visão desses conceitos em seus contextos sociais e históricos. Buscamos, ainda, compreender como as alterações demográficas produziram mudanças nas políticas públicas que se referem ao idoso.

Na segunda parte desse capítulo, apresentamos, ainda, a abordagem das TIC e nela temos como referência: Frias (2011), Kachar (2003), Martinez (2006), Castells (2005), Santaella (1992), Levy (2001), Pellanda (2003), entre outros.

Na última parte do primeiro capítulo realizamos um estudo sobre a teoria do cotidiano sob as bases teóricas de Heller (2008) e Guimarães (2002), que possibilitaram a compreensão da vida do homem particular e genérico, nos aspectos de sua individualidade, na superação do senso comum, para compreensão da influência das TIC no cotidiano do idoso.

No segundo capítulo, apresentamos a revisão de literatura e o referencial teórico. O capítulo foi estruturado em duas partes: a primeira apresenta o levantamento dos dados da revisão sistemática referentes ao idoso e a seu cotidiano, a formação para as TIC, seu uso e à inclusão/exclusão social. A segunda faz referência a documentos e livros que abordam os conceitos de *idoso* e seu cotidiano, o uso de tecnologias e a inclusão/exclusão digital, além de outros assuntos relevantes à compreensão da temática em estudo. Assim, os estudos indicaram os referenciais teóricos de Frias (2011), Kachar (2003), Santaella (1992), dentre outros, que permitiram discorrer sobre a proposta dessa pesquisa.

A abordagem do terceiro capítulo refere-se à apresentação dos dados da pesquisa, a análise das oficinas de atendimento ao idoso, os dados coletados e sua categorização. Essas análises contam, ainda, com as descrições das experiências e os relatos vivenciados com o público alvo frente às ofertas de diferentes tecnologias

utilizadas na oficina, que foram: o computador⁶ de mesa, *notebook*⁷, *tablet*⁸ e celular *smartphone*⁹.

As oficinas foram nominadas “*Aprendendo com as Tecnologias*” e nelas foram coletados os dados referentes à participação dos idosos. Os fatos ocorridos nos permitiram a análise e o elencar de categorias.

Dessa forma, a pesquisa buscou contribuir para estimular, motivar a expectativa dos idosos na apropriação das TIC em seu cotidiano. Além disso, proporcionou a divulgação dos resultados, na expectativa de que outros espaços como o de convivências, escolas, instituições que lidam com as pessoas idosas venham a desenvolver programas, projetos e ações voltadas para formação em tecnologia para esse público.

⁶ O computador é uma máquina cuja característica principal é a de processar dados (efetuar operações lógicas e aritméticas, fornecer resultados) e armazenar esses dados para posterior utilização. O computador é formado por: hardware: parte física, ou seja, a máquina em si (teclado, mouse, gabinete, etc), software, da parte lógica, ou seja os programas (Word, Excel, PowerPoint, etc) e dados (informações, arquivos criados).

⁷ Computador portátil.

⁸ Um tipo de computador portátil, de tamanho pequeno, fina espessura e com tela sensível ao toque (touchscreen). É um dispositivo prático com uso semelhante a um computador portátil convencional; no entanto, é mais destinado para fins de entretenimento que para uso profissional.

⁹ Telefone celular significa telefone inteligente, em português e é um termo de origem inglesa. O *smartphone* é um celular com tecnologias avançadas, o que inclui programas executados em um sistema operacional equivalente aos computadores.

Capítulo 1

O IDOSO E SEU COTIDIANO MEDIADO POR TECNOLOGIAS

A proposta deste capítulo é apresentar os elementos essenciais que constituem a presente pesquisa. Assim, nele estão inclusos três elementos componentes da problemática: *idoso*, *Tecnologias da Informação e Comunicação* e *Cotidiano*. Diante do tema do idoso, buscamos referenciais que permitissem compreender seu contexto, assim como os termos que envolvem tal questão. O problema que remete à pesquisa é: como ocorre a apropriação pelos idosos do uso das tecnologias da informação e comunicação e, qual a interferência disso, caso exista, em mudanças no seu cotidiano.

No primeiro capítulo discorreremos sobre o idoso com base no estudo de conceitos historicamente constituídos e de seu contexto na sociedade, seu amparo legal e a condição do idoso na apropriação do conhecimento. Nessa direção, investigamos as possibilidades que têm garantido ao idoso uma maior expectativa de vida. Outro aspecto importante é a percepção do valor dado a essa fase da vida, a percepção de como o indivíduo, quando chega a esse período da vida, é interpretado pela sociedade, que se utiliza de variadas classificações, tais como *velho*, *idoso* e *terceira idade*.

No segundo momento, apresentamos, de forma mais próxima, as tecnologias que permeiam o universo do idoso na sociedade, investigando sua presença no cotidiano. Buscamos compreender a influência da tecnologia no dia a dia e se essa presença interfere em seus hábitos. Destacamos entre essas tecnologias, a TIC, que está presente no universo diário da sociedade, também estabelecendo sua influência sobre os idosos.

O terceiro momento traz a compreensão do *cotidiano* para se entenderem as possibilidades do idoso no universo tecnologizado. Entendemos que a análise do cotidiano constitui elemento essencial para se compreender como ocorre a participação da tecnologia na vida do idoso, pois, é compreendendo o cotidiano dos indivíduos que podemos observar suas ações e seus instrumentos, o que nos ajuda na busca da superação de seus problemas diários.

1.1 Histórico da visão sobre o idoso

Esta primeira parte trata de alguns conceitos e aspectos legais que definem o idoso. É estabelecida uma idade cronológica para que o indivíduo seja compreendido como idoso e o entendimento histórico-cultural desse termo. Em relação à visão do idoso, percebe-se que há uma variação na sua compreensão em função dos valores culturais de determinadas épocas. O conceito de idoso perpassa por vários momentos históricos e, nesse sentido, apresenta uma variação epistemológica.

A palavra velho é originada do latim *vetulus*, diminutivo de *vetus*, que significa, idoso, antigo. Conforme o dicionário, velhice significa estado ou condição de velho, vetustez, antiguidade, idade avançada, rabugice de velho (FERREIRA, 1986).

Ao se analisar o significado dessa referência, vê-se que se trata do sujeito de idade mais avançada, de mais idade, e que se deve ao fato de que, a princípio, as pessoas não tinham vida muito longa como nos dias atuais.

Essa análise pode ser confirmada pelos estudos de Mascaro (2004), ao verificar que a expressão que corresponde ao sujeito de mais idade, “a expressão velho, que nos leva a pensar em algo antiquado, desgastado ou obsoleto, foi substituída por idoso, significando a passagem do tempo e aquele que tem bastante idade” (p. 69).

A noção de velhice também se estabelece pelo uso indiscriminado de termos pejorativos ou conceitos determinados culturalmente em seus respectivos períodos históricos, conforme esclarecem Benetti, Fagundes e Zanella (2011):

Historicamente, a noção de velho ou velhote estava fortemente vinculada à incapacidade para o trabalho, à decadência, e de certa forma simbolizava o sujeito velho e pobre, enquanto que idoso era um termo mais atribuído aos que viviam socialmente bem. Através da mudança da estrutura social, com a nova política social para a velhice, ocorrida no século XX, houve também um aumento de prestígio dos aposentados. Os indivíduos passaram a ter outra percepção do velho, bem como termos pejorativos relativos a esta faixa etária foram eliminados dos textos oficiais (p. 216).

No decorrer da história da humanidade, a representatividade do velho atrela-se aos saberes e conhecimentos, sendo valorizada e reconhecida sua experiência de vida, remetendo o termo velhice, no decorrer dos tempos, a seu significado histórico e cultural. Assim, observa-se uma ressignificação do conceito de idoso ou velho, que deixam de ser qualificadores de idade ou de classes sociais. O termo velhice passa gradativamente a ser substituído por terceira idade e, mais recentemente, por maturidade. Segundo Brito e Valle (2012),

Abordar tópicos ligados ao envelhecimento traz também como desafio a interpretação de rótulos sociais ou expressões metafóricas que se aplicam ao indivíduo que, por critério cronológico, ultrapassa os 60 anos de idade: idoso(a), antigo(a), velho(a), velhinho(a), senhorzinho(a), aposentado(a), indivíduo de idade avançada, da “melhor idade”, da terceira idade, da maturidade, criando imagens múltiplas e variadas, às vezes estereotipadas, mais preconceituosas umas, menos negativas outras (p.30).

Repleta de significados, a velhice se apresenta mediante períodos históricos e na representatividade das culturas acompanhando significados da humanidade em tempos e espaços variados. O significado de velhice compreendida, porém, como etapa inevitável que antecede a morte, é comumente encontrado, pelo menos implicitamente.

Assim o envelhecimento apresenta várias fases marcadas e constituídas por meio de significados atrelados a concepções socioculturais. Compreendido em sua totalidade, o envelhecimento é um fenômeno biológico com representações psicológicas que são caracterizadas como aspectos da velhice conforme a cultura.

Sendo a velhice uma situação humana tem uma dimensão existencial, que modifica a relação da pessoa de acordo com seu contexto, o que nos leva a compreender que há velhices.

Isso, conforme a cultura em que se está inserido, a sociedade em que se vive e as relações interpessoais e consigo mesmo também influenciará no envelhecimento, que poderá ser reconhecido ser vivido de formas diferentes, gerando mudanças nas relações com o mundo e com a própria história. Assim, a velhice não poderia ser compreendida apenas como um fator biológico, mas, também como fato cultural. (Beavouir, 1990).

Neste aspecto objetivamos nessa pesquisa aproximarmo-nos ao sujeito idoso com valores mais humanísticos, reconhecendo nele um ser em potencial, que deve ter privilégios e atenção.

A referência que fazemos independente da nomenclatura utilizada para o período da vida com mais idade, seja velhice, maturidade, terceira idade entre outros, o idoso é um ser em processo de vida é um ser humano que necessita de espaços para viver com longevidade.

Ainda assim a palavra velhice é sempre carregada de significados como inquietude, fragilidade, angústia, decadência, senilidade. Essas significações se modificam, dependendo do período histórico ou cultural. Essa interpretação reafirma que não existe uma concepção única ou definitiva de velhice, mas sim concepções incertas, opostas e variadas através da história.

Em sua dissertação, Kertzman (2004) contribui para a compreensão referente à velhice dos tempos mais antigos, como nas sociedades babilônica, hebraica e da Grécia Antiga. Essas civilizações, nas quais eram enaltecidas a beleza e a força da juventude, trataram os problemas imanentes à velhice como desvantagens e inconveniências, contudo, na busca de conservar a juventude, impedindo o processo de envelhecimento.

Nesse sentido, a velhice era considerada inconveniente e as civilizações preocupavam-se em impedi-la, ou seja, não se preocupavam em dar continuidade à vida, mas sim, em transformá-la de forma a se continuar jovem. Outros filósofos como Platão, citado por Kertzman (2004), apresentaram uma nova concepção de velhice, que conduziria a uma melhor harmonia, a prudência, a sensatez, a astúcia e a juízo.

Na sociedade romana, os anciãos, como eram designados os de mais idade, tinham privilégios, o que despertava o ódio dos mais jovens. Contudo, Cícero¹⁰, em sua obra “*De Senectute*” defendeu o velho, muito embora tenha sido no Império Romano que se iniciou a decadência do velho, em consequência, do aumento da superioridade juvenil.

¹⁰Marco Túlio Cícero foi filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. Autor da obra “*De Senectute*”: Saber Envelhecer, traduzido por Damião de Goes, obra original que se encontra na Biblioteca Pública Municipal do Porto, que traz o seguinte frontispício: Cícero de Senectute. Dedicado ao Ilustre Senhor Dom Francisco de Souza Conde de Vimioso. Na obra, Cícero aponta quatro razões que levam as pessoas a acharem a vida detestável e desmistifica cada uma delas. FONTE: <http://cvc.instituto-camoes.pt/olingua/03/lingua04.html>.

Nas sociedades orientais, o velho tinha privilégios sobrenaturais que lhe concediam uma vida longa, a qual se associavam sabedoria e experiência. O cristianismo, por sua vez, relacionava a velhice à decrepitude, à feiura e ao pecado. Assim, “na Idade Média, os poderios militares colocavam os anciãos como submetidos aos mais fortes e formavam parte da população escrava e servil”. (BEAUVOIR, 1990, p. 17).

Contudo, ainda em Beauvoir (*Idem*, p. 15), explica-se que

A velhice, como todas as situações humanas, tem uma dimensão existencial: modifica a relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em estado natural: na sua velhice, como em qualquer idade, um estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence.

Neste sentido, percebe-se que o ser humano não vive seu estado natural, conforme aponta Beauvoir (1990), mas se adapta às condições das causas que lhe são impostas pela sociedade. Os idosos são conscientes da naturalidade da vida, o que ocasiona a aceitação de sua condição, ou seja, não veem perspectivas de futuro; necessitam, no entanto, ter dignidade para percorrer a velhice.

Percebe-se que os conceitos vêm passando por transformações, em função de ideologias estabelecidas política e socialmente. Conforme análise de Kertzman (2004), durante os séculos XIV e XV, a peste e a cólera dizimaram parte das populações mais jovens com a mortalidade de milhares; isso resultou uma grande população de velhos que sobreviveram às pestes.

O século XVI foi marcado por atos de violência contra o velho, como consequência da adoração e do culto à beleza e à juventude. Ainda nos séculos XVI e XVII, com a valorização do pensamento científico, introduziram-se novas formas de pensar que enfatizavam a observação, a experimentação e a verificação, podendo-se então, descobrir as causas da velhice mediante estudo sintomático. A partir daí, passa-se a compreender a velhice a partir de uma perspectiva biológica.

Porém, com o advento da industrialização, o termo velho recebe, conforme Kertzman (2004), nova conotação, passando a ser visto como sujeito incapaz e improdutivo, visto que as condições mercadológicas passaram a valorizar o vigor físico, como também a técnica, tornando obsoleto o saber adquirido com a experiência de vida.

No século XVIII, os avanços no campo da fisiologia, da anatomia, da patologia tornaram possível uma mudança que se refletiu na população anciã. Os avanços na ciência que possibilitaram a produção de medicamentos, como, por exemplo, o surgimento dos antibióticos, oportunizaram uma melhoria progressiva na qualidade de vida dos idosos. A partir do século XIX, portanto, houve um acréscimo no número de pessoas em idade avançada como consequência dos avanços da medicina. Segundo (KACHAR, 2003),

Para se ter uma ideia das mudanças e fazer uma comparação, observe-se a expectativa de vida, no mundo, em algumas épocas: no início da era cristã a expectativa de vida ao nascer era de 30 anos e permaneceu nessa média até o Renascimento, já em 1800, o tempo médio de vida passou para 40 anos e, para 45 anos, no início de 1900. Com a Revolução Industrial, urbanização, saneamento básico, melhores condições de moradia, educação e trabalho, a vida passou a ter, em 1930, uma projeção de 60 anos para países desenvolvidos (p.30).

A partir dos séculos XIX e XX, a velhice passa a ser considerada nova etapa da vida, devido a uma série de mudanças que contribuem para uma visão ampliada do universo do idoso, dentre as quais a medicina e a institucionalização das aposentadorias. Em Chopra (1994), as novas descobertas da neurologia deram aos idosos vigor no ânimo. A observação de que o cérebro possuía mecanismos de regeneração, assim podendo produzir novas células cerebrais, representava uma oportunidade de atrasar os efeitos do tempo.

De acordo com Kertzman (2004), no século XX, surgiram a medicina gerontológica e a geriatria. Contudo, não facilitaram a condição do velho, que continuou excluído. No entanto, apesar da grande representatividade de idosos ativos ainda se tem a desvalorização do indivíduo. Oliveira (2008) faz algumas referências que justificam a condição da velhice.

A velhice não é um processo único, mas sim a soma de vários outros, distintos entre si, embora eles assumam características peculiares, como o declínio físico que acarreta alterações sociais e psicológicas explicitamente definidas (p.24).

Com relação à complexidade da velhice, apesar das características físicas e da ideia de perda da capacidade, o idoso deve ser entendido de uma maneira mais

global percebendo-se todos os seus aspectos: Assim, Oliveira (2008) apresenta esclarecimentos em relação a esses aspectos que indicam situações para melhor se compreender o idoso.

Existem algumas mudanças visíveis que se operam nos aspectos externos das pessoas, as chamadas mudanças de aparência, acompanhadas da diminuição das capacidades orgânicas, as quais, no idoso, são inevitáveis e reais. Juntamente ao envelhecimento físico, é importante alimentar-se ideais, ter consciência da necessidade de ser amado e de se aceitar. É imprescindível se sentir útil, ter autonomia, espaço de ação, consciência moral, ética e valores definidos (p.24).

A condição do idoso de estar ativo depende de condições físicas e psicológicas, entre outras situações relacionadas à condição humana. Oliveira (2008) ainda indica que a condição do idoso também se atrela a suas emoções e, portanto,

Ser velho não significa ser triste. Pelo contrário, a alegria pode encontrar sua expressão máxima nesta fase da vida. O declínio orgânico traz consequências de ordem física, psicológica e social. A velhice precisa ser compreendida na sua totalidade. Ela não representa apenas um fato biológico. É também um fato cultural. Deriva ser um coroamento das etapas da vida, do processo de viver. A acomodação é prejudicial, e a rotina favorece a mesma (*Ibidem*).

Subsequente à ideia posta de que são vários os fatores que correspondem à velhice, Moragas (1997) explicita que “o tempo é ambivalente: pode ser benéfico ou prejudicial, de acordo com as condições da pessoa e do meio. [...] Se o tempo livre não for preenchido com atividades significativas para a pessoa, pode se tornar uma carga pesada” (p. 218), conforme também a necessidade e atenção provindas do meio em que o idoso está inserido. As reações dos idosos no enfrentamento e busca de novas formas de vida ou na desistência delas na velhice pode estar diretamente ligada a seu contexto social.

Temos em Mercadante (1998) mais uma explicação referente à velhice que nos ajuda na compreensão desse ciclo de vida.

A vivência primeira da velhice se dá no corpo. O corpo, por si, não revela como atributo a velhice, mas, uma vez, que ela como estigma, se instala no corpo, ela passa a inquietar o idoso [...] A visão do seu

corpo imperfeito, em declínio, enfraquecido, enrugado, etc, não avalia só o corpo, mas sugere imediatamente ampliar-se além do corpo. Sobre a personalidade, o papel social, econômico e cultural do idoso. (p.64).

Conforme esclarece o autor, a complexidade que envolve esse ciclo de vida está interligada com outros fatores, tais como situação econômica, questão cultural, social e outras. Traz ainda uma realidade que apresenta um universo restrito e particular.

São essas ideias relacionando velhice e tempo, que apontaram para um velho que não investe no presente e nem projeta para o futuro. Essas ideias conformam uma ideia de idoso que só tem passado, lembranças para rememorar, e no futuro, o confronto com a morte. Essas ideias negam a possibilidade de futuro para o velho. (MERCADANTE, 1998, p.64).

A velhice está vinculada ao processo de modernização das sociedades, sobretudo a modernização da medicina, que utiliza o termo não somente para definir o envelhecimento físico, como também para exercer uma influência social relevante, como indica Silva (2008).

Assim, a pessoa de mais idade entra em decadência por se tornar inútil na perspectiva da produção e do capital. Como se observa, há uma diversidade de possibilidades conceituais referentes à condição do idoso, sendo necessário estabelecer-se uma reflexão sobre essas proposições.

Contudo, a população de idosos cresce frente ao número total de habitantes, provocando o envelhecimento das sociedades. Com isso, ocorre a necessidade da criação de políticas de assistência aos idosos. Essa movimentação provocou uma série de debates.

Entre esses debates algumas mudanças ocorreram a partir de 1956, com as discussões apresentadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), cujo estudo sobre o envelhecimento trouxe em assembleia o comprometimento dos países e dos governos com relação à questão social do envelhecimento. Nesse sentido, compreende-se que o envelhecimento da humanidade é reflexo de vários fatores, tais como: os avanços da medicina, saneamento básico, diminuição da mortalidade, entre outros.

No Brasil, essa realidade começa a mudar a partir de 1960, quando surgem as primeiras ações políticas mais efetivas do estado brasileiro na construção de um sistema de assistência social que previa ações para permitiram o surgimento das aposentadorias e de políticas de saúde destinadas especificamente aos idosos. As ações de grupos organizados, como as entidades de gerontologia, que ganhavam força frente ao envelhecimento na coletividade, passaram a pressionar o estado para a realização de ações de proteção aos idosos.

É somente na década de 1980, porém, que as políticas públicas começam a ser institucionalizadas e normatizadas, constituindo-se a primeira vitória política desse período a presença da referência aos idosos na Seção IV - Da Assistência Social - na Constituição de 1988, estando a proteção do estado à população idosa assegurada no artigo 203 da atual Constituição Federal.

Art. 203. A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos: [...] I - a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à **velhice**; [...] II - o amparo às crianças e adolescentes carentes; [...] III - a promoção da integração ao mercado de trabalho; [...] IV - a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária; [...] V - a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência **e ao idoso** que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei (grifos nossos).

Deu-se, então, origem a ações políticas públicas, entre as quais destacamos, a Política Nacional dos Idosos - Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994 - que busca garantir a cidadania, autonomia, integração social, bem-estar, direito à vida colocando-os como dever do estado e da família. Há também a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), que regula a garantia de sobrevivência de idosos por meio de assistência econômica. Em 1998, a Lei Federal nº 9.720, de 30 de novembro de 1998, reduz a idade mínima para recebimento de benefício de 70 anos para 67 anos. Em 2003, é promulgado o Estatuto do Idoso, Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, que passa o requerimento do benefício para 65 anos.

O Estatuto do Idoso, no Brasil, constitui um dos principais instrumentos de proteção dos direitos dos idosos. Estabelece proteção integral ao idoso, prevendo os direitos à saúde, à alimentação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar. Esses são

direitos essenciais à condição humana, uma vez que garantem um envelhecimento digno.

Todos vivem estes fenômenos biológicos, que correspondem ao ciclo da vida. Neste sentido, Lima (2001a) afirma que “o envelhecimento de cada um se efetua no decorrer da vida” (p. 23). Sendo assim, as condições culturais, os espaços físicos geográficos, as experiências ao longo do tempo tornam os sujeitos idosos pessoas diferentes, que se constituem em grupos diversificados, em função de sua história de vida.

Compreendemos que o processo de envelhecimento corresponde a uma das etapas da vida e é inerente a qualquer ser vivo. O envelhecer acelera o declínio de algumas capacidades funcionais e aptidões que são construídas desde a infância até a fase adulta. Motivo pelo qual, o sujeito idoso se vê diante de uma nova realidade, que pode ou não ser provocativa para a busca de diferentes possibilidades que constituem mudanças no seu cotidiano.

Portanto, como afirma Beauvoir (1990) o “a velhice não é um fato estático; é o término e o prolongamento de um processo, este denominado de envelhecimento” (p.17). Fica explícito que, diante desse processo, o sujeito perpassa situações diferenciadas, as quais, de acordo com o seu contexto, podem influenciar ou interferir no seu desenvolvimento na velhice.

Entendemos que a velhice tem significados diferentes dependendo dos períodos históricos, dos grupos sociais e das culturas de cada sociedade. Nesse sentido, várias são as etapas as quais os idosos perpassam no decorrer da vida.

Conforme explica Mazzucco (1995), “a velhice é então definida como parte do desenvolvimento do homem. É o resultado de sucessivas passagens ocorridas no indivíduo, tanto física e psicologicamente, quanto cultural ou socialmente” (p.11). Essas passagens constituem o processo da vida de qualquer ser que alcance a velhice.

Nesse sentido, o idoso é visto como alguém que acumulou várias experiências constituindo sua própria história. A história de cada sujeito é única, marcada por fatos nos quais interagem fatores biológicos, culturais e sociais entre outros que irão interferir na sua condição de vida. Afirma Beauvoir que “a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fator biológico, mas também um fator cultural” (*op. cit.*, p. 20).

Temos, no século XXI, algumas considerações que se referem aos aspectos do idoso, como as da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2010), que classificam o envelhecimento em quatro estágios, representados pela meia-idade, entre 45 a 59 anos; o idoso, entre 60 e 74 anos; o ancião, de 75 até 90 anos; e a velhice extrema, com mais de 90 anos.

Nessa perspectiva, os aspectos que se referem aos idosos condizem com a continuidade da vida, ou seja, o prolongamento da vida, que recebe a denominação de longevidade¹¹. Devem ser consideradas situações atuantes sobre a vida longa¹² ou a longevidade, tais como os avanços da medicina, boa alimentação, prática de atividades físicas, ambiente saudável para se viver e etc.

Outros aspectos devem ser observados em relação ao idoso, devendo-se considerar o contexto cultural e familiar que atribui valor a seu desempenho. Ou seja, o idoso responderá às suas tarefas mediante os estímulos recebidos em seu contexto; assim também, todas as fases vividas pelo ser humano relacionam-se entre si, e as consequências como prejuízo ou *déficit* poderão comprometer outras tarefas subsequentes.

Witter (2006) nos esclarece que as diferentes fases possuem tarefas específicas a serem cumpridas. Assim, na

Infância/meninice a pessoa tem como tarefa básica dominar a leitura e a escrita, que servirão de instrumentos para sua independência, para uma comunicação mais ampla e efetiva, para viabilizar posteriormente melhores escolhas de formação e profissionalização, entre outras possibilidades melhores. Infelizmente, contingências socioculturais e econômicas muitas vezes impossibilitam o cumprimento dessa tarefa no momento adequado do ciclo da vida. Muitas pessoas sequer conseguem cumpri-la ao longo da vida, outras só a irão cumprir mais tarde, na adolescência, na vida adulta ou mesmo na velhice. Certamente isso prejudica o cumprimento satisfatório de outras tarefas, representando muitas vezes exclusão, perda de autoestima, redução na sua qualidade de vida, além de prejuízo para a sociedade como um todo (p.14)

Com isso, o autor confirma que, na condição da velhice, alguns aspectos podem contribuir para a qualidade de vida do idoso, pois para cada etapa existem

¹¹ Longevidade qualidade de longo; vida longa, dilatada. Ferreira (1986, p. 1047)

¹² Longevo de que tem muita idade; grandevo, idoso. Ferreira (1986, p. 1047)

tarefas que correspondem às expectativas sociais pertinentes ao momento de vida do sujeito. Porém, muitas vezes, as tarefas inerentes às diferentes etapas de vida não são realizadas a seu tempo e, em consequência, podem ocasionar *déficit* na qualidade de vida e o sujeito chega à velhice sem ter obtido realização pessoal e profissional, o que gera exclusão social, perda de autoestima, dentre outros problemas.

As condições dos idosos correspondem ao envelhecimento biológico, que leva a situações de desconforto, pois as dificuldades provenientes do recrudescimento de suas habilidades físicas motoras e visuais acabam reduzindo sua capacidade de interação social.

Diante das concepções apresentadas sobre o envelhecimento, será utilizado neste estudo o conceito apoiado na justificativa e explicação dada por Oliveira (2008) que apresenta a velhice como processo natural da vida, que deve ser visto, não apenas sob o aspecto biológico, mas na totalidade do ser.

Em um contexto de improdutividade do velho (idoso), foi institucionalizada a aposentadoria, que reafirma a condição de velhice como invalidez.

Como afirma Jordão Netto (1997),

A aposentadoria significa uma espécie de “atestado oficial” de envelhecimento do sujeito, um símbolo do ritual de passagem que vai estigmatizá-lo como um “inativo” e decretar, em última análise, sua velhice também como ator social. (p. 65).

A aposentadoria pode ser definida como a ação de se afastar do trabalho após completar certo tempo de serviço estipulado pela lei; ao ter atingido certa idade, ou por motivo de saúde, é posto em inatividade e passa a receber uma pensão. (BRASIL, 2014).

Porém, na visão de Silva (2008), o sujeito aposentado não é somente inválido e incapaz; é, acima de tudo, um ser de direitos e privilégios sociais legítimos. O sistema previdenciário brasileiro garante a muitos uma condição mínima de vida como também poderá abrir espaços para outras oportunidades ao sujeito idoso.

Nesse sentido, a aposentadoria significa para o indivíduo, um momento significativo de transformação das suas condições cotidianas. O fim das jornadas de trabalho diárias que ocupavam todo o tempo e o esgotavam abre espaço para uma

nova realidade, onde o tempo passa a permitir a realização de desejos, que, anteriormente, não poderiam ser realizados.

No entanto, essa visão positiva da aposentadoria ainda remete ao auxílio a familiares, como também possibilidade de planejar algum tipo de consumo. Já que a aposentadoria cria uma estabilidade financeira, permitindo o planejamento de seus gastos e investimentos. Porém, essa não é a realidade de todos os idosos.

No Brasil, temos vários tipos de aposentadoria, que no sistema previdenciário brasileiro apresenta três categorias: Regime Geral da Previdência Social, Regime Próprio de Previdência Social e Previdência Complementar. A previdência oferece quatro tipos de aposentadoria: por idade, trabalhadores rurais, por tempo de contribuição e por invalidez. Ainda existe a aposentadoria especial destinada aos trabalhadores expostos a agentes nocivos à saúde, sejam físicos, químicos ou biológicos. (BRASIL, 2014).

No Brasil, a população idosa já ultrapassa 13% de uma população de 201,5 milhões de pessoas, o que corresponde a 26,1 milhões de idosos, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em setembro de 2014, que apresenta dados referentes à população e nela se evidencia uma redução no número de crianças e um acréscimo do número de idosos.

Assim, a projeção divulgada pelo pesquisador Borges; Campos e Silva (2015), corresponde aos apontamentos divulgados em agosto de 2012, de que no Brasil, os idosos deverão representar 26,7% da população (58,4 milhões de idosos para uma população de 218 milhões de pessoas); em 2060, teremos uma proporção 3,6 vezes maior do que a atual.

Dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam que a partir de 2060, a expectativa de vida prevista é de 78,5 anos para homens e 84,4 anos para as mulheres. Esse acréscimo corresponde a um aumento de 6,8 anos para os homens e 5,9 para as mulheres em relação a 2013.

A expectativa de vida atingirá 80 anos (BORGES et al, 2015) em 2041; outros países também já passaram por essas mudanças; o Brasil, contudo, apresenta um diferencial; essas mudanças serão mais rápidas, em torno de 40 a 50 anos. Pressupõe-se que um dos fatores que tenha contribuído para o aumento da expectativa de vida sejam as tecnologias.

Nesse cenário, a principal parcela da população a ser sustentada, anteriormente composta majoritariamente por crianças, deve passar a ser de idosos. Conforme, as figuras 1 e 2, abaixo, explicitam, a estimativa de vida ao nascer evidencia uma disparidade entre a do homem e a da mulher. Pelo indicado no estudo, a população deverá ter, em média, 81,2 anos de vida. Observando-se as variações entre homens e mulheres tem-se uma previsão de mais tempo de vida para a população expressa em estudos do IBGE (2013): em um período de 47 anos, teremos alterações tanto para os homens quanto para as mulheres.

As mulheres terão um acréscimo de 5,9 anos em sua expectativa de vida, de 2013 a 2060, de enquanto os homens terão um acréscimo de expectativa de vida de 6,8 anos. Contudo, mesmo tendo uma diferença maior entre homens e mulheres a mulher terá um período de vida mais longo, o que representa para a mulher em torno de 6,4 anos a mais que o homem.

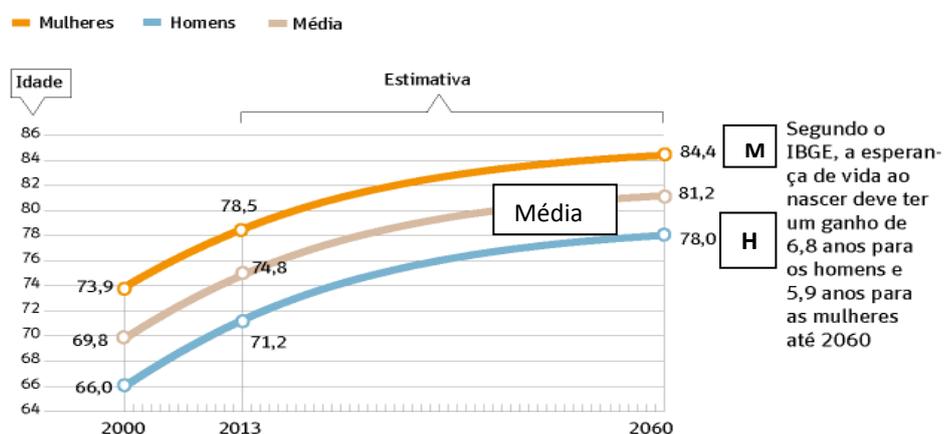
Conforme os estudos, haverá uma inversão da pirâmide etária (figura 2) que representa as alterações da expectativa de vida para os próximos anos, ocasionado mudanças nas formas de atendimento ao idoso assim como, nas políticas sociais para o idoso, nas regras da previdência que tratam das aposentadorias.

Neste aspecto, as políticas públicas estão propondo mudanças que poderão alterar as regras de aposentadoria.

Temos que considerar que o processo de envelhecimento da população nacional está se consolidando a cada dia.

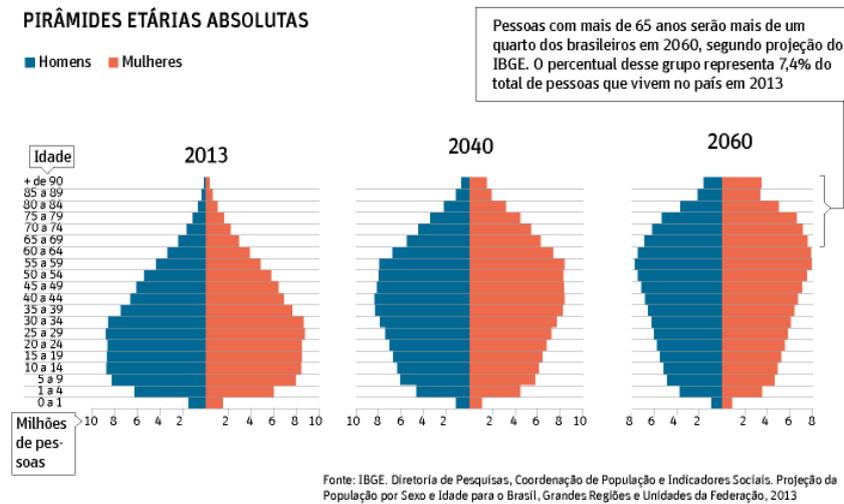
Figura 1

ESPERANÇA DE VIDA AO NASCER



Fonte: IBGE (2013)

Figura 2



Fonte: IBGE (2013)

No Brasil, ocorre desde 1980, uma queda na mortalidade; com isso, o envelhecimento da população também se amplia a cada ano. Conforme análise dos dados, a criança brasileira nascida em 2013 terá uma projeção de vida de 71,2 anos para homens e 74,8 para mulheres.

A partir das análises do censo, Borges, Campos e Silva (2015) explicam que, em 2060,

[...] as mortes serão 62% superiores aos nascimentos, o que significa que, para cada 100 mortes no Brasil, apenas 62 pessoas irão nascer. O último ano em que os nascimentos vão superar as mortes será 2042. Já no ano seguinte, em 2043, as mortes superarão os partos em 2%, aumentando esse percentual gradualmente até 2060 (p. 12).

Compreende-se, por meio dos dados do Instituto Brasileiro Geografia e Estatísticas (IBGE) (Brasil, 2010), que a realidade da população idosa não é somente uma situação do país como de diversos outros países, tais como Chile, com uma população de 1,5 milhões de idosos, equivalente a 9,3% da população; Argentina, com 4,5 milhões, ou seja, 10,9% da população; Canadá, Com 5,2 milhões de idosos, o que representa 16,5% população; Estados Unidos da América, com 40,2 milhões de idosos, totalizando 13% da população e o Brasil, com uma população de 13,2 milhões de idosos somando 6,6% da população brasileira.

As transformações demográficas iniciadas no último século se traduzem por uma população cada vez mais envelhecida, situação consolidada pelas informações do IBGE (2010), conforme os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) divulgada em 2014. Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2013, a expectativa de vida do Idoso apresenta uma média alterada de 75 para 81 anos. Há diferença na expectativa de vida entre homens e mulheres, sendo que se prevê que as mulheres continuarão vivendo mais que os homens. Está prevista para as mulheres uma expectativa de vida, em 2060, de 84,4 anos enquanto para os homens essa expectativa é de 78,03 anos.

Diante do aumento de expectativa de vida da população, no Brasil, em 2003, no dia primeiro mês de outubro, é sancionada a Lei Nº 10.741 - Estatuto do Idoso - que trouxe novas perspectivas para a vida do idoso; a partir da execução da lei, várias foram as medidas tomadas em atendimento à lei, no sentido de assegurar proteção, saúde e atendimento prioritário ao idoso.

No capítulo V do Estatuto do Idoso, que se refere à educação, cultura, esporte e lazer do idoso, traz seus artigos:

Art. 20. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade. [...] Art. 21. O poder público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologia e material didático aos programas educacionais a ele destinados. [...] § 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdos relativos às técnicas da comunicação, computação e demais avanços tecnológicos da vida moderna para sua integração á vida moderna. [...] Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento ao respeito e a valorização do idoso de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimento sobre a matéria.

Apesar de regulamentadas, as ações voltadas ao atendimento ao idoso ainda não são suficientes para o cumprimento efetivo da lei. Existem vários empecilhos que dificultam a oferta de formação para o adulto idoso. Segundo Souza e Gleria (2012),

O Estatuto do Idoso veio para dar visibilidade ao indivíduo dessa faixa etária, veio para incluí-lo, veio para nortear ações que

esclareçam a sociedade quanto ao processo de envelhecimento. Nesse sentido, o papel da educação e dos meios de comunicação é essencial e decisivo para a desconstrução dos estereótipos relacionados à velhice.[...] O Estatuto do Idoso é um primeiro passo, mas a legislação por si só não muda a essência dos comportamentos sociais; daí a importância da educação e do novo acolhimento que as instituições educacionais podem dar a esses cidadãos, requalificando seus espaços de atuação(p.105).

Torna-se necessário compreender que há legislação que ampara o idoso para sua formação, mas ainda insuficiente para a demanda existente. Deve-se compreender que os interesses do idoso diferem dos do adulto e do jovem; não estão voltados para o contexto da produção, mas para outros universos, como o da socialização.

Nesse sentido, existem indicações para explicar as possibilidades do sujeito idoso, visto que este requer uma atenção específica, regada por afetos que promovem a autoestima.

Considerando as referências do que garante a formação no Brasil, concluímos que não existe preocupação com o bem estar da pessoa idosa, mas sim a preocupação com formação para a produção, ou seja, compreende-se que a proposta está voltada para a formação, para a produtividade, e para o trabalho. Não é o nosso caso em que se objetiva dar formação ao idoso numa perspectiva de empoderamento¹³.

Nesse aspecto, nossa preocupação não está direcionada para a uma educação formal, mas sim, para uma formação que responda às necessidades básicas e urgentes do idoso, que lhes proporcionem autonomia.

O idoso continua tendo capacidade de apropriar-se do conhecimento, e é a partir da apropriação do conhecimento que se criam as competências para resolução de problemas. Nessa etapa da vida, as especificidades de aprendizagem apenas são diferenciadas, visto que o envelhecimento biológico pode interferir nas respostas do intelecto e em seu contexto social. No entanto, não impedem o idoso de aprender e apropriar-se, por exemplo, das TIC porque percebem que aumentam

¹³ O termo empoderamento foi utilizado nessa pesquisa no sentido individual, ou seja, se refere ao nível psicológico de análise. No nível individual, empoderamento refere-se à habilidade das pessoas de ganhar conhecimento e controle sobre forças pessoais, para agir na direção de melhoria de sua situação de vida. Diz respeito ao aumento da capacidade de os indivíduos sentirem-se influentes nos processos que determinam suas vidas. (BAQUERO, 2012).

suas possibilidades de socialização e de aquisição de outros conhecimentos, embora haja afirmativas em contrário.

A capacidade de aprendizagem está, na verdade, ligada a fatores motivacionais, e a população idosa, ao longo dos anos, convive com vários discursos que falam de sua incapacidade. Os idosos passam, assim, a ser vítimas desses dizeres, que costumam ser encarados como verdades inquestionáveis. (GUIMARÃES; RAMOS, 2012, p. 68)

O envelhecimento é acompanhado pelo declínio da capacidade de processar novas informações, o que está intrinsecamente ligado à redução da capacidade de memória, lentidão no processamento de informação, dificuldade de atenção. Fatores genéticos e culturais influenciam o processo de envelhecimento, podendo surtir efeitos positivos ou negativos. Os fatores biológicos são os que mais evidenciam as limitações ocasionadas pela velhice, pois indicam as condições de decadência do idoso. Contudo, entende-se que, em contexto sociocultural favorável, as limitações da velhice podem ser reduzidas, contextos que poderão influenciar de forma positiva no processo de envelhecimento.

A respeito da diminuição da atenção, Faria Junior (2000) esclarece que esta se dá em decorrência de maior susceptibilidade dos idosos à distração, diminuição de sua eficiência nos processos de inibição com um incremento concomitante na intrusão de pensamentos, opiniões, experiências e sonolência.

Além das dificuldades apontadas, outras possibilidades deverão ser consideradas para que ocorra uma velhice bem sucedida, que decorre tanto de um desafio pessoal, como também, de um desafio social.

De acordo com Mendiondo (2002), porém,

[...] a velhice não é só um conjunto de aspectos negativos, conforme aponta a sociedade. Pelo contrário, ela traz consigo possibilidades de viver a vida com maturidade, sabedoria e felicidade. O envelhecimento é um processo biológico irreversível, mas ele pode ser vivido prazerosamente, constituindo-se em uma etapa [tão] bem sucedida, quanto as demais. Os ganhos e as possibilidades que decorrem da experiência e da sabedoria facilitam o enfrentamento e a superação das perdas de tipo biológico e físico (p. 90).

As oportunidades que o sujeito possui para usufruir das condições adequadas para envelhecer dependem das chances que tem para desfrutar das

condições adequadas de educação, urbanização, saúde e trabalho durante seu ciclo de vida.

O estado do envelhecimento não deve ser visto como sinônimo de incompetência. Pois, segundo Foucault (1979), em todas as instâncias, a sociedade exerce poder por meio dos valores históricos e culturais determinantes de condutas e comportamentos, por meio de sistemas de submissão de um sistema hierarquizador. O poder controlador do comportamento fixa valores e habilidades prescritas em modelos sistêmicos e objetivos.

Assim, cada indivíduo internaliza essa doutrina disciplinar por todas as etapas da vida se policiando, com sentimento de culpa. E, nesse sentido, poderá revelar-se, caso consiga escapar deste controle.

O conjunto de valores, permissões e imposições, segundo Chauí (1990), indica que o mesmo é histórico e culturalmente estabelecido para manter e controlar os homens e, caso sejam transgredidos, são acompanhados de sentimento de dor e sofrimento. O caráter totalitário do aparato produtivo além de determinar os comportamentos, atitudes e as habilidades também determina as necessidades e aspirações dos indivíduos.

Conforme a autora, é fato que há várias depreciações físicas e motoras ocasionadas pelo envelhecimento. Entretanto, há também várias possibilidades de envelhecer de forma mais saudável, por meio de estimulações tanto no aspecto físico quanto no cognitivo. O idoso, compreendendo sua condição, é capaz de transformar suas limitações em outras possibilidades.

De acordo com Lima (2001b), “é necessário o idoso saber o que quer, o que pensa e o que sente para ser livre e atuar segundo sua própria vontade. Daí a educação, nesta fase de grandes mudanças sociais, faz de si uma tarefa altamente importante, também para o idoso” (p. 51).

Cachioni e Neri (2004) apontam que a “educação é um meio que possibilita o progresso dos indivíduos em todas as idades e grupos sociais” (p.64), pois pode promover a capacidade de garantir-lhes sua autonomia de pensamento, a capacidade de exigir seus direitos, como cidadão na sociedade.

As transformações humanas, individuais ou coletivas, promovidas de forma intencional correspondem ao processo educacional. A apropriação do humano na perspectiva de aprendizagem acontece em todo o período de vida, seja na formalidade ou na informalidade. Na condição do idoso, a formação não formal

responde por seus anseios, pois ele faz parte do processo que traz consigo uma bagagem, ou seja, muitos saberes.

Zanella (1997) explica que

[...] o quê as coisas querem dizer, aquilo que alguma coisa significa. Como as coisas não significam por si só, e nem tão pouco significam a mesma coisa para indivíduos diferentes, depreende-se que a significação é fenômeno das interações. Sendo, portanto, social e historicamente produzida (p.154).

Neste sentido, a consciência ou o desejo de busca pelo que não se sabe ou não se compreende é o que move na direção de diferentes saberes, num processo educativo. Nessa proposição considera-se que o idoso, homem sujeito, possui diversas possibilidades a partir da apropriação do conhecimento para ajustar-se à capacidade de transformar-se.

A partir dessas possibilidades, o idoso poderá conquistar sua autonomia e empoderamento, consolidando as possibilidades da apropriação do conhecimento para aqueles que dela conseguem desfrutar.

Segundo Pereira (2006), o empoderamento, numa perspectiva de cidadania, inclusão digital e inclusão social busca atender às possibilidades de interação social e autonomia.

Possibilita a aquisição da emancipação individual e também da consciência coletiva necessária para a superação da dependência social e dominação política. O empoderamento devolve poder e dignidade a quem desejar o estatuto de cidadania, e principalmente a liberdade de decidir e controlar seu próprio destino com responsabilidade e respeito ao outro (p. 1).

Sendo assim, a necessidade de apropriação do conhecimento é fundamental em todas as etapas da vida do ser humano, visto que o empoderamento é consequência da autonomia e efetivo exercício da cidadania.

1.2 Uso da Tecnologia de Informação e Comunicação

Estamos vivendo em uma sociedade em que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão presentes em todos os segmentos sociais; seja no âmbito econômico seja na vida social, ela está presente na vida da criança, do jovem, do adulto e do idoso. Sendo assim, é importante compreender a extensão dessas tecnologias e a potencialidade delas no dia a dia, ressaltando a condição das TIC na vida do idoso, pois este é o elemento central desta pesquisa.

Frias (2011) afirma que:

Frente à evolução tecnológica de maneira vertiginosa, na atualidade, os idosos devem se apoderar dos meios tecnológicos para usá-los de modo consciente em prol da construção de uma nova imagem da velhice, tornando-se cidadãos participantes e ativos da sociedade do conhecimento e não somente um espectador passivo que utiliza os recursos gerados por outrem (p.107).

Para que o idoso tenha acesso às tecnologias, ele deve apropriar-se desses recursos, já que as TIC possuem um papel importante no dia-a-dia das pessoas, assim como na dos idosos. No entanto, deve-se considerar o analfabetismo digital que se estabeleceu na sociedade, sendo os idosos o grupo que apresenta a maior dificuldade em apropriar-se dessa tecnologia. Para Kachar (2003),

A nova geração é introduzida nesse universo desde o nascimento e por isso sua intimidade com os meios eletrônicos ocorre numa relação de identificação e fascinação. A geração dos idosos de hoje tem revelado suas dificuldades em entender a nova linguagem e em lidar com os avanços tecnológicos até mesmo nas questões mais básicas como os eletrodomésticos, celulares e os caixas eletrônicos instalados em bancos. Consequentemente, aumenta o número de idosos iletrados em informática, ou analfabetos digitais, em todas as áreas do conhecimento (p. 53).

Essa realidade está presente na vida da maior parte dos atuais idosos, já que o incremento provocado pela Internet e computadores, além de outras TIC, teve como expoente os anos 1990.

Nesse contexto, a apropriação dos recursos tecnológicos torna-se iminente, pois, as TIC estão inseridas em vários espaços sociais, desde o ambiente familiar, supermercados, agências bancárias e lotéricas, dentre outros. A apropriação desses recursos constitui uma condição de uso no cotidiano, uma vez que as tecnologias permeiam todos os espaços sociais.

De acordo com Heller (2008), “o homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade” (p. 33).

Assim, é pertinente a formação dos idosos para o uso da TIC. Kachar (2003), autora que vem se dedicando a pesquisas referentes ao idoso, comenta: “Essa nova linguagem já está circulando no próprio diálogo que estabelecemos no dia a dia. Há uma cobrança para que todos estejam alfabetizados nessa nova linguagem icônica e tecnológica” (p.153).

Os idosos de hoje fazem parte de uma geração pré-icônica; por isso, a dificuldade em fazer leitura utilizando os recursos da TIC. Segundo Pretto (1996), “[...] os novos símbolos criados a partir da cultura tecnológica apontam o analfabeto do futuro. Será aquele que não souber ler as imagens geradas pelos meios eletrônicos” (p.126).

Vivemos em um universo de grandes transformações decorrentes da ação humana sobre a natureza e um dos produtos dessa relação é denominado tecnologia, que, segundo Martinez (2006), visa a

[...] criar, transformar e modificar materiais, recursos, insumos ou a natureza como um todo, o entorno social e o próprio homem, em virtude do engendramento de novas ações, aportes, suportes, especialmente se resultarem em modificações de todos os envolvidos (base técnica e relações humanas) pelos novos usos e utilidades. (p. 2).

As tecnologias têm avançado muito nas últimas décadas, principalmente as TIC. Conforme Martinez (2006), a evolução técnica permite a expansão potencial dos benefícios da tecnologia, tais como a redução do tempo para as tarefas cotidianas. Nesse processo, alterações decorrem desde o manuseio dos equipamentos até a velocidade no uso deles. No entanto, essas tecnologias também nos tornam dependentes de sua presença. Essa dependência provoca sua proliferação por todos os campos de nossa realidade, obrigando todos à apropriação das TIC para um bom relacionamento e para a nossa vivência diária.

Assim, o processo de apropriação do uso das TIC deve ocorrer diante das inovações e evolução tecnológica; mudanças acontecem e se impõem mediante os usos que se faz dessa tecnologia, transformando o comportamento humano, tanto o

individual quanto o social. As inovações tecnológicas, assim como em outros momentos em que houve evolução pelas técnicas, sempre apresentam consequências advindas dessas mudanças que se refletem ou têm consequências na economia, na política, na divisão social do trabalho, e na própria percepção do indivíduo. Com isso, o conhecimento das TIC é, hoje, uma necessidade para a integração dos indivíduos ao grupo social, permitindo maior interação social ao sujeito idoso.

As tecnologias foram avançando de forma a atender às necessidades da humanidade. As possibilidades do que tratam as tecnologias para facilitar a vida dos indivíduos que dela fazem uso podem penalizar alguns grupos, e até mesmo excluí-los. Porém, o uso das TIC está ligado às condições para as pessoas terem acesso às tecnologias.

Nos grupos existentes na sociedade, algumas pessoas estão à margem dessa evolução tecnológica. Um dos grupos a que nos referimos é a população idosa, que apresenta dificuldades de apropriação dos recursos apresentados pelas TIC, assim como de sua linguagem.

Esse novo universo de relações, comunicações e trânsito de informações pode se tornar mais um elemento de exclusão social do idoso, tirando-lhe a oportunidade de participar do presente, marginalizando-o e exilando-o no tempo da geração anterior, relegado à função social de memória do passado. Para inserir-se na sociedade tecnologizada, precisa ter acesso às linguagens da Informática, dispor dela para liberar-se do fardo de ser visto como um velho ultrapassado e descontextualizado do mundo atual. (KACHAR, 2003, p.53)

O uso que os homens fazem das tecnologias constitui-se como base do sistema produtivo, como também transformam seu pensamento, seu sentir e seu agir, suas formas de comunicação e de adquirir conhecimento.

As possibilidades das articulações das TIC com seus vários mecanismos eletrônicos tornam-se mediáticas como formas de armazenamento, tratamento e difusão da informação, elementos constituintes do sistema produtivo seja de ordem econômica ou social.

Assim, a junção da informática, das telecomunicações e dos audiovisuais gera produtos informacionais, que têm, como algumas de suas características, a possibilidade de interação comunicacional e a linguagem digital.

Essa realidade, proveniente da ascensão das TIC no cotidiano, provoca uma alteração nas formas como os grupos sociais lidam com essas tecnologias. A presença desses instrumentos modificou sobremaneira desde aspectos relacionais até aspectos instrumentais do cotidiano das sociedades. Criou-se uma cultura voltada a sua utilização que é denominada cultura das mídias¹⁴.

A partir da cultura das mídias, surge a revolução digital, que tem como tecnologia

[...] o computador que converte toda informação – texto, som, imagem, vídeo – em uma mesma linguagem universal. Através da digitalização e da compressão de dados que ela permite, todas as mídias podem ser traduzidas, manipuladas, armazenadas, reproduzidas e distribuídas digitalmente. (SANTAELLA, 1992, p. 59-60).

O computador, integrante da cultura das mídias e também da cultura digital, refere-se a uma montagem de unidades de processamento de transmissão, de memória e de interfaces para entrada e saída de informações. Além destes, existem os componentes do hardware, que são sensores, memórias, processadores entre outros elementos, que também podem ser encontrados em outras tecnologias além dos computadores como cartões inteligentes, automóveis, terminais de banco entre outros. Para Lévy (2001),

O computador não é mais o centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecno-cosmos. [...] cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: ciberespaço em si (p.44).

Neste sentido, temos em Lévy (2001) explicações para o processo pelo qual a sociedade tem vivido em relação às inovações tecnológicas e às culturais. O autor entende por ciberespaço a rede que surge da interconexão mundial dos computadores, como nova forma de comunicação.

O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o oceano de informações que ela

¹⁴ Mídia [do inglês media designa os meios ou o conjunto dos meios de comunicação: jornais, revistas, TV, rádio, cinema, etc.

abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo cibercultura, especifica aqui como um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (p.17).

Esses conceitos referem a uma realidade mais recente a partir das inovações tecnológicas. As TIC e o mundo digital estão alterando profundamente a dinâmica da vida em sociedade. Fazem parte desse universo a cultura digital, a convergência das mídias¹⁵, a linguagem ubíqua, a *hipermídia*¹⁶, o *hipertexto*¹⁷. Por mais que esses termos estejam presentes no cotidiano, inclusive na educação, ainda causam estranheza por serem termos que constituem o processo evolutivo pelas técnicas.

Para Santaella (2004), o fenômeno ainda mais impressionante surge da explosão no processo de distribuição e difusão da informação impulsionada pela ligação da informática com “as telecomunicações que redundou nas redes de transmissão, acesso e troca de informações que hoje conectam todo o globo na constituição de novas formas de socialização e da cultura que vem sendo chamada de cultura digital ou cibercultura” (p. 60).

A evolução tecnológica acontece sem cessar e com muita rapidez, gerando produtos sofisticados e diferenciados como telefones celulares, fax, softwares, vídeos, computador multimídia, Internet, televisão interativa, realidade virtual, videogames, produtos não acessíveis a todas as pessoas, em função dos valores de mercado também dos valores culturais, além do que depende de se ter apropriação do conhecimento necessário para usufruir dessas tecnologias e das mídias.

Nesse espaço informacional, o computador tem apresentado relevância na evolução tecnológica assim como a TV e o celular, que se torna uma única tecnologia multimídia.

Nesse contexto permeado de inovações, as culturas se estabelecem e novas possibilidades e expectativas surgem devido às funcionalidades que os sujeitos

¹⁵ Esse movimento se dá em múltiplos canais de comunicação e a partir da interatividade de uns com os outros.

¹⁶ A *Hipermídia* é utilizada como uma extensão do termo *hiperlink*, a hipermídia promoveu a fusão dos vários tipos de mídia - como o áudio, vídeo, texto e gráficos – para criar um meio de comunicação único, de leitura não-linear, características próprias e gramática peculiar.

¹⁷ *Hipertexto* – sistema de informações cujos documentos possuem referências internas para outros documentos.

fazem dessas tecnologias. As formas de pensar, de viver de sentir podem ser modificadas, dependendo da interação que se faz com as TIC.

Essa perspectiva de favorecimento da socialização pelo uso do computador também é defendida por Kachar (2003), que afirma favorecerem as tecnologias a inclusão do idoso, por minimizarem as situações de isolamento, transpô-lo para outros universos e proporcionarem a estimulação mental, causando bem-estar e, assim, oportunizando o resgate de relações afetivas com familiares e amigos, por torná-lo ativo na cultura digital.

Nessa mesma linha de pensamento, surge a ideia de “Convergência de mídias” que se dá quando em um mesmo ambiente, estão presentes elementos da linguagem de duas ou mais mídias interligados pelo conteúdo, como explica Pellanda (2003). Este fenômeno ocorre por meio de uma interação entre as mídias; sem que a mídia original deixe de ser ela mesma, está agregada a outra, dando diferentes possibilidades de uso.

A convergência das mídias é explicada por Pellanda:

Torna-se importante ressaltar que embora a mídia que transmita o vídeo não seja a TV e o áudio não seja o rádio, a linguagem destes meios estará presente nos ambientes convergentes. Foram estes meios que esgotaram as possibilidades de uso de suas formas de transmissão. Para se transmitir um evento em rádio os profissionais deste meio sempre souberam usar artifícios e desenvolveram formas de o ouvinte imaginar o que está acontecendo. Em um ambiente de convergência digital, cada uma das linguagens, desenvolvidas ao longo dos últimos anos pela TV, rádio e jornal estão presentes para proporcionar ao receptor uma experiência rica em detalhes e interações. Seguindo um caminho natural é possível vislumbrar o nascimento de uma nova linguagem resultante desta fusão de mídias tradicionais (*idem*, p. 7).

Diante da concretização das convergências das mídias, outros conceitos se sobrepõem a conceitos estabelecidos tempos atrás. Isso se refere à evolução das tecnologias como também à das técnicas aplicadas. A cada invenção, novas situações surgem e modelos são estabelecidos, não pela inferioridade do que já existiu ou existe, mas pela possibilidade de transformação tecnológica e de seu uso.

As pessoas se comunicam com outras pessoas e, para isso, utilizam-se de várias linguagens que interagem entre seus pontos e acabam se transformando em

linguagem convergente. Neste aspecto, a mensagem é o foco, não mais o meio, que suporta várias linguagens.

Inclusive com os que estão ausentes e, para realizar a comunicação a distância, inserem-se no dia a dia as TIC, com computador, celulares; haja vista que representam os meios mais presentes na comunicação cotidiana, conectados na Internet.

Para Jenkins (2009), a convergência acontece dentro dos cérebros dos consumidores e não nas máquinas. O autor assim se expressa a respeito:

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (p. 31).

Na sociedade em geral, a utilização das TIC e da Internet tem causado alterações perceptíveis em vários setores. Conforme explica Castells (2005), houve mudanças nas relações presenciais e diversas formas de comunicação surgiram nos espaços da rede, estreitando e/ou alterando a comunicação entre família e amigos, professores e alunos, pais e filhos, chefes e subordinados, políticos e sociedade civil.

Uma particularidade da época contemporânea reside na rearticulação das relações sociais e de produção em torno das TIC. Assim, a especificidade dessas tecnologias consiste no deslocamento das instâncias de mediação política, econômica e social da dimensão espacial para a temporal, e a instituição do princípio da instantaneidade como base de regulação de nossa experiência significativa.

Para melhor compreensão dessa ideia, Castells (*Idem*, p. 24) explicita que “em rede a sociedade se manifesta na transformação da sociabilidade, uma vez que, na comunicação frente aos computadores não houve desaparecimento da interação face a face, nem aumento do isolamento das pessoas”, pois é possível uma socialização intrínseca entre pares.

Além disso, o uso da Internet permite ao usuário, por meio da utilização de alguns *softwares*, o envolvimento, simultaneamente em interações face a face,

vendo-se um ao outro. Isso se manifesta em particular no uso de mídias móveis, como *smartphones* e *tablets*, por exemplo, que permitem ao usuário, visualizando o outro mesmo em deslocamento, em movimento, acessar a rede e se comunicar com quem também estiver conectado. Diferente, assim, de anos anteriores, nos quais para acessar a rede era preciso estar em um determinado lugar, sozinho. As mídias móveis possibilitam a conexão mesmo que se esteja em grupo, junto aos amigos, em locais públicos, abertos. Porém, essa conexão é individual tornando cada membro de um grupo, mesmo em coletividade, isolado.

Segundo Castells (2005), estudos apontam que, em diferentes sociedades, os usuários da Internet são mais sociáveis, ampliando o seu círculo de amizades tornando-se mais ativos do que aqueles que não fazem parte desse universo tecnologizado. Compreende-se que há possibilidades de maior interação entre pares por meio do uso das TIC.

Em função disso, as distâncias físicas são reduzidas e aqueles que dispõem de certos tipos de tecnologias como telefones celulares, televisão digital ou de outros dispositivos conectados à Internet, usufruem dessas possibilidades que a conexão oferece.

O idoso, ao fazer uso do computador, tem a oportunidade de interagir e realizar a interatividade entre seus pares, além de fazer disso uma forma de lazer. Morris (1994) indica que o idoso, ao utilizar o computador, sente-se menos excluído, pois a sociedade se torna cada vez mais tecnológica. Nesse universo social, tem-se a contribuição das TIC, que permeiam e influenciam vários espaços e segmentos na sociedade.

Contudo, parte significativa dos idosos está à margem, constituindo um grande índice na esfera dos excluídos. A exclusão tem características polissêmicas e origens variadas, envolvendo diferentes fatores que, na maioria das vezes, não surgem isolados. Assim, suas origens podem estar em diferenças sociais, culturais, econômicas, etárias e de gênero, podendo ser direcionada a um indivíduo ou a um grupo social. Nesse sentido, possui uma marca singular que é o distanciamento ou a marginalização provocada na vida social.

Pode-se inferir que os idosos apresentam dificuldades para compreender e acompanhar as mudanças ocorridas pelas TIC. Segundo Oliveira (2015), “deixam de ter oportunidade de conhecer outros universos de infinitas possibilidades, inclusive nos aspectos da comunicação, de lazer e de convívio” (p.11). Um sujeito que não se

integra, provavelmente estará à margem, e a condição de estar fora não é uma situação favorável para a pessoa.

Pasqualotti *et al* (2014) citando Pretto deixa claro que:

A geração atual é introduzida no universo tecnológico desde cedo e por isso sua intimidade com o assunto. Por outro lado, os idosos têm revelado suas dificuldades em entender a nova linguagem e em lidar com os avanços tecnológicos até mesmo nas questões mais básicas como os eletrodomésticos, celulares, caixas eletrônicos. Consequentemente, aumenta o número de idosos iletrados em Informática, ou analfabetos digitais, em todas as áreas da sociedade. O analfabeto do futuro será o indivíduo que não souber decifrar a nova linguagem gerada pelos meios de comunicação.(p. 04)

Compreende-se que, conforme o apontamento anterior, as dificuldades que o idoso enfrenta têm-se tornado em desafios no seu cotidiano. A idade chega com o tempo, podendo ressignificar as necessidades dos idosos. Nesse aspecto, as tecnologias podem trazer uma infinidade de possibilidades que, para muitos, não fariam parte de seu contexto; por isso, tornar-se-iam excluídos e descontextualizados. Analisando essa exclusão por meio do acesso às TIC e de sua apropriação, Alves (2012) destaca que a democratização do acesso ao mundo da informática permitiria a redução da exclusão digital, e com isso a da exclusão social.

Essa situação nos levaria a refletir sobre o valor inclusivo da apropriação das tecnologias pelo idoso. Bonilla e Oliveira (2011) nos alertam sobre as formas e o valor desse processo de inclusão digital, pois esta necessita ser percebida em ofertas das tecnologias em infocentros ou telecentros, pois essas ofertas garantem a possibilidade de apropriação das tecnologias tornando-as próprias a seu uso, promovendo um *real empoderamento*.

Para Silveira (2008),

A negação do acesso é o lucro da maior exclusão, aquela que impede que o cidadão chegue até um computador conectado para se comunicar, do modo que quiser. Por não se tratar de um processo natural, por não representar as opções individuais, o termo exclusão digital tem ainda, e infelizmente e por um tempo longo, um enorme valor de uso. Ele identifica um fenômeno do bloqueio econômico e infraestrutural que impede os segmentos mais pauperizados de acessarem as redes informacionais. Ele define um processo excludente que não permite que cidadãos tenham o mais elementar e básico contato com as redes digitais (p. 55).

Assim, para Bonilla (2005), a inclusão digital se efetivaria quando: “buscamos sempre a perspectiva de oportunizar condições para que os sujeitos sejam capazes de participar, questionar, produzir, decidir, transformar, tornando-se parte integrante da dinâmica social, em todas as suas instâncias” (p. 43).

Bonilla e Preto (2007) e Schwartz (2006) reafirmam que o processo de inclusão digital perpassa a articulação das ações com as questões educacionais e culturais, e com a promoção da emancipação do cidadão através das TIC.

Essa realidade de exclusão/inclusão está inserida no cotidiano do idoso, e o torná-lo usuário de tecnologias com habilidades para utilizá-las apresenta-se como uma nova necessidade. Essa representação comunicacional se estabelece por meio de ícones, imagens, sons, permeando nosso dia-a-dia. Com as TIC, surgem outras possibilidades, pois quase tudo está tornando-se informatizado. E a população inserida nesse contexto possui necessidades e dependências em relação aos meios eletrônicos, informatizados e digitais. Para Toschi e Anderi (2009)

Cultura digital é uma expressão que vem sendo empregada para caracterizar este momento correspondente aos processos de digitalização das informações. Ele designa e aponta as várias transformações de caráter cultural, social, político e técnico que envolvem a mudança de uma matriz tecnológica para outra (p. 1).

Essa forma de comunicar-se constitui uma esfera de ligações entre si, que partilham, colaboram e geram conhecimento. Dentre as situações vivenciadas na sociedade onde se insere o idoso pode-se destacar o acesso aos caixas eletrônicos, que permitem o acesso a sua fonte de resgate de renda, a aposentadoria. Existe também à comunicação por meio do celular, do computador e da Internet. Quanta coisa é possível a partir da exploração das tecnologias e ferramentas existentes e quantas não são necessárias para nosso dia-a-dia!

Sendo a Internet a rede de confluência comunicacional, ela permite o aparecimento de diferentes formas de sociabilidade (CASTELLS, 2004). É em função desta confluência que surgem oportunidades de comunicação que se estabelecem por seus usuários, tendo como ponto de partida as possibilidades da Internet.

Pode-se considerar, então, que quem não tem acesso à tecnologia estará constituindo uma parte dos excluídos do universo social que hoje se mantém

informatizado e tecnologizado. Nesse sentido, o grupo dos idosos surge entre os potencialmente infoexcluídos, uma vez que fizeram parte de uma geração onde saber ler e efetuar cálculos matemáticos era quase o suficiente para se sentirem informados (SILVA, 2008).

Com a utilização das TIC e da Internet ocorreram mudanças na sociedade, tendo aparecido uma nova forma de relações sociais, marcadas por uma temporalidade tecnológica e informacional, constituindo uma sociedade em rede. Compreende-se um crescimento das redes tanto no aspecto empresarial quanto social, para lazer, trabalho, criação e manutenção de relações, na vida social, com amigos próximos e distantes.

Segundo Castells (2005), estudos em diferentes sociedades mostram que os usuários da Internet possuem mais amigos e são social e politicamente mais ativos do que os não usuários, como também o uso da Internet permite ao usuário interações face a face.

O baixo poder aquisitivo ainda inibe o acesso aos recursos informacionais; contudo, existem espaços públicos de uso da Internet como os telecentros, Centros de Convivências, escolas, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), bibliotecas, as praças digitais, etc, que poderão ser espaços de estimulação e de garantia de direitos ao uso das TIC. A apropriação de conhecimentos referentes às TIC faz-se necessária na sociedade globalizada, visto que a inserção digital permite a cada sujeito potencializar o exercício de sua cidadania e, conseqüentemente, a inclusão.

Para Ferreira (2008), as pessoas aprendem “com seus erros e acertos, mas o idoso vai realmente aprender a usar a tecnologia se experimentar a sensação de errar e também de acertar, ao invés de ficar esperando respostas de sua própria falta” (p.63). A aprendizagem é um processo dinâmico e contínuo, podendo ocorrer em todas as etapas da vida. Dessa forma, para o processo de ressignificação dos idosos é importante a apropriação das tecnologias, que poderá possibilitar-lhes, acesso às novas formas de comunicação, socialização e empoderamento.

Dessa forma, para conseguir entender a relevância da presença da TIC, na vivência dos idosos, faz-se necessário o entendimento de sua influência no seu cotidiano. Para tanto, apresenta-se uma breve discussão sobre o conceito de cotidiano e suas representações na construção do sujeito humano.

1.3 Cotidiano e mudança na vida do idoso

Conforme Ferreira (1986), o termo cotidiano é um adjetivo que vem do latim (Quotidianu), variação de quotidiano. Tem o significado relativo a *de todos os dias*, *diário*, a vida cotidiana; algo que se faz ou sucede todos os dias; diário; labor cotidiano; complicações cotidianas; que aparece todos os dias. “A vida cotidiana é a vida diária de todo indivíduo, sem nenhuma exceção, indiferente de seu posto, na divisão do trabalho intelectual e físico” (HELLER, 2008, p. 31). Compreende-se que independente do modelo de produção em voga, as atividades que permitem a reprodução dos indivíduos são consideradas aspectos da vida cotidiana.

Isso depende da forma como o cotidiano se impõe frente ao sujeito, pois essa relação entre indivíduo e cotidiano se estabelece em um contraponto entre as ações coletivas e socialmente aceitas e as atitudes individuais que constroem a percepção e o entendimento da realidade pelo sujeito.

Assim, Heller (2008) afirma que na vida cotidiana colocam-se “em funcionamento” (p.31) todos os seus sentidos, todas as capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Ainda a autora reforça que o homem da cotidianidade é atuante e fluído, ativo e receptivo, mas não tem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos: por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade.

Nesse sentido, buscamos a compreensão do que se refere ao cotidiano do sujeito idoso numa perspectiva de inclusão digital. Dessa forma, no caso da apropriação das TIC pelo idoso, o processo de incorporação ao cotidiano dessas tecnologias deve ocorrer levando em consideração dois aspectos: a importância social dessas tecnologias para a superação do cotidiano e a relevância dada pelo próprio indivíduo à apropriação da tecnologia.

Assim, essa inter-relação estabelece a objetivação, pois se entende esse elemento como a necessária imposição de uma mudança do indivíduo frente às demandas sociais. Segundo Guimarães (2002a), “a objetivação em si é que está presente no cotidiano do senso comum e é a que cria as condições para vivermos em determinada sociedade com seus costumes, ritos, etc. (p. 12)”.

Ainda de acordo com a autora, a objetivação se constitui em elemento para a conquista de sucesso frente aos grupos sociais. Com isso, a apropriação da TIC pelos idosos, em uma sociedade marcada pela interação digital, representa para a sociedade e para o sujeito uma marca de sucesso.

As particularidades humanas podem ser chamadas como as características da vida cotidiana que permitem a reprodução do indivíduo. Conforme Guimarães,

Essas características expressam a forma como os indivíduos pensam, agem, e se relacionam na sociedade, assim classificadas: heterogeneidade, hierarquia, repetição, economicismo, espontaneísmo, probabilística, entonação, precedente, imitação, pragmatismo, analogia, juízos provisórios como preconceito e ultrageneralização. (*Idem*, p. 13)

Diante das características apontadas pela autora nesta classificação, a heterogeneidade representa as características individuais que diferenciam cada sujeito. A hierarquia do cotidiano refere uma escala de importância das atividades cotidianas, pois não se pode fazer tudo ao mesmo tempo.

Já a repetição constitui um conjunto de ações mecânicas que realizamos em nosso dia-a-dia; o economicismo nos permite sermos mais breves e rápidos na vida cotidiana, e a apropriação das inovações que facilitam a utilização das coisas; o espontaneísmo corresponde às ações não planejadas sem consideração das consequências futuras; a probabilidade é o que caracteriza a ação e o pensamento ocasional, sem levar em consideração padrões de escolha científica; baseia-se na ação empírica produzida por nossos sentidos.

Ainda assim, Guimarães (*Ibidem*) apresenta outros aspectos como: a entonação, que caracteriza a marca individual: mesmo reproduzindo ações já feitas não deixa de definir a marca do indivíduo; precedente significa uma ação resultante de outra, ou seja, uma ação que se origina de outra, assim que se vincula a essas características, tem dificuldade de criar novas possibilidades, provocando a mesmice e a acomodação; a imitação ou mimese é um comportamento reforçado socialmente resultante da apropriação de algo já estabelecido socialmente, permitindo ao sujeito a sensação de pertencimento e aceitação social.

A autora apresenta o pragmatismo como resultado de uma prática contínua que garante sucesso, caracterizada pela repetição e falta de reflexão sobre a ação, que, por ser considerada correta, deve ser repetida. Já a analogia, que é a

atualização de uma mesma ação em diferentes situações do cotidiano, relaciona-se ao sucesso e à repetição de uma mesma ação frente a situações diferentes.

Juízos provisórios são produtos do senso comum, confirmados como verdadeiros pela prática cotidiana. Geralmente, estão associados aos grupos que o produzem e podem ser classificados como ultrageneralizadores, baseados na confiança, no preconceito e na fé, no estabelecimento de uma relação de amor e ódio.

Enfim, todas essas características se inter-relacionam reproduzindo o indivíduo, por meio de sua própria objetivação, ou seja, o homem se reproduz enquanto indivíduo particular e genérico. Em Heller (2008), pode-se observar que

A vida cotidiana é a vida de todo homem, pois não há quem esteja fora dela, e do homem todo, na medida em que, nela, são postos em funcionamento todos os seus sentidos, as capacidades intelectuais e manipulativas, sentimentos e paixões, ideias e ideologias. Em outras palavras, é a vida do indivíduo e o indivíduo é sempre ser particular e ser genérico (por exemplo, as pessoas trabalham - uma atividade do gênero humano -, mas com motivações particulares; têm sentimentos e paixões- manifestações humano-genéricas -, mas os manifestam de modo particular, referido ao eu e a serviço da satisfação de necessidades e da teleologia individuais; a individualidade contém, portanto, a particularidade e a genericidade ou o humano-genérico) (p. 31).

Segundo a autora (*Ibidem*), “o homem da cotidianidade é atuante e fluido, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua identidade”. Segundo a autora, o indivíduo real é aquele da vida cotidiana, voltado para as atividades básicas à sua sobrevivência.

Para Heller (2008),

Se a assimilação da manipulação das coisas (e, eo ipso, a assimilação do domínio da natureza e das mediações sociais) é já condição de “amadurecimento” do homem até torna-se adulto na cotidianidade, o mesmo poder-se-á dizer e pelos menos, em igual medida – no que se refere a assimilação imediata das formas do intercâmbio ou comunicação social. Essa assimilação, esse “amadurecimento” para a cotidianidade, começa sempre “por grupos” (em nossos dias, de modo geral, na família, na escola, em pequenas comunidades). E esses grupos *face-to-face* estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes as normas e a ética de outras integrações maiores (p. 33).

Assim, o idoso atual encontra-se em um ambiente desconhecido no qual a incorporação da tecnologia o leva a enfrentar dificuldades diárias, o que o impede de usufruir totalmente de seu cotidiano, limitando-o frente às demandas tecnológicas da vida contemporânea. Por isso, a necessidade de espaços e grupos que o estimulem à obtenção desses conhecimentos e em sua aplicação no cotidiano.

Isso favorece o amadurecimento para a cotidianidade, preparando esse idoso para lidar com seu cotidiano. Possibilita a conquista de sua independência e, dessa forma, permite-lhe manter as capacidades de integração a sociedade. Com isso, o peso axiológico dessas conquistas deve ser incorporado ao idoso frente à sua formação.

O valor [...] é uma categoria ontológico social, como tal é algo objetivo; mas não tem objetividade natural (apenas pressuposto ou condições naturais) e sim objetividade social. É independente das avaliações dos indivíduos, mas não das atividades dos homens, pois é expressão e resultante de relações e situações sociais. (*Idem*, p.15)

Em suas concepções marxistas, Heller (2008) defende a teoria de que os homens fazem sua própria história. Parte de duas teses: o “princípio da imanência” que implica o fato da teleologia e o “princípio da objetividade” em que considera que os homens aspiram certos fins, e estes estão determinados pelas circunstâncias. Essas circunstâncias são as relações e situações sócio-humanas, as próprias relações e situações humanas mediatizadas pelas coisas. Para Heller (*idem*, p 12), “[...] os homens são portadores da objetividade social, cabendo-lhes exclusivamente a construção e transmissão de cada estrutura social. A sociedade não dispõe de nenhuma substância além do homem”.

O idoso precisa de oportunidades para vivenciar e desenvolver habilidades que facilitem seu dia a dia, para, com isso superar o não-cotidiano, por se tratar de uma particularidade diferente do seu contexto cotidiano. Nesse aspecto, o idoso, diante das inovações, procura ficar ativo e busca a superação e usufruir das inovações.

Segundo Heller (*op. cit.*, p. 33),

O homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade (por exemplo que deve levantar e agir por sua conta; ou modo de cumprimentar, ou ainda como comporta-se em determinadas situações, etc.); mas não ingressa nas fileiras dos adultos, nem as

normas assimiladas ganham “valor”, a não ser quando essas comunicam realmente ao indivíduo os valores das integrações maiores, quando o indivíduo – saindo do grupo (por exemplo da família) – é capaz de se manter autonomamente no mundo das integrações maiores, de orientar-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo humano comunitário, de mover-se por sua vez nesse mesmo ambiente.

Referindo-se à apropriação do uso das TICs, Kachar (2003) aponta em seus estudos sobre os benefícios da informática na terceira idade, pois vivemos numa sociedade tecnológica. Assim, das tarefas mais elementares às mais complexas no cotidiano do sujeito idoso estão inseridas as diversas formas de tecnologias.

O cotidiano atual está inserido em um universo da TIC, o rádio, a televisão, o computador, o celular, que permeiam a vida dos idosos cotidianamente, para estes se informarem e para se comunicarem com os seus familiares. Conforme Kachar (2003, p. 51), cada vez mais o ser humano cria dependência dos recursos eletrônicos, que passam a coexistir no dia-a-dia de todos. As mudanças transparecem nas diversas dimensões de viver na sociedade tecnologizada.

A partir dessas considerações, o problema que surge é analisar a apropriação pelos idosos do uso das TIC. Observa-se a interferência desta no seu cotidiano e/ou como elas incitam e provocam mudanças, segundo relato deles, que se pode observar que o envelhecimento não impede o sujeito idoso de desenvolver e mudar suas atividades cotidianas.

Dessa forma, é necessário oportunizar ao idoso o acesso às TICs para torná-lo detentor desses diferentes padrões culturais. Com isso, poderá assumir um papel de protagonista frente à utilização das TICs por meio da apropriação de seus recursos. Assim, os idosos podem tornar mais leve seu cotidiano e, possivelmente, ampliar as relações afetivas com os familiares e amigos.

O estudo em questão mostra que este é um universo complexo correlacionado a várias situações na vida do idoso, que poderão dificultar ou facilitar suas práticas cotidianas. Segundo Heller (*op.cit*), todos esses momentos característicos do comportamento e do pensamento cotidianos formam um conexão necessária. Todos têm em comum o fato de serem necessários para que o homem seja capaz de viver na cotidianidade.

De acordo com Heller (*op. cit.* p. 33), “cotidiano é o mundo da vida”, que constitui uma condição humana produzida socialmente, mas que possui uma esfera individual que permite a cada um viver seu próprio cotidiano.

Reconhecendo o papel ativo do idoso no processo da vida cotidiana, no que se refere às exigências sociais da atual sociedade, a apropriação das TIC passa a ter grande relevância para a concretização do cotidiano. Pois a vida cotidiana, que é a vida produzida socialmente de qualquer sujeito está mediada por tecnologias; nesse sentido, é que este estudo envereda para o universo do idoso, buscando compreender o uso e as possibilidades que o idoso faz das TICs.

Portanto, no próximo capítulo apresenta-se uma pesquisa sistemática para a identificação dos estudos sobre esse tema. Dessa forma, pode constituir-se como aporte teórico para os temas que permitam entender como ocorre o processo de apropriação da TIC pelo idoso, o que possibilita uma transformação significativa em seu cotidiano.

Capítulo 2

O IDOSO E O UNIVERSO DE POSSIBILIDADES DAS TICs

Neste capítulo, o objetivo é apresentar a revisão sistemática de literatura e a fundamentação teórica do objeto de estudo, o idoso e o uso das TIC. Iniciamos com a revisão sistemática, que contemplou as produções na área da educação, tecnologia, TIC, sociologia, gerontologia educacional, além de documentos regulamentares, como pareceres e leis nacionais. Essas leituras encaminharam temáticas relacionadas à pesquisa, com o que definimos as palavras-chave que nortearam a revisão sistemática.

2.1 Revisão Sistemática

Realizamos uma revisão sistemática de literatura com referência de Sampaio e Mancini (2007) por meio de pesquisa eletrônica a partir do site de busca do *Google Acadêmico*¹⁸ que nos encaminharam para sites como o portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que, em seu banco de dados, possui um acervo constituído por diversos programas brasileiros de pós-graduação. Esse portal não é restrito à área da educação, mas abrange as várias áreas do conhecimento. Também utilizamos os espaços do *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e outros portais de diferentes programas brasileiros de pós-graduação¹⁹ que não são somente na área da educação. Com isso, relacionamos um aporte teórico para a investigação das proposições da pesquisa, apontado por

¹⁸O recurso fornece de diversos livros, artigos, teses, resumos e disciplinas de forma bastante abrangente. É possível ainda encontrar publicações de editoras e organizações profissionais. FONTE: <http://www.techtodo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2014/03/como-usar-o-google-academico-para-encontrar-artigos-cientificos-online.html>

¹⁹Programas de pós graduação como: www.portaldoidosoativo.ufscar.br/curso.html; www5.usp.br/tag/universidade-aberta-a-terceira-idade; <http://www.unifesp.br/campus/san7/pos-graduacao/lato-sensu/saude-do-idoso-abordagem-multidisciplinar>; www.unisinos.br/especializacao/gerontologia-interventiva/presencial/sao-leopoldo; unimep.edu.br/cursos/terceira-idade; www.unati.uea.edu.br/ entre outros que foram sugeridos a partir da busca pelo site de busca do google acadêmico.

uma metodologia que trata de buscas nos acervos virtuais denominada por Sampaio e Mancini (2007) revisão sistemática, que,

Assim como outros tipos de estudo de revisão, é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema. Esse tipo de investigação disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada (p. 83).

Segundo a autora, a pesquisa sistemática de literatura tem como características permitir a compilação de obras, artigos e periódicos de diferentes origens, por meios da definição dos temas pesquisados que concorrem para sua explicitação. Mesmo que essas obras apresentem contradições, podem favorecer o esclarecimento do tema. Segundo Sampaio e Mancini (2007), a revisão sistemática de literatura é um estudo no qual, diferentes obras sendo consultadas por meio de definições claras e ordenadas, produzem análise para concepção do referencial teórico da pesquisa. O material coletado advém de fontes científicas, como artigos, teses e dissertações, que permitem a validação de um quadro teórico.

A realização da pesquisa sistemática exige que o objeto da pesquisa seja sintetizado em palavras-chave, temas e sentenças de busca, que permitem ao pesquisador um levantamento de obras relevantes sobre o tema.

Antes de iniciar a busca, definimos protocolos de revisão que especificam a questão central da pesquisa. Os protocolos indicaram os critérios de seleção explícitos para acessar cada estudo primário e documentar a estratégia de busca utilizada, de forma que se possa conhecer seu grau e rigor. Outra explicação para a metodologia é apresentada por Conte (2009):

Revisões sistemáticas são baseadas em uma estratégia de pesquisa bem definida, que visa detectar o máximo possível de material bibliográfico relevante. Antes de iniciar a busca dos estudos primários, deve-se definir um protocolo de revisão que especifica a questão central da pesquisa e os métodos que serão utilizados para executar a revisão. O protocolo deve indicar os critérios de inclusão e exclusão explícitos para acessar cada estudo primário potencial e documentar a estratégia de busca utilizada, de forma a permitir que leitores (e outros pesquisadores) possam conhecer seu grau de rigor e completeza (p. 12).

Dessa forma, ao utilizar esse procedimento, indicamos o foco da pesquisa no intuito de selecionar, analisar e sintetizar seus temas de interesse. Pesquisamos no site de busca Google Acadêmico com o objetivo de alcançar maior número de pesquisas científicas referentes ao tema. Foram feitas buscas com as palavras-chave, com sentenças completas e extraímos as pesquisas encontradas nas cinco primeiras páginas do Google Acadêmico, pois as respostas à pesquisa a cada página se distanciam do foco da busca. Realizamos o levantamento com as palavras-chave²⁰ que se referem à pesquisa: *Idosos e TIC, formação de idosos e idoso e cotidiano*, verificamos as indicações e, a partir delas, fomos selecionando as que estavam na área de interesse.

Com as palavras-chave *idosos e TIC* surgiram outras temáticas tais como *velho, velho e inovação, terceira idade e tecnologia*, que são do interesse da pesquisa. Assim, construímos os protocolos com as devidas sentenças de busca. No protocolo direcionamos para *população* (idoso OR velho OR terceira idade) AND *intervenção* (idoso OR TIC OR Cotidiano) AND *comparação* (idoso OR TIC OR formação para idosos) AND *resultados* (idosos OR oficinas de tecnologia OR inclusão digital). Já no segundo protocolo utilizamos as sentenças²¹: *população* (idoso OR envelhecimento OR velhice) AND *intervenção* (formação em TIC OR oficinas pedagógicas OR Gerontologia Educacional) AND *comparação* (formação para TIC OR apropriação OR empoderamento) AND *resultados* (idoso OR cotidiano OR Inclusão digital).

No resultado dos protocolos, observamos que as sentenças investigadas não se restringem às áreas de interesse da pesquisa; apresentam estudos referentes a várias áreas do conhecimento, o que torna inviável a análise de todo o material; realizamos, portanto, uma seleção de acordo com o interesse da pesquisa. Percebemos, também, que a área *saúde e clínica* é a que apresenta maior concentração de pesquisas, principalmente na área da gerontologia, psicologia,

²⁰ Palavra-chave (*keyword search*) é a estratégia de busca que requer que o resultado final contenha uma ou mais das palavras especificadas (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

²¹ As sentenças (*strings*) de busca são construídas com base na estruturação das questões de pesquisa. Identificam-se sinônimos, abreviações e escritas alternativas para as palavras usadas na estruturação. Recorre-se ao uso de operadores lógicos (Ex.: OR, AND, NOT) para combinarem-se os itens da estruturação.

psiquiatria, cardiologia e saúde física, que visam à possibilidade da longevidade. Por isso, buscamos restringir a pesquisa ao nosso foco, idoso e formação para as TIC.

Para tanto, comparamos os trabalhos selecionados e os temas discutidos com os objetivos da pesquisa. Com isso, produzimos uma seleção de trabalhos de maior relevância dentre os encontrados sobre o tema. Essa literatura, que aborda o tema, auxiliou nas discussões e na análise dos dados coletados pela pesquisa empírica.

A busca com as sentenças e palavras-chave, já citadas, produziu uma seleção de obras²² que iremos tratar, ordenando-as em artigos, teses, dissertações, revistas e e-books. Em relação aos dados coletados, apresentaremos uma pequena síntese quantitativa das obras selecionadas que tratam do tema da pesquisa. Ao total foram 58 indicações dentre as quais utilizamos 30 trabalhos nos protocolos para a busca.

Dentre as indicações, obtivemos indicações similares a nossa proposta no que diz respeito ao idoso e TIC. Contudo, os objetivos se diferenciavam e, portanto, estamos apresentando um estudo inédito, que consideramos ser importante para auxiliar nas possíveis reflexões sobre a relação do idoso com as TIC.

Na pesquisa *“Utilização de ferramentas computacionais por idosos de um Centro de Referência e Cidadania do Idoso”* (FRIAS *et al.*, 2011), esclarece-se que as finalidades de uso das tecnologias foram atualização e informação, pesquisas, diversão e comunicação com parentes e amigos. Trata-se de um estudo exploratório descritivo, que teve como objetivo identificar o uso de ferramentas computacionais por um grupo de idosos de um Centro de Referência e Cidadania do Idoso, do município de São Paulo. Ao final da pesquisa, foi constatado que as ferramentas de comunicação mais usadas foram correios eletrônicos, comunicadores instantâneos e sites de relacionamento.

Neste sentido, Frias (2011) afirma que:

Frente à evolução tecnológica de maneira vertiginosa, na atualidade, os idosos devem se apoderar dos meios tecnológicos para usá-los de modo consciente em prol da construção de uma nova imagem da velhice, tornando-se cidadãos participantes e ativos da sociedade do conhecimento e não somente um espectador passivo que utiliza os recursos gerados por outrem (p.1607).

²² A seleção das obras será colocada em anexo.

A tese de doutorado de Sousa (2009), "*Caiu na rede é jovem?*", apresenta argumentos referentes ao aumento da população idosa e à participação desse grupo etário em ambientes virtuais. A pesquisa trata da questão do exercício do protagonismo idoso na Internet no Brasil e na Espanha, a partir da análise de um portal brasileiro (portal Terceira Idade) e outro espanhol (Portal Júbilo), para e sobre idosos, buscando compreender a participação desse grupo etário nos ambientes virtuais. Nesse estudo, foi revelado que o comportamento dos internautas sexagenários espanhóis é semelhante ao dos brasileiros.

A autora aponta que páginas *web* foram encaradas como redes sociotécnicas, fenômenos híbridos, e, portanto, não fizemos distinção entre os elementos humanos e não humanos para entender a dinâmica dessas redes. Utilizaram-se os mecanismos da Internet, como criação de Blogs, visita diária aos portais, o que permitiu compreender o comportamento dos internautas.

Com objetivo de compreender como a população idosa lida com os desafios das tecnologias atuais, Raymundo (2013) revela em: *A aceitação de tecnologias assistivas e recursos terapêuticos para o idoso*, as variáveis que influenciam o uso, a aceitação e inserção dessas tecnologias no cotidiano. Na análise foram considerados aspectos como: gênero, estado civil e atividade econômica. Contudo, a conclusão da pesquisa apresentou fatores como medo, receio, motivação, gênero, características dos aparelhos e o reconhecimento dos benefícios, a utilidade e a importância das tecnologias apresentaram influência no uso e na aceitação de tecnologia; variáveis como idade, renda e nível de instrução não apresentaram, porém, correlações significativas com relação à aceitação de tecnologias, não exercendo assim, influência sobre esta.

Ao se confrontarem os estudos de Varela (2012), *O impacto dos cursos TIC das Universidades Senior na inclusão digital da terceira idade*, e de Kachar (2010), *Envelhecimento e perspectiva de inclusão digital*, percebeu-se que compartilham a ideia de que o idoso acredita que a tecnologia do computador pode ser um passaporte para a modernidade, para sua inserção nos movimentos atuais, acompanhando as novas gerações e estabelecendo um espaço de comunicação e aproximação. Compreendem que as TIC são essencialmente necessárias e imprescindíveis no seu cotidiano além de ser um contributo para a satisfação pela

melhoria de sua qualidade de vida, principalmente no que diz respeito ao aspecto da comunicação.

Já *O impacto sociocultural do uso da internet em um grupo de pessoas idosas* (REIS, 2012) reafirma a importância das tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento da sociedade, sobretudo a Internet, que possibilita grande variedade de atrativos a seus usuários. Observou-se uso da Internet em um grupo de pessoas idosas causa mudanças em âmbito social. O uso da Internet contribui na praticidade do cotidiano dos usuários, na socialização, na descoberta de novos conhecimentos e informações para as pessoas idosas, oportunizando maior participação pessoal e social.

Também Ferreira e Machado (2008) afirmam em *Inclusão digital de Idosos: desenvolvendo potencialidades* que o universo da informática e do envelhecimento é importante instrumento de inclusão digital. Para os autores, em um mundo globalizado onde as tecnologias são imprescindíveis, faz-se urgente e necessário o acesso dos idosos à informática.

Na perspectiva de compreender o significado que os ambientes de aprendizagem proporcionam na vida do idoso, Silveira *et al* (2011) comprovam, em *Ambientes de aprendizagem: significado na vida de idosos frequentadores de oficinas de informática*, que os ambientes de aprendizagem causam mudanças positivas na vida das pessoas da terceira idade, uma vez que promovem novos conhecimentos, aprendizado, provocam sentimentos de felicidade e de realização melhorando a autoestima e o bem-estar.

Analisando o portal *envelhecimento.net*, Macedo e Rosa (2007) afirmam que a rede de comunicação Internet como ferramenta para o fomento da qualidade de vida da terceira idade apresenta conceitos e características do fluxo de informação que percorrem a rede mundial de computadores e Internet, promovendo a disseminação da cultura da qualidade de vida e harmonia com o meio ambiente.

Em *Os benefícios da informática na vida do idoso*, de Cardoso *et al* (2014), encontra-se uma reflexão sobre a necessidade de analisar-se a percepção de idosos sobre a contribuição da inclusão digital em sua vida cotidiana e sobre as mudanças ocorridas em suas concepções de envelhecimento após frequentarem um curso de inclusão digital. Os resultados comprovam que as pessoas da Terceira Idade estão cada vez mais interessadas em usar a Informática, devido à socialização e benefícios que esta promove.

A capacidade de manipular outras ferramentas tecnológicas apresenta, porém, alguns obstáculos para as pessoas com idade avançada, diferente dos observados nos jovens. O público em evidência apresenta um perfil diferenciado, pertencente a uma categoria de aposentados, com renda fixa de até três salários mínimos, casados, gênero feminino, com nove anos de escolaridade e que consideram importante a interação com o mundo digital para a inserção na sociedade.

Já Wasserman et al (2012), em *Redes sociais: um novo mundo para idosos*, pesquisa realizada com um grupo de idosos, tem como propósito analisar questões relativas a aspectos psicológicos, gerontológicos e educacionais envolvidos com a formação docente, que abarque as necessidades do público idoso, para a utilização das Tecnologias Digitais, a fim de incluí-los digitalmente, já que este público encontra-se ativo e participante em cursos de TIC. Assim, outras formas de mediação são exigidas para o desenvolvimento de possibilidades de inserção dos idosos no universo tecnológico, que consiste em uma das possibilidades de estarem incluídos na sociedade, ou seja, serem ativos e fazerem parte do novo panorama. Com isso, incentiva-os a incorporarem práticas que possam incluir os idosos nessa sociedade em constante mudança.

Temos nos estudos de Cachioni et al (2015) a preocupação com a formação de profissionais da educação para atendimento ao idoso. Os autores apontam no artigo *Metodologias e Estratégias Pedagógicas utilizadas por Educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade*, as estratégias pedagógicas utilizadas nas atividades educativas de educação permanente para idosos e apresentam três categorias: Pedagogia Participativa e Problematicadora, Estratégias cognitivas considerando os declínios associados à idade, Pedagogia da Transmissão, que foram consideradas possibilidades para facilitar a aprendizagem da pessoa idosa, como também estímulo ativo e crítico, em vez do acúmulo estático de conhecimento por parte das pessoas idosas.

Em “*Universidades direcionadas à Terceira Idade, com referência aos cursos TIC e na inclusão digital*”. Gomes (2014) apresenta suas contribuições no que se refere a detectar características dessas instituições. O resultado mostra com o interesse que os idosos têm na aquisição de conhecimentos de informática, necessários para seu cotidiano, assim como a melhora da qualidade de vida quanto às questões da comunicação. Observou-se que a formação apresenta grande

relevância para o desenvolvimento pessoal dos idosos, tanto no âmbito das TIC, como também no que se refere a seus interesses e relacionamentos, contribuindo para sua qualidade de vida, afastando-os da solidão e do isolamento social.

Com relação a esse aspecto, Sales (2007) apresenta um modelo multiplicador, em “*Modelo Multiplicador utilizando aprendizagem por pares focados no idoso*”. Com a utilização desse tipo de aprendizagem, por pares de idosos, promove a valorização e promoção do seu potencial como agente facilitador da aprendizagem de outro idoso. Nessa partilha, a multiplicação é eficiente e eleva a autoestima dos participantes.

No estudo “*O uso das tecnologias de informação e comunicação pela terceira idade*” (ALVES *et al*, 2012) fazem alusão à inclusão da terceira idade no mundo digital com o uso das (TIC) e à maneira como estas vêm alterando suas vidas. O público alvo da pesquisa foi formado por pessoas acima de 60 anos que frequentam as oficinas. O público exige dos profissionais, dedicação e paciência, uma vez que apresenta necessidades e expectativas de aprendizagem específica, pois possui dificuldades na utilização do mouse devido à redução da coordenação motora e na leitura de textos no vídeo pela gradativa diminuição da visão.

Os dados obtidos na pesquisa mostram que o uso das tecnologias em especial as mídias digitais contemporâneas, contribuem para o bem estar do idoso, não apenas no acréscimo de sua autoestima, quando se sentem incluídos em uma sociedade midiática, mas também por se sentirem competentes ao utilizar ferramentas tecnológicas com as quais os jovens têm tanta familiaridade, melhorando suas relações e diminuindo seu isolamento.

A pesquisa *Repositório Digital como Ambiente de Inclusão Digital e Social para usuários idosos* (VECHIATO, 2010) teve como foco o uso pedagógico da ação de inclusão digital. A utilização da rede pelos usuários idosos indica que podem realizar tarefas e, também, informar-se sobre as questões do envelhecimento. Verificou-se que muitos ambientes virtuais não possuem uma arquitetura condizente com o público idoso, dificultando sua usabilidade e acessibilidade e, conseqüentemente, dificultando a inclusão digital e social.

São várias as preocupações que existem em relação ao idoso e, assim, as contribuições que os autores apresentam nos aproximam de práticas mais inclusivas dos idosos.

As meninas estão na rede: a inclusão digital na terceira idade, de Bolzan e Löbler (2013), visou a compreender como ocorre o processo de inclusão digital de idosos com base nas percepções de indivíduos participantes de um grupo de terceira idade, que usa a inclusão digital como ferramenta para a inclusão social. Conforme os autores, o resultado foi que os participantes do grupo tornaram-se mais confiantes frente à tecnologia, à sociedade e à família.

Oficinas de Inclusão Digital do Projeto Potencialidade: ontem, hoje e amanhã” referido no estudo de Schwanke, 2008 (p.19-24), no e-book *Inclusão Digital de Idosos: a descoberta de um novo mundo* possibilita aos idosos a utilização do computador e de seus aplicativos em atividades elaboradas a partir de temáticas relacionadas com o envelhecimento, quando os idosos podem tornar-se atores de sua própria história de envelhecimento.

Nesse sentido, a inclusão permeia as práticas referentes ao idoso: Passerino *et al* (2006) apresentam um espaço de inclusão em uma abordagem diferenciada no ensino de Informática para a terceira idade, nominado *Atelier Digital*. A proposta parte da percepção do idoso como único em sua necessidade, mas integrado ao grupo e à comunidade onde se insere, de modo a fazer parte e interagir socialmente, tornando-se sujeito ativo de sua própria história, utilizando-se das TIC para sua aprendizagem e desenvolvimento. Referem-se a cada indivíduo que, diante das tecnologias, possui necessidades e expectativas próprias, realidades diferenciadas, sendo necessário trabalhar a inclusão tecnológica de forma continuada, diferenciando-a para o atendimento da individualidade. Evidencia-se, inclusive o valor de se desenvolverem cartilhas explicativas específicas para esse público.

Com o texto *Por detrás da inclusão digital: uma reflexão sobre o consumo e a produção de informação em centros públicos de acesso à Internet no Brasil*, Balboni (2007) apresenta uma visão geral da importância das TIC e, principalmente, da Internet, para a participação do cidadão na sociedade da informação e da comunicação. Aí é se discute a questão da exclusão digital no mundo e, sobretudo no Brasil, englobando-se as discussões referentes ao letramento da apropriação tecnológica para a produção de conhecimento no que diz respeito às contribuições da Internet para a produção e consumo de informação e para o desenvolvimento social, econômico e político das comunidades de baixa renda. São identificados,

também, os interesses políticos e econômicos por trás da inclusão digital. Nesse aspecto, a discussão é mais abrangente e envolve diretamente fatores políticos.

Valente (2001), em *Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade*, traz a discussão referente aos sentidos de ensinar e aprender: a aprendizagem acontece nos diferentes períodos da vida, como na infância, na terceira idade, no período escolar e pós-escolar, e ao modo como estas diferentes modalidades de aprendizagem podem contribuir para a implantação da aprendizagem continuada ao longo da vida. São discutidos também os fatores que podem estimular essa aprendizagem, especificamente o papel da escola e dos agentes que devem auxiliar as pessoas a aprender continuamente ao longo da vida.

Em relação ao envelhecimento, Silva (2008) trata do surgimento histórico das noções de velhice em *A velhice e terceira idade: percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento*. A origem de tais noções está na combinação complexa de fatores como saberes médicos e sociais, agentes de gestão, movimentos políticos e interesses econômicos. Como velhice e terceira idade são identidades etárias historicamente determinadas, analisam-se os fatores que determinaram sua ascensão e sua legitimação. A velhice surge como categoria etária quando o corpo velho é tomado como objeto de estudo e quando os sistemas de aposentadoria são implementados. A terceira idade aparece como categoria etária com a especialização dos agentes de gestão do envelhecimento, o discurso reivindicador da gerontologia social e os interesses da cultura do consumo. Essas categorias são postas em campo para identificar, definir e, mais recentemente, para transformar o processo de envelhecimento contemporâneo.

Pinochet (2014), em *Tecnologia da Informação e Comunicação*, aborda as principais tecnologias existentes no mercado e suas funcionalidades na solução para a sociedade, empresas e pessoas. Apresenta uma revisão histórica das principais TIC, conceitos que determinaram tendências e práticas sociais necessários no cenário nacional, em que todos devem fazer uso das TIC.

2.2 Fundamentação Teórica

Diante dos encaminhamentos da pesquisa pelo site foram indicadas também referências de livros que contribuíram para o estudo, como artigos na obra

organizada por Vasconcelos e Brito (2012), intitulada Educação para a Terceira Idade, que traz em seus diferentes capítulos contribuições de autores que tratam da educação para a terceira idade em seus vários aspectos, como também as condições do ser idoso. Nesse sentido, Brito e Valle (2012), em *Terceira Idade: A visão do eu e do outro*, fazem alusão às condições do envelhecer, que, segundo elas,

Paradoxalmente, [...] está mais ligado à ideia de perda do que a de conquistas. Enquanto várias civilizações consideraram os velhos como os detentores do conhecimento e da experiência, portanto cidadãos superiores e reverenciados, a sociedade atual apega-se mais à questão da aparência que a da essência. Vive-se o império da manutenção da beleza física, em detrimento da alma humana, distanciando progressivamente a felicidade da velhice (p. 33).

Práticas Psicogerontológicas, de Araújo (2012), traz informações sobre cuidados de idosos e esclarecimento sobre as diversas velhices e informações sobre atendimento ao idoso em um Centro-dia, *Deixe seu filho na escola e seu idoso conosco*. O serviço pretendia atender avós, tios ou idosos solitários enquanto a família estivesse ausente. Esse espaço resultou em cuidados profissionais diurnos e de convivência social. Além dessa experiência, o autor aponta que devem ser desenvolvidos programas de educação e prevenção que respeitem e valorizem as velhices. A partir dessas considerações, o autor afirma que o desenvolvimento de atividades pelo idoso, com base em práticas interdisciplinares da gerontologia e da psicogerontologia, traz riqueza à vida no cotidiano.

Para a análise do conceito de cotidiano, foram utilizados artigos organizados por Guimarães (2002), em *Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em Perspectiva*. Em seu artigo *O não cotidiano do cotidiano* refere-se ao cotidiano como lugar natural dos costumes, dos papéis, da rotina e dos valores constituídos socialmente. E, em *Cotidiano e cotidianidade: limite tênue entre os reflexos da teoria e senso comum*, contribuiu para a análise do cotidiano, estabelecendo suas diferentes concepções em vários autores, em relação a Agnes Heller.

Destacou-se a compreensão de cotidiano de Agnes Heller exarada em *O Cotidiano e a História*, que traz uma reflexão sobre as características do cotidiano e suas características sociais. Assim, demonstra-se que o cotidiano não é algo fixo e/ou imutável, mas, pelo contrário, trata-se de produto historicamente e culturalmente estabelecido, propenso à ação do ser humano, o único capaz de

transformá-lo, sendo, por isso um produto cultural. o que permitindo o entendimento do cotidiano como processo construído.

Motta (2010), em *Terceira Idade: Comportamento, gênero e estilo de vida*, reúne um conjunto de trabalhos científicos, que possuem uma abrangência interdisciplinar, sobre a ampliação do marco teórico acerca do envelhecimento, destacando as políticas públicas de inclusão social da terceira idade, de saúde do idoso, de empreendedorismo na terceira idade e de comportamento consumidor, dentre outros. Utilizamos o artigo *Atendimento às pessoas da Terceira Idade como forma de inclusão social* (SILVA; MOTTA; ARAUJO, 2010), que nos trouxe alguns dados sobre a realidade vivenciada pelos idosos frente aos órgãos prestadores de serviços, artigo significativo para a formulação do atendimento a ser realizado aos idosos nas agências bancárias.

Ressaltamos, ainda, *Terceira Idade e Informática: aprender revelando potencialidades* (KACHAR, 2003). A autora realiza um estudo esclarecedor sobre as potencialidades do ensino de tecnologias para a terceira idade. Entendemos que esse processo de ensino não deve mais vincular-se a uma atividade específica ou para o desenvolvimento de uma competência para o trabalho, mas que deve ser amplo, servindo como instrumento de inserção social, de superação de desafios e de satisfação pessoal. Ou seja, o ensino de tecnologia aos idosos deve permitir sua libertação.

Em *Gerontologia Educacional*, de Lima (2000), observa-se a importância da educação como instrumento de melhoria das condições físicas e neurológicas do idoso. São explorados aspectos da medicina na investigação da capacidade de aprender e, especialmente, do apreender dos idosos. Dessa forma, é encarado o problema da exclusão dos idosos como problema social, e se buscam alternativas, através da educação, para a superação dos desafios daí decorrentes. Assim, o artigo contribuiu para a formulação do plano de trabalho para as oficinas, permitindo o entendimento dos fundamentos da Gerontologia Educacional e sua aplicação ao enfrentamento de questões físicas e de aprendizagem características do idoso.

Em *Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes e Redes* (MARTINO 2015), é estabelecida uma relação entre as máquinas e os seres humanos conectados, sobre o modo como as pessoas observam a si mesmas, dentro de suas realidades e dificuldades diárias. São apresentados vários conceitos ligados a mídias, estudo sobre as redes, mídias digitais nas políticas do virtual, do espaço

público e da democracia, ambientes de vida conectados, culturas e as formas das mídias digitais, teorias que tratam do meio e da mensagem, entre outros assuntos referentes ao universo digital. A obra nos favoreceu a observação da importância das redes para o estabelecimento de padrões sociais de convívio e relações sociais.

Outra referência está em *Educação 3.0* (FAVA, 2014), que apresenta as gerações etárias e as competências desenvolvidas nas novas formas de ensinar e de aprender. Ressaltamos, nesse sentido, o papel da convergência, da inteligência coletiva de cultura participativa. Além do papel da internet na construção de uma nova forma de educação e, com isso, do próprio acesso à informação e à realização de tarefas no cotidiano, o que nos permitiu fazer uma ligação entre o papel da internet no processo educacional para os idosos e perceber a necessidade de demonstrar as possibilidades de aprendizado.

Jenkins (2009), em *Cultura da Convergência*, explica que o processo de convergência está acelerando-se à medida que são desenvolvidas novas tecnologias; em relação às antigas as novas mídias parecem entrar em rota de colisão. E esse processo acaba mudando a forma como as pessoas entendem seu cotidiano; à medida que os vários campos de cultura se associam através da tecnologia, apresentam-se várias abordagens e referências sobre a cultura das convergências.

Em Soares (2006), *Educação e Comunicação: O ideal de inclusão pelas tecnologias de informação: otimismo exacerbado e lucidez pedagógicas*, faz-se uma referência às TICs como grandes responsáveis pela emergência de novos paradigmas da educação, formação de novos hábitos, relações de conhecimento e poder. O texto contribui para a percepção das dificuldades de acesso às TIC, advinda do analfabetismo e problematiza a confiabilidade de pesquisas na internet. Refletindo sobre as limitações do poder democratizante das TIC, dentro de um cenário pedagógico necessário para a construção do conhecimento significativo e emancipador pelas TIC.

Contribuindo na compreensão desse discurso, está *Inclusão Digital: Polêmica Contemporânea*, de Bonilla e Pretto (orgs.) (2011). Entre os vários artigos destacamos o de Bonilla e Oliveira (2011), *Inclusão digital: Ambiguidades em curso*, que descreve seu entendimento sobre a inclusão digital como importante fator social de melhoria das condições de vida da população. Mas entende, também, que esse

processo é limitado por políticas públicas mal elaboradas que, apesar terem como objetivo a inclusão social, acabam provocando mais exclusão social.

Partindo desses pressupostos, o tema evidenciado neste estudo apresenta relevância educacional e social. Devido à importância de estudos abordando a inclusão digital do idoso, uma vez que se trata de público em crescente expansão demográfica, em função do aumento da expectativa de vida da população brasileira. Percebe-se, nos sites pesquisados uma fragilidade no que diz respeito à quantidade de pesquisas da área educacional com foco no idoso e na possibilidade de sua inclusão social e digital. Apesar de existirem pesquisas nessa área, as ações são isoladas e, mesmo, incipientes diante do universo do público idoso.

Assim, várias são as possibilidades apresentadas pelos autores na referência ao idoso, às TIC, à Internet e à inclusão. Ao finalizar esta etapa da pesquisa, referente à revisão de literatura, evidenciamos a necessidade de aprofundar as leituras referentes à temática proposta, visto que muitos trabalhos analisados, apesar de contribuírem significativamente para a análise do tema, não estão relacionados diretamente à área da educação, mas à da saúde.

Dessa forma, na continuidade, buscaremos na revisão teórica complementar o estudo proposto, dando, de um ponto de vista histórico, suporte a análises sobre a condição do idoso e a busca de formação nessa etapa da vida, por meio de instrumentos legais que amparam o idoso e a necessidade da inclusão digital como requisito para a inclusão social.

2.3 O Idoso e seu Cotidiano

Em 1982, ocorreu, em Viena, a primeira Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, o primeiro fórum global intergovernamental centrado na questão do envelhecimento populacional. Em consequência desse evento, foi criada uma agenda internacional de políticas públicas para a população idosa. Nessa agenda, estabeleceu-se uma série de recomendações para melhorar as condições de vida dos idosos, assim como foi definido o parâmetro de idade para essa etapa da vida. Para países em desenvolvimento, a idade a partir de 60 anos, e nos países desenvolvidos considera-se idosa a pessoa com idade a partir de 65 anos.

Em 1991, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou 18 direitos às pessoas idosas, princípios em benefício dos idosos. Os princípios tratam da independência, participação, cuidado, autorrealização e dignidade. Em 1992, a Conferência Internacional reuniu-se para dar segmento ao Plano de Ação e se adotou a Proclamação do envelhecimento, sendo declarado *Ano Internacional do idoso* o ano de 1999.

Em 2002, aconteceu em Madri, a segunda Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento, que teve como objetivo desenvolver uma política internacional para o envelhecimento para o século XXI.

O Plano de Ação pedia mudanças de atitudes, políticas e práticas em todos os níveis para satisfazer as enormes potencialidades do envelhecimento no século XXI. Suas recomendações específicas para ação dão prioridade às pessoas mais velhas, melhorando a saúde e o bem-estar na velhice, assim, assegurando-lhes habilitação e ambientes de apoio.

Surgem, assim, as primeiras reflexões referentes à aposentadoria e às possibilidades que esta efetiva na vida do idoso, de forma a permitir mais autonomia e possibilidades de participação social. Assim, tendo em vista que o público alvo da pesquisa é o idoso aposentado ou em trâmite para aposentadoria, faz-se necessária essa reflexão.

Apresentamos uma pequena referência à historicidade da aposentadoria no Brasil como processo de conquista de classe. A conquista da aposentadoria se deu com o Decreto Imperial nº 9.912-A, de 26 de março de 1888, regulando o direito à aposentadoria dos empregados dos Correios. Fixava em 30 anos de efetivo serviço e idade mínima de 60 anos os requisitos para a aposentadoria. Já a Lei nº 3.397, de 24 de novembro de 1888, criou a Caixa de Socorros em cada uma das Estradas de Ferro do Império.

Conforme histórico da Previdência, pela Lei nº 217, de 29 de novembro de 1892, foi instituída a aposentadoria por invalidez e a pensão por morte aos operários do Arsenal da Marinha do Rio de Janeiro.

Assim, o direito à aposentadoria foi conquistado por vários outros segmentos paulatinamente, seguindo uma ordem que teve início em 1888. Neste contexto, houve a criação de órgãos assim como a extinção de outros, com o intuito de se legalizar a aposentadoria.

Após mais de cem anos de seu surgimento, foi realizada em 1998, uma alteração na Lei que se refere à idade para aposentar-se:

A Emenda Constitucional nº 20, de 15 de dezembro de 1998, estabelece o eixo da Reforma da Previdência Social. As principais mudanças foram: limite de idade nas regras de transição para a aposentadoria integral no setor público - fixado em 53 anos para o homem e 48 para a mulher, novas exigências para as aposentadorias especiais, mudança na regra de cálculo de benefício, com introdução do fator previdenciário. (BRASIL, 1998)

Estamos, seguros, contudo, de que ainda existe uma distância entre ter o direito e exercer o direito. Lamentavelmente os noticiários estão sempre anunciando corrupção de advogados tirando proveito de idosos. Com isso, muitas pessoas que teriam o direito de receber seu benefício, têm muitas vezes grande dificuldade para consegui-lo ou ainda não o têm.

Nesse contexto, percebe-se a necessidade de muitos investimentos em políticas públicas para organizar e tratar o assunto referente ao envelhecimento da população. Outra situação com que se depara nos dias atuais são os entraves referentes às aposentadorias. Nessa etapa da vida, é inevitável a assistência médica, que gera custo alto aos cofres públicos e, além disso, a escassez de recursos para o atendimento de qualidade.

A velhice é uma realidade que transcende a História. Para Beauvoir (1990),

O grande número de clichês que encontramos no que toca à velhice demonstra que ela é uma realidade que transcende a História. É verdade que a condição dos velhos não é a mesma em toda a parte, nem em todas as épocas. A velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas; impossível encerrar essa pluralidade de experiências num conceito, ou mesmo em uma noção. Pelo menos, podemos confrontá-las umas com as outras, tentar destacar delas as constantes e dar as razões de suas diferenças (p.345).

Sendo assim, tornam-se necessárias mudanças no comportamento tanto da sociedade quanto nas atitudes políticas. Pode-se considerar que, em função dessas mudanças, é que hoje há um número tão crescente de idosos no Brasil, assim como em outros países.

No universo do idoso, existem alguns aspectos que estão presentes na sua condição, que determinam a diferença entre outros sujeitos e deles entre si, que são,

segundo Debert (2004), a idade, o gênero, a classe social, a saúde, a educação, a formação, elementos que interferem na personalidade e no contexto social que determinam as diferenças entre os idosos. O mesmo autor (2007), apresenta estudos na concepção etnográfica de grupos referente à velhice refletindo a categoria tanto nos aspectos natural como sociocultural, onde revela as armadilhas das representações e práticas sobre o envelhecimento.

Nesse sentido, a complexidade do que se refere ao sujeito idoso atrela-se a outros fatores, a que Medeiros (2001) faz referência.

Que o ser humano viverá mais é um fato indiscutível, mesmo os mais carentes e fragilizados [...] A longevidade torna-se, portanto, um desafio filosófico, porque a velhice carece de um novo sentido e requer uma nova ética. Social, porque os velhos ainda não têm um lugar na sociedade atual. Político, porque a existência de um número maior de velhos exige políticas e ações que permitam ao segmento idoso viver como cidadão (p.9).

Percebe-se uma oposição entre o que declara Medeiros e o que determina a Organização das Nações Unidas, pois há que considerar que a generalização a que se refere o autor, de que os idosos não têm lugar na sociedade atual, não corresponde à realidade. Não se pode, contudo, desconsiderar suas colocações, pois existem, entre outros fatores, diferenças que correspondem à exclusão do idoso.

Mas se compreende que a longevidade é um dos determinantes na vida do idoso, condição essa que não está totalmente na dependência do idoso, mas nas condições que lhe são, que se referem à qualidade de vida, condições complexas, porque definidas por políticas públicas, a quem cabe conhecê-las e a tomar a decisão em relação a elas.

Para compreensão do que seja longevidade, buscam-se no Estatuto dos Idosos as condições mínimas para que haja melhor qualidade de vida, conforme determina seu artigo 1º.

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e

mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (BRASIL, 2003, Art. 1º).

Na busca de uma legislação favorável à velhice, o Estatuto do Idoso representa uma conquista, uma vez que revela princípios básicos legais, para haver qualidade de vida. O que está escrito, contudo, não corresponde à execução e ao exercício da lei. Ainda existem brechas que devem ser monitoradas e ratificadas para que se tornem realidade. Entretanto, a base para efetivar a qualidade de vida dos nossos idosos parte também da consciência e do compromisso de todos na condição de conhecer para exigir, exigir para incluir e fiscalizar.

Nas últimas décadas, conforme dados do IBGE (BRASIL, 2010), está havendo uma mudança na vida dos idosos, que, conseqüentemente, têm vivido mais tempo e mais ativos, havendo assim, rupturas conceituais em relação ao sujeito idoso, as qual exigem modificações no Estatuto do Idoso.

Diante do exposto no Estatuto do Idoso, algumas adequações foram e serão necessárias para o atendimento ao idoso. Assim, considerando a trajetória histórica de vida dos idosos houve grandes avanços; percebeu-se, contudo, a existência de outros valores evidenciados a partir da Lei nº 10.741/2003, expressos por preconceitos e exclusão dos idosos durante séculos, dentre eles a violação contra a pessoa idosa.

2.4 TIC e a formação dos Idosos: A Gerontologia Educacional

Ao caracterizar as estratégias pedagógicas utilizadas nas atividades educativas em um programa de educação permanente para idosos, Cachioni, Ordonez, Batistoni e Silva (2015), em sua pesquisa *Metodologias e Estratégias Pedagógicas utilizadas por Educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade*, encorajam, durante o processo educacional, uma apropriação ativa e crítica, em vez do acúmulo estático de conhecimento por parte das pessoas idosas.

A dificuldade de entender a linguagem tecnológica traz consigo um problema social; e o idoso, por vezes, retorna ao caminho da educação na perspectiva de uma atualização cultural e reaproximação social, conforme explica Silveira *et al* (2011). As TIC intensificarão esse processo de aprendizagem, ao permitir-lhe interagir com

diferentes informações, pessoas e grupos e socializar seus conhecimentos e suas próprias histórias de vida, aumentando sua autoestima e autorrealização. O autor aponta para uma pedagogia a qual a nomeia como educação gerontológica – estabelecendo um conjunto de ideias para o ensino do idoso, mais participativa e transformadora, desde as manifestações clínicas do envelhecimento à possibilidade de inclusão digital mediada pela informática.

A revista *Educação & Realidade*, volume 40, nº 1, traz artigo no qual Doll, Ramos e Buaes (2015) apresentam informações referentes à gerontologia educacional. Conforme o texto, a primeira revista especializada que trouxe discussões referentes à relação entre a Gerontologia e a Educação foi a revista *Educational Gerontology*, que editou um artigo em 1976, embora estudos referentes à gerontologia já estivessem em andamento desde 1940 em Barcelona.

A contribuição foi de David A. Peterson, professor da Universidade de Nebraska, que publicou artigo no qual conceituou a Gerontologia Educacional da seguinte maneira:

É o estudo e a prática de ações educacionais para ou sobre a velhice e indivíduos idosos. É possível observar três diferentes, mas relacionados aspectos: (1) atividades educacionais voltadas para pessoas de meia-idade ou idosos; (2) atividades educacionais para um público geral ou específico sobre envelhecimento e pessoas idosas; e (3) preparação educacional para pessoas que trabalham ou pretendem trabalhar com pessoas idosas como profissionais ou de forma profissional (PETERSON, 1976, p. 62).

Ainda conforme Peterson, as práticas educativas com idosos já haviam sido experimentadas anteriormente a esse período; no entanto, no Brasil, o trabalho foi iniciado pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC/SP) nos anos de 1960. De acordo com o autor, as práticas ditas educacionais estavam mais voltadas para atividades de sociabilidade que educacionais. Nesse sentido, o objetivo estava mais focado em promover atividades para diminuir a ociosidade do que para propostas realmente educacionais, apresentando um caráter mais assistencialista.

Outros autores trazem suas contribuições, esclarecendo sobre gerontologia educacional. Lima (2000) explica:

Gerontologia Educacional - uma pedagogia específica para o idoso - aponta um novo paradigma nas áreas da educação e do envelhecimento, tendo em vista as descobertas recentes da

Neurociência acerca da plasticidade cerebral, que possibilita as pessoas regenerarem seus cérebros, conservarem suas faculdades mentais, memória e inteligência intactas através da reflexão, do pensar. Educar o idoso para conhecer e acreditar em suas reais capacidades, desenvolver seus talentos, ensiná-lo a colocar o conhecimento a serviço de sua construção como sujeito, isto é, a exercer sua cidadania, são tarefas da Gerontologia Educacional (p. 1).

Já Cachioni e Neri (2004) apresentam a gerontologia no campo profissional e disciplinar, pois esta se ocupa da educação dos idosos e da formação de profissionais para esse mister. No Brasil, a construção da educação para idosos avança principalmente a partir da atuação de cursos de pós-graduação em gerontologia; é fortalecida pela criação de universidades da terceira idade, importante *locus* de programas para idosos, de pesquisa e de formação de recursos humanos, embora nelas ainda predominem ações pedagógicas não especializadas. Observamos que a formação para o atendimento à formação de formadores para atuar com idosos é precária. Cachione *et al* (2015) nos apresentam estudos segundo os quais,

No Brasil, raras são as referências ao docente. Não possuímos uma área definida para a sua formação, ela tem estado a cargo de poucos cursos de atualização oferecidos nas próprias Universidades da Terceira Idade, dos núcleos de estudos gerontológicos na universidade e dos cursos de especialização em gerontologia (p. 83).

Para esclarecer sobre os apontamentos de que trata a gerontologia no que se refere ao tratamento aos idosos, inclusive de forma pedagógica, Peterson (1976), esclarece que a Gerontologia Educacional é um campo para estudos e intervenções que faz parte da Gerontologia, servindo-se de instrumentos para propiciar mudanças e para estudar, subsidiada pela educação, o envelhecimento e a velhice.

A Gerontologia Educacional, enquanto disciplina científica, assume uma dupla dependência epistemológica: por um lado, a pedagógica, voltada para a pedagogia social e educação de adultos, e, por outro, a gerontológica, apoiada fundamentalmente na Gerontologia Social. (p. 62),

Outra contribuição para o melhor entendimento dessa pedagogia é feita por Oliveira (2013), para quem

O desenvolvimento da Gerontologia Educacional se alicerça na concepção, elaboração e implementação de programas de animação, estimulação, enriquecimento pessoal, formação e instrução dirigidos aos idosos. Desta maneira, congrega todas as atividades educativas em que participam os idosos (p. 86),

Segundo o autor, o estudo dessa ciência parte da contextualização de vida do indivíduo idoso, propondo um processo socioeducativo de reflexão pedagógica, que visa à melhoria da qualidade de vida do sujeito.

Para a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania, as autoras Oliveira, Oliveira e Scortegagna (2008) apresentam a Universidade Aberta para a Terceira Idade da Universidade Estadual, em Ponta Grossa. Essa atividade foi criada com o objetivo de integrar gerações e valorizar a faixa etária e permitir a aquisição de conhecimentos e a atualização por parte dos idosos, possibilitando-lhes a elevação da autoestima e a ampliação do círculo de amizades.

Neste sentido de análise de oferta de ensino e formação, temos as considerações de Freire (1997), que nos remete a pensar sobre essas questões, observando a forma de oferta de ensino referente à Pedagogia Progressista Libertadora.

Nesse sentido, a educabilidade é pertencente a todo e qualquer ser humano, durante toda a sua vida, haja vista que concebe o ser humano como inacabado, em função de que ninguém sabe ou conhece tudo; estamos, portanto, em constante transformação e aprendizagem.

A Gerontologia educacional é classificada no que diz respeito aos conteúdos apresentados por Búfalo (2013), a partir de três eixos estruturantes:

- 1) Educação para idosos: Programas educacionais voltados a atender as necessidades da população idosa, considerando as características desse grupo etário;
- 2) Educação para a população em geral sobre a velhice e aos idosos: Programas educacionais que possibilitam à população mais jovem repensar seus conceitos sobre a velhice e, aos idosos, repensar o seu próprio processo de envelhecimento;
- 3) Formação de recursos humanos para o trabalho com os idosos: Eventos de capacitação técnica de profissionais e da formação de pesquisadores (p. 200).

No contexto de formação para os idosos deve-se considerar que, no Estatuto do Idoso, no Cap. V, art. 22 indica procedimentos a serem tomados na formação para idosos.

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimento sobre a matéria (BRASIL, 2003).

Assim, Freire (1997), em *Pedagogia da Autonomia* tem muito a contribuir para a educação dos idosos. Lima (2000) considera que as propostas de Paulo Freire se encaixam muito bem na formulação de uma educação para idosos, pois seus fundamentos estão assentados no aprofundamento do homem dentro de seu ser social por meio de uma autorreflexão sobre suas condições reais, não mais como mero espectador, mas como elemento ativo de transformação.

Freire (*Idem*) deixa claro que ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. Essa frase se insere em um dos capítulos de *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (1997), no qual o autor descreve os passos para o processo de aprendizagem.

Dessa forma, o ensinar exige do professor riscos, os quais se associam à capacidade de perceber o valor do novo, mas, sobretudo, a observar a importância do velho como elemento de constituição desse novo. Esse entendimento contribui para uma nova análise da velhice e, com ele, se abandona a ideia de problema social a que essa fase da vida está associada. Percebe-se, então, o papel desses idosos no meio social e seus direitos enquanto cidadãos participantes da atual construção social.

Mencionando-se a ética e a própria autonomia do educando, pressupõe-se que uma forma de ensinar é a que contextualiza os saberes. Neste sentido, o adulto e idoso têm muito a somar no que seja ensinar e aprender. Freire (1997) faz referência à ética universal que corresponde à natureza humana, necessária que é à convivência. A presença do ser humano no mundo é algo original e singular.

Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não eu” se

reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um de valor, jamais uma virtude (FREIRE, 1997, p. 59).

A posição de Freire nos remete a refletir sobre a convivência e a pensar sobre as práticas educacionais, já que estas, além de serem relações humanas, possuem ainda uma intenção. Pensando nesse aspecto é que se reforça a condição de sujeitos humanizados, ou seja, com atitudes éticas. Nesse sentido é que realizamos uma intenção de efetuar o atendimento dos idosos de forma respeitosa, quero dizer ética.

Nesse sentido, a proposta freireana, da *Pedagogia Progressista* explica que a vida e a educação permanente potencializam a formação do homem de forma continuada. Freire ainda traz a concepção de homem em constante transformação, ou seja de *homem inacabado*.

Este é um saber fundante da nossa prática educativa, da nossa formação docente, o da nossa inconclusão assumida. O ideal é que, na experiência educativa, educando, educadoras e educadores, juntos, “*convivam*” de tal maneira com este como com outros saberes de que falarei que eles vão virando *sabedoria*. Algo que não é estranho a educadoras e educadores. Quando saio de casa para trabalhar com os alunos, não tenho dúvida nenhuma de que, inacabados são conscientes de inacabamento, abertos à procura curiosos, “programados, mas para, aprender”, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e ensinar quanto mais sujeitos, e não puros objetos nos façamos. (FREIRE, 1997, p.24).

Ainda em Freire (1997), essa incompletude do ser que o anima em sua busca por transformação, faz a educação ser um caminho para a compreensão do ser “inacabado”. Esse sentimento traduz a tomada de consciência de suas limitações impostas por ele próprio e pela sociedade. Para Freire (2000),

A inconclusão faz parte da experiência vital - o ser humano se tornou, contudo, capaz de reconhecer como tal. A consciência do inacabamento o insere num permanente movimento de busca a que

se junta, necessariamente, a capacidade de intervenção no mundo (p. 119).

Compreendemos que o reconhecimento da incompletude é condição própria do ser humano. Vasconcelos e Britto (2006) esclarecem que:

O homem, diferentemente dos outros seres, não se deixa levar por seus instintos primários, tão somente, antes, atua de forma a transformar a sua realidade. Ele o faz através da concepção de ideias, pelo pensamento, refletindo sobre tudo que o cerca, inclusive sobre si mesmo (p.118).

Entendemos que o homem, quando alerta sua consciência de sua incompletude, busca conhecer esse esforço na construção do seu saber, possibilita a produção de uma realidade emergente. Por isso, é necessário dar voz ao idoso, pois é por meio de seus anseios e expectativas que o processo do conhecimento se constrói e elucida, com isso, sua percepção de sua própria incompletude. O aprender é uma atividade coletiva, mas surge da vontade do próprio educando. Por isso, o educador deve manter uma atitude receptiva ao sujeito, permitindo o diálogo e a expressão de seus anseios. Segundo Freire (1997):

Para o educador/educando dialógico, problematizador o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educando – mas, a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (p. 83).

É por meio desse instrumento dialógico que surgiram os temas e os conteúdos vinculados ao processo de ensino no caso a oficina de formação com as TIC. Dessa forma, revela-se a problematização da realidade do educando. Nesse sentido, analisamos as possibilidades do processo de ensino que Freire (1997) apresenta com referência na problematização.

Problematizar a palavra que veio do povo significa problematizar a temática a ela referida, o que envolve necessariamente a análise da realidade, que se vai desvelando com a superação do conhecimento puramente sensível dos fatos pela razão de ser dos mesmos (p. 19).

Nesse contexto de possibilidades problematizadoras e participação ativa é que vimos o sujeito idoso superar suas limitações e apropriar-se das possibilidades a eles apresentadas, conservando o mínimo para que possam atuar no seu cotidiano. Segundo Heller (1982), “[...] nossa vida cotidiana é realmente cinzenta, mesquinha, e então inventamos um mito que fala de uma vida que não é mesquinha, que é grandiosa e que, talvez, não tenha nunca existido” (p.195). Mesmo aparentando-se utópica a consideração de Heller, percebemos que existem possibilidades, nas quais, no fazer, o sujeito se reconhece, e no aprender a se refazer e refazendo o aprendido, faz diferença; assim, criamos situações de empoderamento²³.

Este empoderamento é aqui entendido como a construção da autonomia, valorização de seu espaço legítimo de manifestação, do controle de seu próprio tempo para aprendizagem e com isso da apropriação das tecnologias. Desta forma, instrumentaliza-se sua percepção do erro e do acerto, na construção coletiva por meio do diálogo, possibilitando o processo de formação para a cidadania. Ao assumir essas atitudes o idoso passa a ser visto, e não mais subestimado.

Para nós, e em Freire (1987), a educação é vista com um potencial formador que promove a transformação humana individual e/ou coletivamente. Esse potencial revigora no idoso o espírito de agente social e histórico, realçando a sua presença no mundo e como o mundo atua sobre ele.

2.5 Inclusão/Exclusão Digital: o potencial da TIC

Segundo Bonilla e Oliveira (2011), os termos inclusão e exclusão digital são ambivalentes, coadjuvantes e concorrentes, pois a exclusão surge na ausência de ações efetivas para que a inclusão se concretize efetivamente. Dessa forma, ao estudar um desses termos, é essencial o reconhecimento do termo contrário. Como a pesquisa considera a apropriação das TIC como um elemento de inclusão digital e social dos idosos, torna-se necessária a compreensão dos fatores que excluem o

²³ Emancipação individual e também da consciência coletiva necessária para a superação da dependência social e dominação política. O empoderamento devolve poder e dignidade a quem desejar o estatuto de cidadania, e principalmente a liberdade de decidir e controlar seu próprio destino com responsabilidade e respeito ao outro. <http://www.significados.com.br/empoderamento/>

idoso do acesso ao mundo da tecnologia. E, com isso, as possibilidades sociais de autonomia em um mundo cada vez mais tecnologizado.

Exclusão é entendida nessa pesquisa como uma realidade sócio-histórica que se tornou comum na sociedade. Conforme Lima (2009), “as desigualdades e exclusões sociais são produzidas e reproduzidas pela ação social dos diversos tipos de atores sociais e esta, por sua vez, é estruturada pelas condições organizacionais e sociedades (pré) existentes das desigualdades”.

Essa realidade na sociedade reproduz como fenômeno social um processo de exclusão ou desigualdade, ou seja, esse processo acontece desde o nascimento até o envelhecimento e ainda pode dar-se por diferentes meios, desde a noção de capacidades até o próprio processo de envelhecimento do ser humano, pois a partir do momento que este chega a determinada idade, vê-se apartado do sistema de produção e, com isso, do próprio corpo social.

Conforme Castel (1997), a exclusão social é uma problemática social constituída pelo afastamento dos indivíduos de seus pertencimentos coletivos. É produzida, por meio de fragilidades, em aspectos como: pobreza, falta de trabalho, sociabilidade restrita, precarização das moradias, de acesso e apropriação das tecnologias, entre outras.

Já o posicionamento de Castells (2005), o excluído digital é caracterizado de três formas.

Um excluído digital tem três grandes formas de ser excluído. Primeiro, não tem acesso à rede de computadores. Segundo, tem acesso ao sistema de comunicação, mas com uma capacidade técnica muito baixa. Terceiro, (para mim é a mais importante forma de ser excluído e da que menos se fala) é estar conectado à rede e não saber qual o acesso usar, qual a informação buscar, como combinar uma informação com outra e como a utilizar para a vida. Esta é a mais grave porque amplia, aprofunda a exclusão mais séria de toda História; é a exclusão da educação e da cultura por que o mundo digital se incrementa extraordinariamente. (p.3).

Para o autor, o processo de exclusão social e de exclusão digital deve ter uma associação no interior de um contexto social. No entanto, não considera que são fatores associados diretamente, pois compreende haver vários outros fatores que contribuem para o discurso sobre a exclusão.

A exclusão social e digital, porém, torna-se relacionada ao desenvolvimento das TIC à medida que o aumento de sua relevância social provoca o distanciamento daqueles sem acesso à tecnologia e a sua apropriação. Dessa forma, a exclusão digital pode aumentar a exclusão social, que, segundo Guedes (1998), acentua diante das disparidades que:

De um lado, é sugerido que o aumento do uso de novas tecnologias e suas possibilidades interativas irão ampliar a participação social. Por outro, evidências iniciais apontam que elas já aumentaram a já existente divisão entre aqueles que podem ter e fazer bom uso delas e aqueles excluídos pelas barreiras culturais financeiras, educacionais e outras (p, 122).

Dessa forma, compreende-se que apesar da exclusão digital não ser um fator único, de exclusão, observa-se que ele compreende parte do processo de exclusão social. Pois a exclusão digital possui causas variáveis, que vão desde as dificuldades financeiras, provocadas por fatores coletivos tais como a desigualdade social, até a ineficiência de políticas públicas de acesso e apropriação das TIC. E dificuldades individuais tais como problemas com o aprendizado e a falta de iniciativa em compreender essas tecnologias.

Apesar de observar-se a relação entre exclusão e inclusão, esses termos não devem ser considerados simplesmente oponentes; os maniqueísmos reducionistas diminuem a capacidade de observação da realidade que provoca esses processos. Assim, a inclusão digital possui uma relação com a exclusão, mas a sua execução, apesar de contribuir com a diminuição da exclusão, depende diretamente da qualidade desse processo. Bonilla (2005) afirma que inclusão digital “implica vontade e ação política”.

Na participação efetiva da população de forma que tenha capacidade de não só manejar e usar o novo meio, mas também de aprender, prover serviços, informações, e conhecimento, articular redes de produção que permitiram e potencializaram a emergência do novo, a proposição, a efervescência da diversidade (p. 62).

As ações em prol da inclusão digital devem estar pautadas não na simples presença da tecnologia, mas em proposições efetivas na busca de soluções que viabilizem para a população em geral, e em específico para o idoso, a real apropriação da tecnologia. A simples presença de computadores e de acesso à

internet não garantem realmente o projeto de inclusão. Bonilla e Oliveira (2011) fazem críticas a esse modelo de política que consideram representar a simples frequência a telecentros/infocentros uma política de inclusão digital que possibilite a apropriação destas tecnologias. Porém, percebemos um equívoco quando analisamos as possibilidades de inclusão diante das possíveis ofertas de situações que permitam os sujeitos usarem as TIC.

Para tanto, as pessoas das comunidades precisariam atuar com autonomia e independência, o que não tem sido muito observado em tais realidades. Os modos de gestão desses espaços revelam-se, em geral, contrários a tal perspectiva, centralizando e impondo regras e normas de utilização das tecnologias. Com isso, submetem os sujeitos a um uso passivo e limitado dos recursos das TIC, vinculados a uma obediência às diretrizes impostas pelos projetos. Bonilla e Oliveira (2011, p.34)

Especificamente sobre os idosos, Passerino *et al* (2006) consideram que as políticas de inclusão digital devem ter como princípio as especificidades desse público, pois os idosos, acostumados a um ritmo de mudanças diferente do da atual sociedade, ficam, muitas vezes, com medo de entrar nesse universo. Isso torna a tecnologia uma barreira intransponível para eles, impressão que acaba desestimulando-o a conhecer as TIC e delas se apropriar. Os autores observam que:

A geração nascida no universo de ícones, imagens, botões e teclas, transita na operacionalização com desenvoltura na cena visionária de quase ficção científica, mas a geração, nascida em tempos de relativa estabilidade (terceira idade), convive de forma conflituosa com as rápidas e complexas mudanças tecnológicas. (p. 4)

Por isso, os programas de inclusão digital e formação de docentes direcionados a esse público devem compreender sua dificuldade de entender essa forma de linguagem e o medo de lidar com o computador. Segundo Bonilla e Pretto (2007), o projeto de inclusão digital deve oportunizar condições para a participação efetiva do sujeito e, assim, torná-lo integrante dessa forma de comunicação, fazendo-o participante da atual dinâmica social. “É neste contexto que surge a necessidade de investimento em práticas educativas que propiciem uma efetiva

participação dos idosos como possuidores de potencial para produção de conhecimento e não como meros consumidores” (SOUZA, 2002, p. 35).

A inclusão digital e social do idoso é um problema emergente: à medida que essa população cresce dentro de nossa sociedade, aumenta a necessidade desse sujeito de participar ativamente da vida em sociedade.

É necessário que toda sociedade, através de seus diferentes segmentos sociais, reconheça a exclusão, principalmente a do público alvo da pesquisa, promovendo e empoderando esses idosos. Ao se reconhecer o processo de exclusão a que estes vêm sendo submetidos, espera-se tornar melhores as possibilidades de formação deles, para que possam desfrutar de uma vida com qualidade, via do acesso às tecnologias e de sua apropriação em seu cotidiano. Construindo a inclusão digital de forma urgente e emergente frente às demandas desse *público*.

Capítulo 3

APRENDENDO COM AS TECNOLOGIAS

Para se compreender o foco da pesquisa, ou seja, o objeto da pesquisa, fez-se uma descrição das características do Centro de Convivência na cidade de Uruaçu, Goiás, assim como do perfil dos sujeitos pesquisados. A partir daí, iniciou-se a investigação referente ao problema: como o idoso se apropria do uso das TIC nas oficinas de tecnologias e como isso interfere e/ou provoca mudanças no seu cotidiano?

3.1 Contextualização e caracterização da instituição-campo

O Centro de Convivência (CC) é um espaço educacional ligado à Secretaria Estadual de Educação do Estado de Goiás, que se propõe a formação complementar à educação formal e oferece, também, oficinas em um modelo de educação não formal. Trata-se de espaço para a efetivação do direito à educação, expresso na Constituição Federal de 1988 e tem como objetivos: a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, o desenvolvimento nacional, a erradicação da marginalidade, a redução das desigualdades sociais e regionais e a promoção do bem comum.

Para tanto, tem como eixo norteador de suas ações a prática educativa, a inclusão social. Oferece e oportuniza formação diversificada, com atividades sociais, culturais e educativas, de forma complementar à educação convencional, na modalidade Escola Aberta²⁴. Sua ação educativa baseia-se na realização de oficinas pedagógicas²⁵, com a execução em áreas diversificadas que venham favorecer o desenvolvimento integral humano, de forma a abranger a realidade local.

²⁴ Escola Aberta é uma modalidade de ensino pautada na metodologia de oficinas, aplicada pelo sistema de ensino público em algumas unidades escolares do Estado de Goiás durante os finais de semana. Incentiva e apoia a abertura, nos finais de semana de unidades escolares públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social (MEC, 2016).

²⁵ As oficinas pedagógicas são trabalhos organizados com grupos sem a necessidade de se especificar uma quantidade de encontros. Têm como foco gerador um problema definido pelo conjunto, sendo sua estruturação dinâmica pautada nas relações de interesses desenvolvidas no grupo. (AFONSO, 2000)

Inspira-se, ainda, nas bases propostas pelas diretrizes do Plano de Metas Compromisso Todos Pela Educação, programa estratégico do Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE), instituído pelo Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007. O Ministério da Educação propõe, através de um esforço conjugado entre poderes públicos e sociedade, garantir a melhoria da qualidade da Educação Básica, por meio do fortalecimento da identidade do indivíduo, integrando a educação com outras áreas, tais como: arte e cultura, esporte e lazer, empreendedorismo, meio ambiente, direitos humanos, prevenção e promoção da saúde, informática, dança e culinária entre outras.

Com vistas a concretizar ações que respondam a seu aspecto educativo e social e, ainda, à necessidade de oportunizar à população um espaço de cultura e educação. O Centro de Convivência funciona ofertando, gratuitamente, de 2ª a 6ª feira, das 07:00 horas às 22:30 horas, oficinas abrangendo as áreas de acompanhamento pedagógico.

Dá-se atendimento à diversidade, reconhecendo-se as diferenças através da participação de todos: indivíduo, família, poder público e sociedade. Permitindo-se a programação das condições necessárias para a afirmação concreta da inclusão social e da permanência integral de crianças, jovens, adultos e idosos.

O número de inscrições para as oficinas ofertadas no CC oscila entre 3000 e 4000 candidatos, que se revezam entre as oficinas. Os cursistas transitam nas oficinas, participando de uma ou até de três oficinas em horários intercalados. A exemplo disso, podemos ter um cursista que faz oficina de violão, dança e informática. Nas oficinas, desenvolvem-se experiências de ensino e aprendizagem em que educadores e educandos constroem juntos os conhecimentos. Dessa forma, o CC é concebido como uma realidade integradora, complexa e reflexiva, na qual a relação teoria-prática é a força que produz o movimento do processo pedagógico.

A oficina pedagógica é, por natureza, um trabalho de ensino e aprendizagem aberto e dinâmico. Revela-se, essencialmente, no trabalho com os alunos; além disso, no trabalho desenvolvido pelos professores no planejamento de habilidades e atitudes para a formação de competências específicas previamente elaboradas. Mescla-se com os interesses e a necessidade da comunidade, à qual os resultados possam ser revertidos em forma de benefícios, tanto aos indivíduos quanto à comunidade como um todo.

Por isso, efetivou-se a escolha do CC para a aplicação da oficina de tecnologias aos idosos. A dinâmica de trabalho da instituição e a presença de uma estrutura física com as tecnologias permitiram a execução das oficinas. A seguir, faz-se uma descrição dos caminhos percorridos pela pesquisa, levantando-se as características do trabalho de pesquisa, da definição da estrutura inicial da oficina, com o objetivo de esclarecer as propostas metodológicas adotadas no desenvolvimento das temáticas propostas nas oficinas.

3.2 - Caminhos percorridos na pesquisa e a metodologia de campo

A relevância da pesquisa é atribuída à extensão dos estudos sobre idosos a outros espaços sociais. Com isso, reestrutura-se a proposta pedagógica das oficinas de informática com o intuito de assegurar e promover a inclusão social e comunicacional do idoso por meio das TIC. Os caminhos percorridos na investigação tiveram início pela escolha da metodologia na busca da resolução do problema.

Assim, definiu-se a pesquisa de abordagem qualitativa, utilizando-se da pesquisa de campo como procedimento de coleta de dados, estruturada por uma oficina pedagógica e aplicação de dois questionários, seguida de uma análise de conteúdos, tendo como técnica o processo de categorização. Com isso, pretendeu-se estabelecer um conjunto metodológico consistente para a elaboração da pesquisa.

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZZOTTI, 2000, p. 79).

A escolha da abordagem qualitativa tem a finalidade de explorar o problema para reconhecer e analisar suas características, buscando entender os fatores que levam a essa realidade, ou seja, a dificuldade de apropriação das TIC no cotidiano do idoso. Segundo Minayo (2013), a abordagem “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a

um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (p. 14).

A pesquisa de campo, para a coleta de dados, possibilitou a ação sobre o objeto. Para tanto, definiram-se, inicialmente, as características do público alvo e a montagem do grupo de controle ou de investigação. Com esse fim utilizaram-se oficinas pedagógicas baseadas em procedimentos de elaboração, aplicação e intervenção, a partir da análise da proposta pedagógica, conjuntamente com o levantamento das expectativas do público atendido. Com isso, organiza-se o campo de pesquisa para a coleta de dados dos cursistas nas oficinas de Informática no CC, experiência que será relatada posteriormente.

A coleta de dados realizou-se por meio de acompanhamento sistemático dos cursistas e aplicações de questionários estruturados com perguntas fechadas; um, inicial, para a identificação das características dos cursistas e de sua relação com a tecnologia e um final, após o imediato término da oficina, para se observarem os níveis de satisfação e de utilização da TIC.

Para tanto, observaram-se as orientações de Lakatos e Marconi (2007), nas quais se estabelece a necessidade de observar a validade e evitar possíveis erros ou ambiguidades contidas na elaboração e aplicação do questionário. “Possíveis falhas existentes; inconsistência ou complexidade das questões; ambiguidade ou linguagem inacessível; perguntas supérfluas ou que causam embaraço ao informante; se as questões obedecem a determinada ordem ou se são muito numerosas, etc” (p. 205).

Os resultados da pesquisa surgem a partir da análise e interpretação dos relatos dos cursistas e das observações durante o acompanhamento das oficinas, além da análise das respostas obtidas através dos questionários. Realizada a coleta de dados, através dos elementos anteriormente descritos, fez-se o cruzamento dos dados obtidos na pesquisa de campo com as referências da revisão sistemática.

Essa interpretação dos dados coletados ocorreu por meio do processo de categorização. Com isso, buscou-se uma maneira de identificar e entender as condições que provocam o fenômeno da dificuldade de apropriação e utilização da TIC no cotidiano do idoso.

Essa análise foi descrita por intermédio do procedimento de categorização, buscando-se estabelecer um mecanismo de exposição dos resultados obtidos na pesquisa, que deixem explícitos os seus propósitos. Segundo Olabuenaga e Ispizua

(1989), o processo de categorização é um procedimento de redução de dados, para se realizar um processo de comunicação de uma ou várias informações destacando-se seus aspectos importantes.

3.3 Conhecendo os cursistas

A pesquisa de campo teve como foco o idoso e as oficinas de informática. O que motivou a realização desta pesquisa foi a observação do interesse de idosos em aprender informática. Com esse fim, algumas turmas eram constituídas por jovens e idosos, adultos e idosos, o que causava certo prejuízo ao cursista idoso, a partir da percepção dos diferentes objetivos em aprender a utilizar os computadores.

Dessa forma, propõe-se uma turma formada apenas por idosos e direcionada a suas necessidades. Pois os cursos de informática têm como proposta pedagógica criar habilidades para o universo do trabalho, tais como: digitação, o uso do pacote *office*²⁶ do *Windows*²⁷, como processamento de texto pelo *software word*²⁸, planilhas pelo *software*²⁹ *excel*³⁰, etc. Por sua vez, os idosos esperavam apropriar-se da tecnologia com o objetivo de manuseá-la para resolução de seus problemas cotidianos imediatos e interagir pelas redes sociais.

Dentro da proposta do Centro aos cursistas, as turmas eram mistas em relação à idade, já que a secretaria não uniformizava as turmas por faixa etária, o que interferia no processo de ensino aprendizagem do idoso. Abriu-se espaço para a formação de turmas somente de idosos, pois observou-se há diferenças entre os interesses destes e os dos jovens.

Assim, para estimular o público alvo da pesquisa, buscaram-se, junto ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), na cidade de Uruaçu, Goiás, os grupos de idosos que participam de outros programas sociais. Nessa visita, expôs-

²⁶ O Microsoft Office é um pacote com diversos aplicativos para usos diversos. Entre os programas destacamos o Word (processador de texto), o Excel (planilha de cálculo), o Access (banco de dados), o PowerPoint (apresentador gráfico) e o Outlook (e-mails e contatos).

²⁷ É um sistema operacional muito popular criado pela Microsoft. Podemos dizer que um computador não possui nenhuma utilidade prática sem pelo menos um sistema operacional instalado.

²⁸ O Microsoft Word é um processador de textos integrante do pacote Microsoft Office. Ele permite a criação, edição e manipulação de diversos tipos de textos, inserir imagens, tabelas, links, etc.

²⁹ *Software*: da parte lógica, ou seja, os programas (Word, Excel, PowerPoint, etc) e dados (informações, arquivos criados).

³⁰ Microsoft Excel é uma planilha de cálculo para Windows.

se a proposta da oferta de oficinas referente às tecnologias e as possibilidades de participação deles. Muitos prontificaram-se a participar; dentre estes, alguns já se encontravam matriculados no CC. Havia, porém, alguns impedimentos, como por exemplo, a distância entre o Centro das residências, assim como o dia e os horários das oficinas. A partir dessas situações, foi organizado o cronograma, de forma que atendesse às expectativas do público.

Para formar a turma adequou-se o horário, pois os idosos participam de vários eventos, possuindo, portanto uma agenda cheia. No entanto, adequamos o horário para dois dias da semana, sem interrupções, já que nos demais dias da semana, um dos eventos a que eles não faltam é o “Forró da Melhor Idade”, que acontece todas as quintas e sextas-feiras. O horário de atendimento e realização do forró é no período vespertino; apesar de a temperatura na cidade de Uruaçu ser muito quente e o barracão onde se reúnem ter cobertura em telha de amianto, nem por isso faltam.

Teve início o cadastro dos interessados. Para a seleção, utilizou-se os critérios de desejarem aprender a usar as tecnologias, de serem aposentados e de estar com idade acima de 60 anos. Confirmaram participação doze idosos. Realizada a seleção, começaram as visitas para aplicação de um questionário. Neste, buscavam-se informações sobre os dados pessoais dos cursistas e se apresentavam algumas questões relativas aos conhecimentos trazidos pela cursista sobre as tecnologias.

A oficina teve início em março de 2015 e foi concluída no mês de junho do mesmo ano. Durante esse período foram executadas diferentes atividades, sendo muitas delas parte de um planejamento prévio baseado nas possíveis necessidades apresentadas pelos idosos, como, dificuldades motoras para manuseio de *mouse*³¹, dificuldade de leitura provocada pela baixa visão, baixa autoestima, dificuldades de aprendizado, medo de lidar com a tecnologia ou a máquina, dificuldade de deslocamento, baixo letramento. Já outras atividades foram sugeridas pelos cursistas no decorrer das oficinas e direcionaram alguns encontros, estando esta abertura ao diálogo, porém, prevista na formulação da proposta pedagógica da oficina. Apresenta-se no próximo tópico a proposta pedagógica executada na oficina.

³¹ O mouse é um periférico indicador (em inglês *pointing device*) que serve para deslocar um cursor na tela, permitindo selecionar, mover, manipular objetos graças a botões. Chama-se "clique", a ação de pressionar (clicar) um botão para efetuar uma ação. (<http://br.ccm.net/contents/409-o-mouse>)

3.4 - A Oficina Aprendendo com as tecnologias

O foco da oficina *Aprendendo com as tecnologias* foi o atendimento ao idoso. A proposta da oficina era apresentar ao idoso aspectos didáticos e metodológicos diferentes da proposta pedagógica das oficinas de informática cujo atendimento era direcionado a jovens e adultos. Assim, o atendimento se deu a partir da realidade do cursista, de forma a não criar rotina. Desse modo, os idosos se sentiam motivados e à medida que superavam os desafios propostos novos desafios lhes eram apresentados.

A oferta corresponde ao atendimento do idoso no trato com as mídias digitais, desde a utilização do computador de mesa, o *tablet* e, por último, o celular, também uma mídia convergente. Ficou estabelecido um cronograma, que estabelece atendimento na segunda-feira e na quarta-feira, com oficina de duas horas de duração, totalizando uma carga horária de 40 h.

Foram apresentados 45 interesses diferentes; atendemos na primeira seleção, porém, as inscrições de 12 cursistas, que estiveram presentes no primeiro encontro. No segundo encontro, contudo, dois deles não puderam continuar e, no terceiro, outro cursista acabou abandonando. Com isso, prosseguiu o curso com quatro homens e cinco mulheres. Entre estes havia um rapaz que acompanhava os pais nas oficinas, era aposentado por invalidez, com deficiência mental, mas não apresentava a idade necessária para a participação no curso. No entanto, sua participação foi permitida devido ao pedido dos pais e por suas dificuldades de aprendizado.

Com o propósito de preservar a identidade dos cursistas, utilizaremos uma classificação alfanumérica para denominá-los quando dos relatos das falas. Assim, foram identificados nove participantes divididos em três turmas, cada uma identificada por uma letra (A, B e C). Em cada turma, o participante era identificado por um número (1, 2 ,3 ou 4): a turma A ficou com quatro cursistas, denominados 1A, 2A, 3A e 4A; a turma B, com três, 1B, 2B e 3B. Já na turma C, ficaram dois cursistas, 1C e 2C.

A turma A teve seu horário de início às 13 horas e de término às 15 horas. Eram quatro os participantes: o cursista 1A, com formação no Ensino Fundamental

incompleto, 83 anos, fazendeiro aposentado; a cursista 2A, aposentada, com formação no Ensino Fundamental incompleta e 69 anos; o cursista 3A, com 58 anos, aposentado por problemas mentais e com formação no ensino médio e a cursista 4A, aposentada, casada, formação na 1ª etapa do Ensino Fundamental incompleta, 68 anos completos.

A turma B, com atendimento das 15 às 17 horas, era frequentada por três cursistas: o cursista 1B, não alfabetizado (formação declarada), 69 anos e aposentado. O cursista 2B, com formação no Ensino Fundamental completo, 69 anos e aposentado. A cursista 3B, com 63 anos, com diagnóstico de depressão e muito solitária, está cursando 5º ano no Ensino Fundamental, na modalidade *Educação de Jovens e Adultos*.

Já na turma C, com início às 17 horas e término às 19, tivemos o cursista 1C, com 60 anos, Ensino Fundamental incompleto, aposentado, e a cursista 2C, aposentada, com 80 anos, formação no 3º ano do Ensino Fundamental.

Inicialmente, foram aplicados questionários, respondidos individualmente, alguns com a colaboração da pesquisadora devido às dificuldades de letramento. Essa situação pode justificar-se pelos dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (BRASIL, 2010) que mostram ter diminuído a taxa de analfabetos. No ano de 2000, o Brasil tinha 16.294.889 analfabetos nessa faixa etária, ao passo que os dados do Censo 2010 apontam 13.933.173 pessoas que não sabiam ler ou escrever, sendo 39,2% desse contingente composto por idosos. Já, em 2013, a pesquisa aponta para uma redução do número de analfabetos para 12,63 milhões de habitantes, sendo que 24% destes são pessoas com mais de 60 anos.

No questionário aplicado aos cursistas, indagamos sobre os dados pessoais e algumas informações relacionadas ao uso e às experiências que possuíam com as tecnologias. As questões apresentadas tiveram as opções de resposta em múltipla escolha, com o intuito de facilitar a resposta e para consolidar os dados, estabelecendo-se, com isso, a proposta das oficinas de atendimento às necessidade do idoso.

A proposta apresentada aos idosos da oficina “Espaço para aprender tecnologias”, teve como objetivo atender à vontade do idoso de apropriar se da tecnologia. A princípio, disponibilizamos os computadores de mesa para que se

familiarizassem com os recursos; depois o *tablet*, seguido pelo *notebook* e, por último, os celulares.

A princípio apresentou-se o computador com suas ferramentas e acessórios periféricos, explicando suas respectivas funções. O uso do mouse, do teclado, as principais teclas e suas funções.

Na exploração dos recursos do computador iniciamos por um dos acessórios do *Windows*, o *Paint*³². Durante os seis primeiros encontros foram apresentados os diferentes ícones e suas funções. Objetivava-se, com isso, obter uma resposta lúdica na utilização do computador, além de desenvolver a coordenação para a utilização dos componentes periféricos do computador - o mouse e o teclado - e a apropriação dos ícones apresentados pelo sistema operacional *Windows*.

A partir do sétimo e até o décimo primeiro encontros, trabalhamos com o pacote *office*, com destaque para o *word*. Iniciamos observando e explorando o teclado, buscando localizar as letras, identificar as teclas numéricas, assim como alguns comandos necessários para a produção da escrita. Os principais comandos utilizados foram: a tecla *bakcspace*³³ utilizada para voltar à ação anterior ou apagar; *enter*³⁴ - ir para a próxima linha; a tecla para espaçamento; as teclas para subir e descer no texto e as letras maiúsculas e minúsculas. O principal objetivo dessa fase do trabalho foi familiarizar os cursistas com o teclado e leva-los aprender como produzir um texto no *word*. Além disso, utilizamos a máquina de fotografia digital e o celular para realizar uma integração entre essas três tecnologias: a máquina fotográfica digital, o celular e o computador.

No décimo segundo encontro, teve início o trabalho com o *PowerPoint*. Com esse software ou aplicativo do *Windows*, procurou-se desenvolver habilidades de trabalho com imagens através de transferências entre programas. Utilizando-se a técnica simples de *copiar como* e *colar como*, pretendeu-se que os idosos pudessem manusear a imagem em diferentes programas e tecnologias da informação.

³² Acessório, no sistema operacional *Windows*, da Microsoft, o *Paint*, é um aplicativo para desenhar, colorir e editar imagens. No *Paint* é possível fazer novas imagens simples e projetos criativos ou adicionar texto e designs a arquivos de imagens existentes. (<http://windows.microsoft.com/pt-br/windows/using-paint#1TC=windows-8>)

³³ *Bakcspace*: Serve para apagar determinado caractere à esquerda do cursor do mouse. Geralmente utilizado em textos. Fonte: <http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/48579/informatica-basica-principais-funcoes-das-teclas-no-teclado#ixzz40BEZNBxF>

³⁴ *Enter*: Uma das teclas mais utilizadas confirma tarefas dentro das caixas de diálogo e abre novas linhas de texto. Fonte: <http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/48579/informatica-basica-principais-funcoes-das-teclas-no-teclado#ixzz40BEAwZyU>

Do décimo terceiro ao décimo quinto encontro demarca-se o início da utilização da internet, mesmo que de forma exploratória. Utilizaram-se os sites mais visitados e os instrumentos de busca. Para tanto, exploramos buscas do site do Google para procurar imagens, com o objetivo de fazer um cartão para o dia das mães. Essa proposta tinha como função, além de desenvolver a habilidade com o mouse, reconhecer outras formas de aproveitar o manejo dos sites de busca. Além dessa procura, foi realizada uma pesquisa livre, ou seja, permitindo aos idosos buscar músicas que lhes lembrariam o passado.

Uma das necessidades do idoso, por eles apresentada, foi a vontade de aprender a lidar com os caixas eletrônicos. Para tanto, contatamos os gerentes das agências bancárias onde os cursistas possuíam contas para o recebimento de seus proventos. Para a realização dessa experiência, encaminhamos um ofício a cada agência, solicitando a disponibilização de um caixa eletrônico para que os idosos o manuseassem e experimentassem, primeiro sob nossa orientação e, posteriormente, de forma individual.

Todas as agências atenderam à solicitação. Assim, agendamos os horários para a visita às agências. Foi uma medida muito importante, pois os cursistas tiveram a oportunidade de manusear o caixa eletrônico, no qual simulamos a retirada de dinheiro, verificação de saldo, retirada de extrato e simulação de empréstimos.

Em uma das agências, o funcionário foi solidário e, também, veio prestar atendimento. Este foi um momento muito importante para todos os idosos, que se sentiram capacitados para utilizar, sozinhos, os caixas. No mês seguinte eles disseram que conseguiram, sozinhos, sacar seus benefícios.

No décimo sexto e no décimo sétimo encontros foi incluído o uso de *tablets*. O objetivo central era que os idosos tivessem contato com o uso do *touchscreen*³⁵, de tecnologias mais compactas e convergentes. Para tanto, foram demonstrados os principais aplicativos e suas funções, mas, principalmente, com foco no acesso à

³⁵ A tecnologia *touchscreen* ou tecnologia sensível ao toque está presente em diversos aparelhos tais como computadores, celulares, videogames portáteis, entre outros, cuja função é a de detectar a presença e localização de um toque com os dedos ou objetos, dentro de uma área de exibição, dispensando assim o uso de algum periférico de entrada, como os teclados e mouses. (<http://www.infoescola.com/tecnologia/touchscreen/>)

internet. Foram realizadas várias atividades tais como a criação de contas de *e-mail*³⁶ e do *facebook*³⁷.

Posteriormente, do décimo oitavo até o vigésimo encontro foi incorporado à utilização do celular tipo *smartphone*. Com a exploração de suas capacidades de convergência com diferentes formas de comunicação e de redes sociais, principalmente, *Whatsapp*³⁸ e o *Imo*³⁹. Assim, utilizaram o telefone celular para se comunicar de forma tradicional, através do *facebook* e *e-mails*. Finalizamos a oficina com uma cerimônia de entrega de certificados, tendo sido relatado por muitos nunca terem recebido um documento como aquele.

O desenvolvimento da oficina mostrou-se capaz de produzir alguns efeitos sobre a visão dos cursistas sobre as TIC. Isso fica evidenciado no tópico abaixo onde foi realizado um relato sobre as visões dos cursistas e do pesquisador. Com o objetivo de demonstrar o processo de apropriação do conhecimento sobre tecnologia pelo idoso, e também as dificuldades encontradas para que esse processo se efetive.

3.5 O relato da experiência com a Oficina Aprendendo com a tecnologia

Iniciou-se o trabalho das oficinas com a aplicação de um questionário. Neste foram apontadas várias questões que passaram a incorporar o plano de trabalho da oficina. Uma delas se referia ao uso das TIC em seu cotidiano. Dois dos cursistas declararam que não possuíam celular. Um deles disse que não possuía qualquer tipo de celular, pois disse que não sabia lidar com a ferramenta, que era muito complicada e a paciência de quem ensina é pouca, por isso não tinha.

Com referência à pergunta sobre o uso do caixa eletrônico, também tivemos a resposta unânime de que todos precisam usar o caixa eletrônico, mas sempre que iam utilizá-lo esperavam pelos atendentes da agência bancária. Ao obter a resposta

³⁶ O correio electrónico (igualmente conhecido pelo nome de e-mail, que é a forma abreviada do termo inglês *electronic mail*) é um serviço que permite trocar mensagens através de sistemas de comunicação eletrônicos. Fonte: <http://conceito.de/correio-electronico#ixzz40BKh1oJk>

³⁷ *Facebook* é uma rede social. Fonte: <http://www.significados.com.br/facebook/>

³⁸ *Whatsapp* é um software para *smartphones* utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à *internet*. Fonte: <http://www.significados.com.br/whatsapp/>

³⁹ *Imo* é um serviço de chat que utiliza mensagens ou vídeos para as conversas. Fonte: <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2015/05/imo-veja-como-usar-app-de-mensagens-gratuito-para-android-e-ios.html>

da dependência do caixa eletrônico, incluímos na oficina uma visita às agências bancárias para utilizarmos os caixas eletrônicos.

O Plano de curso das oficinas do CC tem como objetivo a formação básica de informática, mas para a oficina dos idosos foi pensado em um plano de curso que atendesse aos anseios dos cursistas. No entanto, as adaptações foram realizadas mediante as necessidades dos idosos. Os saberes de cada cursista são reconhecidos e partilhados, e a partir dos interesses de cada um, ampliados.

Figura 3 – Fotografia dos Cursistas



Fonte: Oliveira, 2015

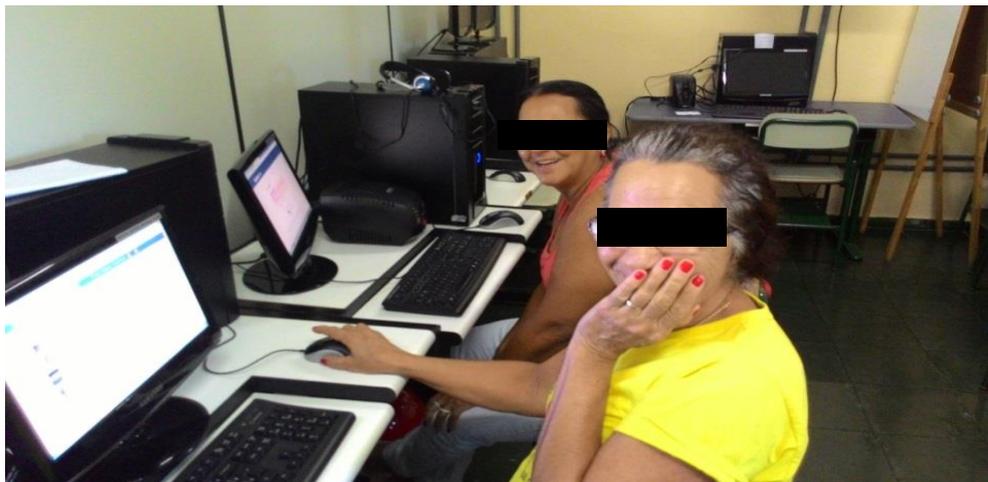
No primeiro encontro, apresentamos uma proposta básica para que todos pudessem ter um conhecimento mínimo sobre as tecnologias. Ao tomarem conhecimento da parte física do computador e de seus periféricos, apresentaram reações diversas, mas segundo eles ficaram tímidos e com medo de não conseguir utilizar a máquina. Nesse primeiro momento, exploraram as ferramentas do Windows, principalmente o acessório *Paint*. Durante esse período, foi produzida a escrita do próprio nome. Foi uma graça o uso da borracha! Utilizamos os atalhos para ampliar o tamanho da borracha, até porque todos eles apresentam deficiência visual.

No segundo encontro, solicitamos-lhes que fizessem um desenho cego; a proposta era riscar com o lápis sem tirá-lo do lugar por um tempo. Fiz uma contagem de tempo para que eles construíssem suas formas. Assim que eles concluíram,

apresentamos a eles outras ferramentas: o pincel e o baldinho para pintar. A escolha das cores, também foi mostrada.

Depois eles começaram a pintar. Alguns haviam afrouxado a mão e então quando colocava o baldinho para despejar a tinta, essa vasava e preenchia todos os espaços em comum, ou seja, tudo. Então diziam admirados “Agora acabou tudo mesmo, de verdade!”

Figura 4 – Fotografia Conhecendo o Computador



Fonte: Oliveira, 2015

Então, apresentamos outra possibilidade para resolver o problema, utilizar a seta desfazer, onde os últimos comandos eram desfeitos. Eles se divertiram com a tarefa e ficaram felizes com a obra de arte construída. Em seguida, abrimos uma pasta para depositar as atividades, na área de trabalho para guardar os arquivos. Utilizamos salvar como imagens e nomeamos os arquivos.

Figura 5 – Fotografia Desenho Cego



Fonte: Oliveira, 2015

No terceiro encontro, trabalhamos com a exploração das formas geométricas disponíveis no *Paint*. A tarefa dada como desafio foi a construção de uma casa. No momento em que foram iniciando a atividade eles estavam utilizando o lápis que já havia sido explorado na aula anterior. Em seguida, apresentamos a barra de ferramentas e as formas geométricas, as quais poderiam facilitar a construção da casa, até mesmo porque se houvesse um vento as suas casas todas “desabariam, pois estavam todas sem prumo”!

Figura 6: Desenho da Casa com uso do lápis no *Paint*



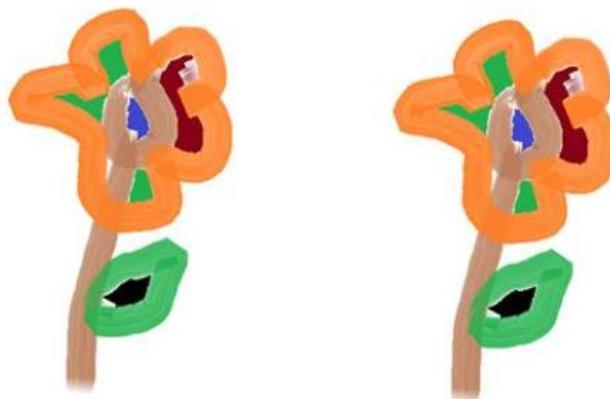
Fonte: Cursista 2C

A partir do momento em que iniciaram a exploração das formas geométricas perceberam que as mesmas garantiam melhor estrutura para as casas. Não foi muito fácil controlar o mouse para arrastar e ampliar a forma para terem o tamanho que desejavam. Contudo, entre risos e muita diversão eles concluíram a atividade. A produção foi salva.

No dia seguinte, no quarto encontro, a proposta era construir uma nova casa com jardinagem e sua localização na quadra. Foi excelente, pois eles optaram por fazer um condomínio fechado para distribuir os filhos e observou-se um senso crítico em avaliar as obras, demonstrando uma preocupação com os filhos e suas necessidades.

Vários foram os comentários realizados. O cursista 1A dizia: *“Tô mesmo precisando fazer uma casinha no meu lote, porque os vizinhos estão querendo invadir lá. E essa casinha ficou bem bonitinha”*. Já a participante 2A fez o seguinte comentário *“Ai que bom se eu tivesse uma casinha assim, novinha”*.

Figura 7 – Desenho de Jardinagem no Paint



Fonte: Cursista 2A

O participante 3A disse que fez logo uma vila porque assim, caberia toda a sua família junto. E a 4A, disse o seguinte: *“foi muito divertido construir essa tarefa, mas será que conseguiria ir adiante? A borracha tem hora que some”*. Outro detalhe foi utilizar o baldinho para pintar. Eles falavam assim: *“esse é esperto mesmo! Nossa vai de uma vez!”*. Ao final todos salvaram os arquivos em suas pastas.

No encontro seguinte, o quinto, eles apreciam a obra e compartilham seus endereços residenciais. Esse momento foi dedicado à partilha das realidades vivenciadas por cada um dos cursistas. Essa necessidade foi provocada pelo desejo de todos de compartilhar seus desenhos e com eles suas experiências corriqueiras. Assim, relataram sobre suas casas, plantas, animais de criação entre outros assuntos que se relacionavam ao tema da casa.

No sexto encontro, continuamos com o uso do *Paint*. Nesse momento, desenhamos uma comunidade representada por casas e rua com placas de sinalização. Utilizamos as ferramentas copiar e colar, realizando, depois, duplicidade das imagens. Os idosos ficaram encantados com o produto que construíram. Utilizamos a caixa de texto para dar título ao desenho. Ao utilizarem o teclado, percebido que alguns idosos tiveram dificuldades em localizar as letrinhas, contudo são persistentes.

Uma das questões que observamos foi baixa visão, que atrapalha mesmo utilizando a correção, os óculos. Da turma A tivemos dois cursistas que estão com

os óculos vencidos; não têm colaborado muito para enxergarem. Há os óculos de um cursista que está todo arranhado. Uma cursista da turma esqueceu os óculos, e quando isso acontece, fica muito difícil para ela trabalhar; resolvemos, então, levar alguns óculos de grau para as oficinas, fato que auxiliou os cursistas.

Figura 8: Desenho de Casas no *Paint*



Fonte: Cursista 3A

Contudo, dissemos a eles que procurassem um oftalmologista, que fizessem uma nova consulta, pois a visão é muito importante no cotidiano, principalmente para a leitura. Em uma dessas ocasiões o cursista 1A, com graça, disse: “*Nossa! ficou clarinho, muito bom. Tô achando que tenho que fazer outro*”. Então, perguntei: “*quanto tempo faz que fez o óculos?*”. O cursista 1A respondeu: “*Oh, faz muito tempo*”. A ideia é que o óculos é para sempre.

No sétimo encontro, trabalhamos com o pacote office, com o *word*. Iniciamos observando e explorando o teclado, localizando as letras, identificando as teclas numéricas e alguns comandos necessários para a produção da escrita. Dessa forma, começamos a construir uma nova atividade, montando um acróstico com o nome dos cursistas.

A princípio nome foi escrito na horizontal, depois lhes foi pedido que utilizassem a tecla *enter* após cada letra digitada e, ficando o nome numa posição horizontal, negritaram-se as letras e se aumentou seu tamanho. Em seguida aplicou-se o *wordArt*⁴⁰ para dar forma artística ao nome escrito. Também se colocaram molduras nas páginas.

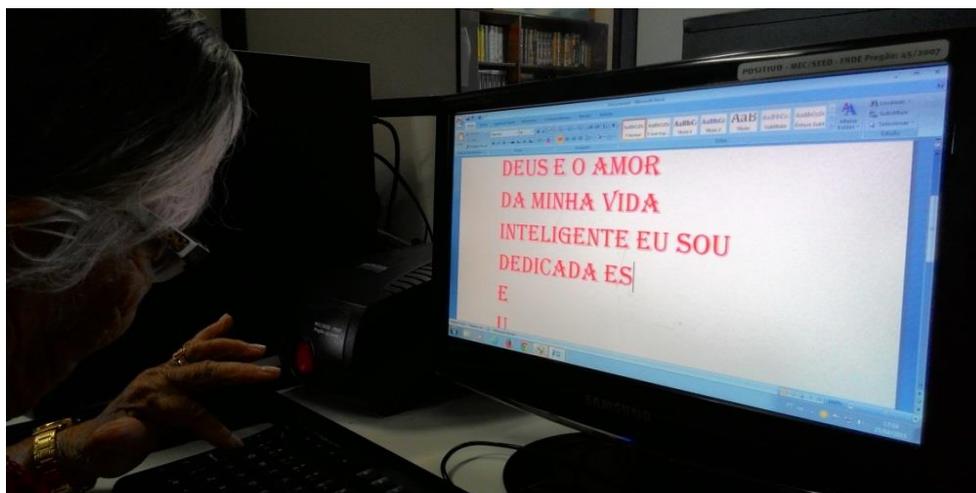
Para construírem as frases constituindo o acróstico, foi necessário que pensassem sobre suas qualidades e seus valores. Começamos, então, a refletir

⁴⁰ O WordArt é um texto decorativo que você pode adicionar a um documento. Fonte: <https://support.office.com/pt-br/article/Inserir-WordArt-c5e3d4e9-8b23-477e-aef6-cf30c8d925eb>

sobre nós mesmos. Nesse momento, percebemos certa timidez, baixa autoestima. O cursista 2A relatou que nunca havia feito alguma coisa parecida: “*quem julga a gente é os outros, a gente fazer isso da gente mesmo e custoso*”.

A partir de uma boa conversa e atendimento individualizado, foram surgindo as primeiras palavras. Da turma A, temos um casal muito católico; como eles disseram, *vivemos na fé*. Assim, a preocupação foi mostrar essa prática de suas vidas.

Figura 9: Fotografia do cursista fazendo o acrostico no Word



Fonte: OLIVEIRA, 2015

Outros apresentaram as superações que têm vivido diante das adversidades da vida. Ao findar o tempo da oficina, recapitulamos como salvar o documento. Devagar e seguindo os passos, todos conseguiram salvar, deixando para concluir o trabalho no dia seguinte.

A cursista A3 teve dificuldades. Disse; “*o mouse estava difícil de dominar*”. Já a cursista 1C, uma senhora de 80 anos, falou: “*as mãos estavam “abobadas” e o braço doía, mas que não tinha problema e que isso não a atrapalhava*”. Ela é uma das alunas mais entusiasmadas.

Em meio aos relatos, uma situação interessante ocorreu com o cursista 2B, pois dizia não ter TV em casa, pois cada vez que muda de residência tem que pagar para montar a parabólica, o que torna o valor muito caro. Por isso, resolveu não montar mais a antena. Prefere ir para o forró e outros eventos que são oferecidos pela Secretaria da Promoção Social.

O oitavo encontro se inicia abrindo-se o arquivo que foi salvo no dia anterior para se continuar o trabalho com o acróstico. Foram muito interessantes os relatos

sobre como as fragilidades das pessoas são aparentes; ficaram tímidos, mas continuaram na construção das frases. Devagar foram construindo e admirando. Parecia que cada frase construída elevava sua autoestima.

Depois que concluíram, buscamos devagar uma imagem para colocar como plano de fundo. Para tal, utilizamos o *ClipArt*.⁴¹ Escolhida a imagem, utilizamos o recurso “copiar e colar”. Novamente tivemos que salvar o arquivo, pois, o tempo foi insuficiente para concluirmos as atividades.

No nono encontro abrimos os arquivos e demos continuidade à atividade com o acróstico. Voltamos ao *ClipArt* para escolher uma imagem. Todos realizaram as tarefas, e salvaram seus arquivos. Continuamos utilizando a opção: *salvar como* e *renomear o arquivo*.

Teve início, então, durante o décimo encontro, uma nova fase da atividade com o acróstico. Para tanto, todos foram convidados a tirar uma foto para colocar como plano de fundo do acróstico. Assim, os cursistas foram até o jardim para tirarmos uma foto. Mas antes de iniciarmos a seção de fotos as cursistas arrumaram os cabelos, passaram batom para dar um colorido nos lábios.

Apresentamos as possibilidades da máquina fotográfica digital e, posteriormente com o uso do *tablet* e do celular, para tirar fotos. Após tirar as fotos, salvamos nos computadores para escolherem a melhor pose. A proposta foi construir um cartão utilizando a própria imagem e o próprio acróstico. Aplicamos a técnica de *salvar imagem como*, no *desktop*, o mesmo que área de trabalho.

Figura 10 – Tirando uma foto com o tablet



Fonte: Cursista 2B

⁴¹ Recurso que permite selecionar gráficos e sons para inserir em um documento. Fonte: http://infolib.lotus.com/resources/symphony/3.0.0/sym20abd014/pt_br/text/shared/01/gallery.html

Figura 11 – Cartão com acróstico no trabalho com Power Point



Fonte: Cursista 1B

No décimo primeiro encontro, apresentamos os passos para colocar a imagem no acróstico. Com a possibilidade, todos ficaram muito envaidecidos, tendo até ocorrido o comentário do cursista 1A, que disse: *“por que não sou mais novo para aproveitar bem essas maravilhas?”*.

Realizamos a ampliação da fotografia, pedindo que observassem como ampliar a imagem. Para tanto, era necessário puxar as imagens pelas laterais, através de uma seta de duas pontas para aumentar e diminuir; e a de quatro pontas para deslocar. Após colocar a imagem na proporção desejada e posicioná-la corretamente, clicamos com o mouse do lado esquerdo para acionar o comando enviar para traz, foi um sucesso.

A cada clique, vários eram os comentários, os quais chamavam a atenção do cursista 4A que sempre repetia: *“bom demais, o Brasil é um país para todos”*. Davamos a impressão de que ele estava se sentindo importante naquele momento. Em seguida salvamos o documento.

No décimo segundo encontro, a proposta foi utilizar o software do pacote do *office PowerPoint*, no qual fizemos a transferência do acróstico para o slide⁴². Para

⁴² Um **slideshow** é a apresentação dos slides. No **Microsoft PowerPoint**, por exemplo, um dos **softwares** mais utilizados para fazer slides e apresentações (**slideshows**), cada página do PowerPoint é considerada um **slide** e a passagem (“deslizamento”) entre cada (**slide**), constrói o processo de um **slideshow**. Nesse contexto, o sentido literal da palavra slide é atribuído. Fonte: <http://www.significados.com.br/slide/>

realizar ligamos o computador e utilizando o *mouse* abrimos o arquivo no *word*, selecionamos o texto e copiamos para colar no *PowerPoint*. Em seguida, copiamos e colamos a foto e depois com o *mouse*, copiamos e colamos no *word*; fomos até a menu formatar imagem e recortamos a foto. Abrimos o arquivo no *PowerPoint*. Então, buscamos a foto para colar no *slide*. Para realizar a operação utilizamos os comandos *copiar no slide*.

Então, orientamos a posicionar o *mouse* na imagem e esticar para cobrir todo o *slide*, puxando nas extremidades. Logo, alguém gritou “*sumiu tudo*”. Com isso, repassamos outra dica: “*Vamos clicar sobre a foto. Quando fazemos a seleção aparecerão uns pontilhados em volta da foto, neste momento clique com o mouse sobre a foto*”. Eles disseram que nada havia acontecido. A escrita ficou perdida e eles ficaram pensativos, achando que nada havia dado certo. Mas, em seguida, pedimos para que cada um clicasse sobre a imagem com o mouse do lado direito e procurasse na janela aberta a informação *enviar para trás*. “*Uai, olha só. Parece mágica*”, disse 2B. Ficaram contentes e vibrantes com a obra; nem acreditaram que estavam fazendo o cartão. Novamente salvaram o arquivo.

No décimo terceiro encontro, o desafio foi utilizar a internet. Apresentamos algumas possibilidades do uso da internet, utilizando o *data show* a partir de slides construídos no *PowerPoint*, apresentamos ícones de páginas da internet.

Em seguida, clicamos no ícone do programa de navegação, *Firefox*, e abrimos a janela da internet pedindo para que na barra de endereço escrevessem o endereço de um site de busca utilizando, nesse momento, o site do *google*. Explicamos que esse site aponta vários endereços que apresentam a sua busca, ou seja, seu objeto de pesquisa. Ao abrirem o site, pedimos que fizessem algumas buscas. Todos acharam interessante.

No décimo quarto dia, a proposta foi construir novo cartão, agora em homenagem a alguém. Poderia ser até sobre as mães; mesmo não tendo mães vivas, eles poderiam apresentar sua gratidão pela que tiveram. Enfim, todos concordaram em fazer para as mães e ficaram felizes em construir seus cartões.

Figura 12 – Cartão para as mães



Fonte: Cursista 2A

Utilizando o PowerPoint, orientamos pelo seguinte *design*: nome da mãe, a mensagem e assinatura. Para enfeitar o cartão, retornamos à internet a fim de pesquisamos sobre flores, colocando a opção de busca em imagens. Da turma A dois tiveram mais dificuldades: os cursistas 2A e 4A, que, porém, não desistiram, persistindo na atividade. Quando abriram a página das flores, disseram que nunca haviam visto tantas variedades de flores na vida quanto naquele momento. Cada um apreciou aquele amontoado de flores; a cursista 2A disse: *“foi difícil escolher, porque cada uma era mais bonita que a outra”*.

Após a apreciação e a escolha, selecionamos uma imagem e clicamos duas vezes sobre ela para abri-la. Aberto o arquivo, clicamos com o botão direito do mouse para *salvar como imagem* no *desktop*. Após salvar a imagem no *desktop*, minimizamos a tela, copiamos a imagem e colamos no cartão.

Novamente, na sequência dos passos, com a colagem da imagem, o texto sumiu. Orientamos para reduzir ou ampliar a imagem e em seguida colocar a imagem para trás, seguindo os passos: clique com o mouse do lado direito e ir ao comando *enviar para trás*. Não acreditaram, ficaram admirados. Apresentamos o processo para salvar imagem como parecido com o trabalho da foto e depois, copiar e colar.

Eles ficam admirados e passamos para os retoques, tais como a organização do texto, tamanho da letra, formatação, cor de letra e fonte. A resposta para essas atividades, vinda por parte do cursista 1C foi: *“que linda obra de arte”*.

No décimo quinto encontro, os alunos chegaram preocupados, pois, acreditavam que não conseguiriam repetir as ações do encontro passado sozinhos. O cursista 3C se manifestou: *“Estou pensando: será que depois faço tudo isso sozinho? Se eu der conta, acho que vou poder comprar um equipamento desses”*.

Iniciamos as atividades entrando na Internet e, assim, o desafio foi buscar uma música, que faz tempo que não ouvia. Então, cada um lembrou-se de uma música e fizemos uma pesquisa no site de busca *google*.

Para realização da atividade, utilizamos o periférico *fone de ouvido*. Colocamos o fone de ouvido em cada um para pudessem assistir a veiculação do selecionado; dessa forma, todos estariam envolvidos em suas atividades, mas cada um, na sua individualidade, apresentava comportamentos como: ao ouvir e assistir um programa no computador, sorria e conversava como se estivesse interagindo com a máquina, ouvia-se uma risadinha ou comentário solitário em voz alta, como se estivesse falando com outra pessoa. A aluna 2C disse: *“é por isso, que esse povo futrica nisso a noite inteira, mas, é porque isso é bom mesmo!”* A cursista 3B comentou: *“Depois que entrei na internet, e busquei as imagem de flores para o cartão das mães que ficaram lindos, agora arranjamos umas músicas muito boas, daqui a pouco vai dar para arrumar até namorado”*.

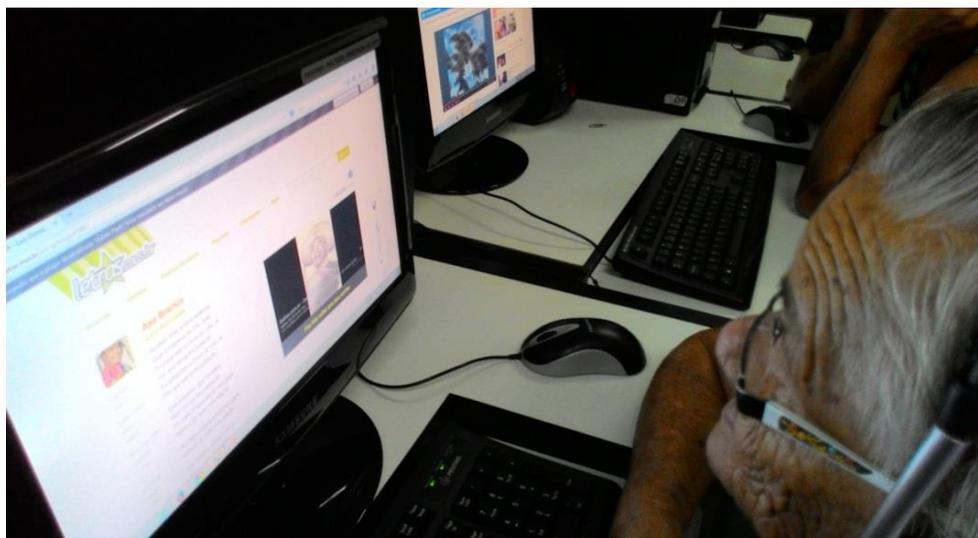
Figura 13: Navegando na Rede



Navegamos pela Internet, cada um por um caminho, todos sempre assistidos. A turma A procurou as músicas Gospel e do Padre Periquito, visitaram o site do *Youtube*⁴³ e assistiram variados vídeos. Os vídeos de piada do Geraldinho Nogueira foram os mais assistidos; todos apreciaram, sorriam sozinhos, e faziam comentários, como se estivessem participando efetivamente do evento. Além disso, apesar de estarem com os fones de ouvidos, trocavam comentários entre si. Isso demonstra o aspecto socializador dos membros dessa geração, que, apesar de estarem isolados pelos fones de ouvidos e em diferentes assuntos, buscavam estabelecer entre si uma comunicação pessoal.

No décimo sexto encontro, para possibilitar mais autonomia a cada cursista, utilizou-se o *Datashow*, para que pudessem acompanhar os passos que cada um teria que seguir em sua solicitação. Apresentamos as possibilidades dos sites de compras. Visitamos vários sites de compras *online* que ofereciam diferentes produtos; simulamos compras de camionetas, celulares, *tablets*, máquinas de lavar, televisores, cada um apresentando seus desejos e aí buscamos apresentar a cada um deles as possibilidades de compra. Alertamos sobre os cuidados que se deve ter para efetivar compras pela Internet.

Figura 14: Fotografia do cursista ouvindo música



Fonte: Oliveira, 2015

⁴³ **YouTube** é um **site de compartilhamento de vídeos** enviados pelos usuários através da internet.
Fonte: <http://www.significados.com.br/youtube/>

Continuamos o décimo sexto encontro e a novidade foi a apresentação do uso do *Tablet*, utilizando equipamento adquirido com recursos próprios, pois a instituição não possuía *tablets* nem *celulares*. Apresentamos o equipamento para os cursistas, que ficaram maravilhados. O cursista 3B disse: “*Que chique! Que legal! Que joia! Muito lindo!*”. Os comentários foram todos de elogios ao novo aparelho e de admiração por ele. Solicitamos que ligassem os equipamentos e orientamos para que seguissem os passos necessários para seu uso e, seguir, dissemos que iríamos navegar na Internet.

Ao usarem o *touchscreen*, alguns apertavam a tela com força. Dissemos para tocar a tela com leveza. Dando continuidade, solicitamos que se lembrassem da juventude, do tempo em que eram jovens e das músicas de que gostavam. Cada um trouxe da história de vida passada lembranças que lhes deram motivos para se emocionarem.

A Turma A se divertiu muito, a Turma B também ficou impressionada, mas foi na Turma C que afloraram as emoções. Disseram que haviam voltado no tempo 40 anos. A cursista 2C disse: “*há 40 anos, em São Paulo, aquela música ecoava nos espaços da rodoviária, quando eu tomei um destino diferente da família, vindo para Goiás.*” E ainda com lágrimas nos olhos, falou: “*Que coisa mais linda minha filha, que coisa maravilhosa!*” Sempre se dirige a nós com muita afetuosidade. Houve um problema de conexão, na turma C, com um dos *tablets*; não se conseguia a conexão, em razão do que foi preciso voltar ao computador de mesa e utilizar o fone de ouvido.

Figura 15: Usando o Tablet

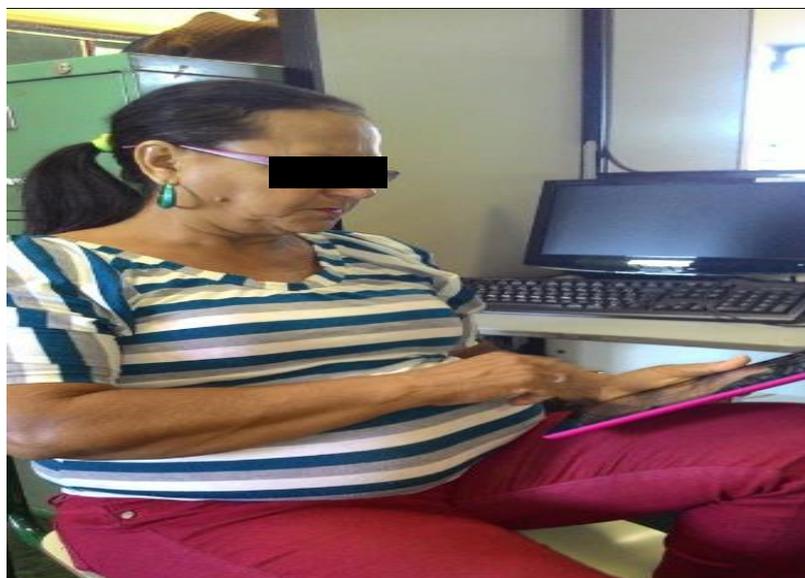


Fonte: Oliveira, 2015

No décimo sétimo encontro, iniciamos o cadastro de *e-mail* e de *facebook* para todos. Havíamos solicitado no encontro anterior que trouxessem os documentos para a realização do cadastro. Após o cadastro, inserimos as fotos. No momento de se criarem as senhas, foi divertido, pois orientamos que cada um deveria guardá-la com cuidado para não sumir pois só seria possível o acesso ao e-mail com posse do *login*⁴⁴, ou seja, com os dados em mãos. Trocamos e-mail entre os pares.

Da Turma A dois cursistas apresentaram maior dificuldade na escrita. Na turma B e C um cursista, também apresentaram dificuldades em escrever. Esses problemas são causados pelo baixo letramento que dificultava a atuação na produção da escrita, mas eles não desistiram. Findado os cadastros dos e-mails, fomos realizar o cadastro no *facebook*, todos ficaram ansiosos. Nesse momento alguns *tablet* apresentaram problemas com a conexão *wi-fi*⁴⁵, então voltamos para o computador de mesa. Cadastramos um a um e inserimos fotos. Buscamos explorar o que termos no *facebook*. Buscamos amigos, pedi para eles trazerem os e-mails dos filhos, netos que tivessem, para terem seus contatos.

Figura 16: Acessando o *Facebook* com o *tablet*



Fonte: Oliveira, 2015

⁴⁴ *Login* é um termo em inglês usado no âmbito da informática, um neologismo que significa ter acesso a uma conta de email, computador, celular ou outro serviço fornecido por um sistema informático. Fonte: <http://www.significados.com.br/login/>

⁴⁵ Wi-Fi é uma abreviação de “Wireless Fidelity”, que significa fidelidade sem fio, em português. Wi-fi, ou wireless é uma tecnologia de comunicação que não faz uso de cabos, e, geralmente, é transmitida através de frequências de rádio, infravermelhos etc. Fonte: <http://www.significados.com.br/login/>

Na turma B, temos um cursista que procurou pela filha que havia mudado para o sul de Minas há alguns meses. Quando colocamos na busca apareceu, no *facebook*, uma pessoa com as características físicas da filha; contudo, não havia qualquer foto para identificação. Deixamos uma mensagem para que a pessoa retornasse. Na turma C, a cursista 2C encontrou um neto que se havia mudado havia um ano para São Paulo, e que não o via desde então. Ele estava *online*. Foi somente dar um cutucão e o diálogo se iniciou. Ele enviou foto dos filhos, o tempo do encontro se esgotou e não se havia dado do tempo. Foi um momento incrível.

No décimo oitavo encontro, os cursistas chegaram e pegaram os *tablets* para acessarem o *e-mail* e o *facebook*. Estava difícil de acessar pelo *tablet* e eles passaram para o computador. A seleção das amigadas no *facebook* foi interessante, pois cada um selecionou utilizando o critério da empatia, realizando comentários sobre cada um, em voz alta. Aqueles que não lhes interessavam eles os descartavam com facilidade. O cursista 2B chegou dizendo que a sua neta o teria procurado no *facebook* e não encontrou. Então dissemos que iríamos encontrá-la; ele o conseguiu rapidamente e, a partir de então, foram vários recadinhos. As tarefas que foram realizadas seriam postadas no *facebook* de cada um, o que ainda não foi concluído.

O décimo nono encontro foi reservado para o uso do celular, tecnologia compacta e convergente que possibilita vários recursos que os outros equipamentos apresentam. Os celulares utilizados foram *Smartphones android*. Repetimos todas as operações anteriores, acessamos o e-mail, acessamos o *facebook*, pesquisas. Alguns acharam o aparelho muito pequeno, mas muito importante. Explicamos que pelo celular é mais fácil acessar a Internet, pois existem planos que ficam bem em conta para se ter acesso ilimitado. Manusearam os celulares, tiraram fotos uns dos outros e até fizeram *selfies*.

Vigésimo encontro apresentamos a eles o *whatsApp* e o *Imo*, e dissemos que são possibilidades que facilitam a vida no dia a dia. Testamos o aplicativo *watsApp* com algumas pessoas como também contatamos pelo aplicativo *Imo*. Ficaram todos encantados.

Figura 17 – Utilizando o *Smartphone*

Fonte: Oliveira, 2015

Foi realizada, ainda, uma visita às agências bancárias do município de Uruaçu. O questionário inicial evidenciou uma dificuldade dos idosos no manuseio do caixa eletrônico. Em vista disso, preparamos um ofício que encaminhamos às respectivas agências bancárias, que foram prestativas e nos disponibilizaram a utilização de um caixa eletrônico. Todos visitaram os caixas e simulamos várias operações que fazem parte do cotidiano deles, tais como acessar, extrato, saldo e saque. A turma A disse: “Isso não é difícil, é porque ficamos apavorados”. Falamos o seguinte: “Tenham calma e sigam os passos com tranquilidade”.

3.6 *Categorização da Oficina Aprendendo com as Tecnologias*

Nesse tópico analisam-se os efeitos da oficina *Aprendendo com as tecnologias*, por intermédio do método da categorização, que permite uma análise do conteúdo, de forma a facilitar a comunicação da pesquisa. Assim, foram definidas três categorias: a primeira trata do idoso e das características do envelhecimento para o processo de apropriação das TIC. A segunda categoria trata da formação educacional e as TIC, em que se insere a posição dos cursistas em relação ao tratamento recebido nas oficinas, as tecnologias apresentadas e os impactos da oficina na superação de alguns obstáculos para a apropriação das TIC. E a terceira categoria, com o tema *Inclusão digital*, na qual estão incluídos os aspectos materiais, as fragilidades sensoriais, o baixo letramento, como também os

sentimentos relativos ao processo de inclusão no mundo digital no cotidiano do idoso.

3.6.1 O Cotidiano dos Idosos

Durante a pesquisa observou-se grande variedade de conceitos para designar o envelhecimento, tais como: velho, velhice, idoso e terceira idade. Todas essas representações carregam dentro de si uma polissemia própria, em decorrência de suas características históricas e culturais. Para a pesquisa, o entendimento dessa fase da vida compreende o idoso como indivíduo capaz de apropriar e produzir conhecimentos e, com isso, melhorar suas condições sociais e de acesso às tecnologias, que lhe dão mais autonomia e lhe possibilitam a integração como cidadão atuante.

Segundo Kachar (2003),

As alterações fisiológicas do envelhecimento em decorrência da senescência em alguns aspectos são significativas na vida do indivíduo e na sua relação com o computador. O declínio de algumas atividades não inviabiliza a apropriação e o domínio dos recursos tecnológicos, mas exige um contexto educacional específico que atenda às condições de aprender sobre a máquina e por meio dela explorar outras possibilidades de desenvolvimento do indivíduo. (p. 47)

Com isso, o primeiro grande desafio foi desfazer nos idosos a ideia de incapacidade para aprender. Essa dificuldade se expressou de diferentes formas no decorrer das oficinas, como podemos observar no seguinte relato do cursista 1A: “se não fosse tão rude não teria dado tanto trabalho”. E do cursista 2B, que disse: “Achei que eu não iria voltar no outro dia, mas o interesse e o esforço em nos ensinar me motivou a voltar.” Já o cursista 1C: “sou lentinha, mas me esforço e faço. A cabeça às vezes quer lencar, mas com fé vai”.

Outro problema foi o de reconhecer o envelhecimento como fator biológico e inevitável, acarretando condições específicas, tais como dificuldades de deslocamento, déficit de atenção, dificuldades motoras e baixa visão. Assim, nas oficinas essas preocupações foram consideradas desde o planejamento até a sua realização. Veja-se o que disse o cursista 2C: “as pernas não são boas mais para andar e as vistas não ajudam”; enquanto isso, 1D dizia que: “os velhos estão na

hora da morte; tudo que vai fazer e custoso”. O cursista 1D acabou esquecendo seus óculos de correção visual, justificou que recebeu uma visita, provocando seu atraso para o curso: “saí tão ligeiro que esqueci os óculos”.

Assim também foi verificado por Lindôso et al (2011) em sua experiência com aplicação de oficinas realizadas para esse público alvo: grande parte deles apresenta dificuldades motoras no uso do teclado e do mouse, devido à dificuldade para realizar uma atividade motora harmoniosa em decorrência das consequências do envelhecimento. A baixa visão é um problema que poderá ser corrigido. Durante as oficinas oferecemos óculos de grau para auxiliá-los; experimentando um par de óculos, o cursista 1A disse com graça: “*Nossa! ficou clarinho, muito bom. Tô achando que tenho que fazer outro*”. Percebe-se que não há rotina no acompanhamento oftalmológico; fazem óculos e pensam que está resolvido o problema. A ideia é que os óculos são para sempre.

No decorrer das atividades foi observado que muitos apresentavam dificuldades em lidar com o mouse; a cursista 1C reclamou: “parece que estou com a mão boba”. Essa dificuldade de ordem motora é considerada um desafio na construção da oficina. Segundo (VALENTE, 2001), os

Desafios a serem vencidos, de certa forma, são muito semelhantes aos desafios que as crianças encontram em sua infância. Desafio de ordem motora: a dificuldade em manusear o mouse, falta de destreza para clicar o mouse ou clicar e arrastá-lo ao mesmo tempo (p.33).

Para conseguir minimizar os efeitos decorrentes dessa limitação, foram propiciados encontros para desenvolvimento de habilidades com o mouse por intermédio de algumas ações tais como: clicar e mover o mouse. Essas atividades foram realizadas no aplicativo *Paint* e no software *Word*, para, através da construção de imagens e de montagem de textos, se operacionalizassem as capacidades de manuseio do mouse e do teclado pelo idoso.

Todas as dificuldades referentes à saúde e às condições físicas não significaram impedimentos à apropriação da tecnologia pelo idoso.

Mesmo com as angústias vivenciadas, os cursistas iam superando-se a cada situação apresentada ou construída; percebe-se, então, que o aumento da satisfação entre os cursistas provocou a superação de suas limitações. Segundo Ruschel (2002),

Sentir é quando meu Eu relaciona-se com algum objeto (concreto ou abstrato). Em se tratando de sentimentos positivos percebemos que o objeto desperta em nos algo agradável, algo carregado de potencialidades de atender nossas necessidades e/ou desejos [...] Sentir e estar implicado em algo, ou seja, e estar comprometido de alguma forma com algo. E também mais do que isto! Sentir é uma forma de conhecer e interpretar o mundo, o cotidiano, a realidade. (pp. 106-107)

No decorrer das oficinas, observou-se que o incentivo constante e a superação de pequenos desafios diários acabavam estimulando a persistência dos cursistas.

Outro momento que trouxe grande expectativa para os idosos foi a possibilidade de postagem no *facebook*. Realizamos algumas atividades às quais nos referimos como obras de arte: cartão para as mães, acrósticos, cartão de felicitação aos filhos. E as obras de arte postadas no *facebook* deixava-os ansiosos para ver o que iria acontecer e como fazer. Partilhamos as atividades realizadas durante o curso no *facebook*, o que os deixou extremamente envaidecidos.

Conforme 2C disse, “é por isso que esse povo futrica nisso a noite inteira, mas, é porque isso é bom mesmo!” Outra situação decorrente dessa experiência foi o desejo de possuir um equipamento que lhes permitisse explorar o que aprenderam.

As questões culturais se refletem, de forma significativa, nas atitudes deles; percebemos que muitos deles têm vontade, mas não sabem como explicar o que querem, porque não conhecem a infinidade de possibilidades das tecnologias midiáticas e de outras tecnologias. Referindo-se a esse novo contexto, Arruda (2002) expõe que com: “o avanço tecnológico surge a necessidade de a experiência educativa ser centrada no desenvolvimento, na criação e na construção de uma consciência.” (p. 71) Estas se desenvolveram paralelamente ao envelhecimento dos sujeitos, ou seja, não são todos os idosos que vivenciaram e se apropriaram das tecnologias no cotidiano, pois muitos deles ficaram à margem desse processo.

Para o encerramento das oficinas, realizamos um momento de entrega do certificado de participação nas oficinas e um pequeno coquetel do qual todos foram convidados a participar. Convidamos também a coordenação e a direção do CC, que fizeram uma homenagem aos idosos por sua persistência na conclusão das oficinas. Dos cursistas não tivemos a presença da cursista 2C, que, no mesmo dia,

no período da manhã, estava fazendo atividades físicas com outro grupo da saúde, pois havia torcido o pé e não pôde comparecer.

3.6.2 Formação Educacional e TIC

A proposta formativa da oficina constituía uma parte significativa da pesquisa, pois foi por meio das oficinas que se teve contato com o objeto da pesquisa: o idoso. Dessa forma, buscou-se estabelecer uma proposta educativa que fosse capaz de absorver as dificuldades apresentadas pelo idoso, através dos conhecimentos da Gerontologia educacional.

A aprendizagem da informática baseia-se na pesquisa da cognição durante o processo de envelhecimento. Esses estudos dão suporte ao planejamento do ensino e implementação de atividades de Informática, voltadas especificadamente para a Terceira Idade. Estabelecem propostas de acordo com suas necessidades, num processo cognitivo que atenda ao seu ritmo, suas limitações e dificuldades sensoriais. (PASSERINO *et al*, 2006, p. 5).

Lima (2001) considera a Gerontologia Educacional um novo modelo de educação para a terceira idade, que propicia o descobrir, o reanimar e o fortalecer o potencial criativo, cultivando uma formação integral do indivíduo enquanto pessoa que aprende a ser. Observam-se as características desse novo processo criativo no discurso do cursista 2C: “Estes encontros aqui foram ótimos; nem via o tempo passar, cada dia uma coisa diferente, mesmo que a gente pensasse que fosse difícil você fazia parecer fácil. Isso é muito bacana”.

Para Cachioni (2002),

A Gerontologia ocupa lugar de destaque entre as várias disciplinas científicas, beneficiando-se e sendo beneficiada pelo intercâmbio de ideias e dados, num campo de natureza multi e interdisciplinar, ancorado pela biologia e pela medicina, pelas ciências sociais e pela psicologia. Ainda defende que existe uma cooperação de várias ciências a favor de um objeto comum: o processo de envelhecimento (p. 1).

Assim, esses conhecimentos possibilitaram a elaboração de uma proposta pedagógica. Libâneo (2001) aponta que a Pedagogia se ocupa do estudo

sistemático da educação, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, inerente aos processos sociais. Observa, ainda, que a pedagogia:

Mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnico-profissionais, investiga a realidade educacional em transformação, para explicitar objetivos e processos de intervenção metodológica e organizativa referentes à transmissão/assimilação de saberes e modos de ação. Ela visa o entendimento, global e intencionalmente dirigido, dos problemas educativos e, para isso, recorre aos aportes teóricos providos pelas demais ciências da educação. (p. 513)

Compreendemos assim que a Pedagogia é uma ciência que procura entender a natureza e os fins da educação, buscando compreender os mecanismos de ensino para, de forma organizada e intencional, provocar a aprendizagem.

Esta experiência foi apoiada nos fundamentos da educação freireana, numa organização não formal, que valoriza a reflexão da realidade e a dialogicidade entre os cursistas, o professor e os conteúdos a serem ministrados. Esses aspectos foram relevantes para o estabelecimento da proposta pedagógica da oficina. Segundo Freire (1983),

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em ternos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (p.43).

Neste sentido, compreendemos que o homem é um ser de relações e não apenas de contatos. Em consequência, as relações são carregadas de manifestações múltiplas que desafiam seu modo de viver.

Segundo Freire (1983),

O homem é ser de relações e não apenas de contatos. Tais relações são carregadas de pluralidade, de criticidade, de consequência e de temporalidade. Estar no mundo e com o mundo significa responder às múltiplas e desafiantes manifestações do eu e do outro num jogo constante de respostas, quando surgem as possibilidades de se ter mudado o modo de ver e responder, de agir e reagir (pp. 62-63).

Assim, consideramos como metodologia de trabalho referência ao contexto de cada aluno, priorizando sempre a vontade do idoso. Segundo depoimento do cursista 1^a,

Me senti muito pequeno diante do universo apresentado. E ainda pensei, o que é isso? Pensei: isso não dá pra mim. Mas como fui recebido e com tanta atenção, que resolvi voltar para ver o que daria. Tive curiosidade e vi uma oportunidade.

Confirmando a importância de um espaço educacional que harmonizasse as necessidades do idoso e da oficina, além de um tratamento humano, o cursista 2A disse: “Senti muito amor, paciência; senti feliz, senti gente importante”. Novamente disse que estava muito feliz, mas que iria sentir falta. “Nada faltou, foi tudo ótimo. Imagina eu, com facebook.”

Segundo Vasconcelos e Ziliotto (2012),

Mesmo temendo enfrentar barreiras de difícil transposição, homens e mulheres em plena maturidade ousam desafiar se no caminho do novo, em busca de novas perspectivas pessoais, sociais e profissionais, enfrentando, não raras vezes o preconceito, o desrespeito e, inclusive, o desprezo por sua sabedoria e experiência ao longo da vida acumuladas (p. 60).

O cursista 2B diz: “Gostei muito das oficinas, e o bom atendimento da equipe fez muita diferença na *permanência* nossa no curso. Vocês não deixaram a gente se sentir bobo”. Essa expressão era o resultado do descontentamento com outros cursos de informática, realidade que denota a importância de uma abordagem mais humanizada e preocupada com essa faixa etária.

Contudo, foi preciso esclarecer que existiam algumas necessidades e possibilidades permitidas ao uso das TIC e à navegação da Internet.

Esse público é tão exigente quanto a sociedade moderna lhe exige que seja um sujeito ativo, ou muitas vezes dentro de uma situação paradoxal, essa mesma sociedade vê o idoso como um sujeito experiente pelos processos e ações vivenciadas, mas carente de habilidades e conhecimentos inovadores. E dentro dessa realidade as Tecnologias, vistas como inovação e avanço na forma de fazer tornam-se recursos e técnicas procuradas e demandadas para proporcionarem a esses sujeitos, uma forma de se mostrarem

necessários, úteis e atuantes (PASSERINO; PASQUALOTTI, 2006, p. 10)

Após a exploração dos *tablets*, percebemos ter havido preferência pelo computador de mesa; no entanto, com a exploração do celular uma nova realidade se estabeleceu. Na exploração do celular, foram apresentadas as possibilidades de comunicação existentes e as possibilidades de convergência da mídia. Nesse sentido, o uso da internet pelo celular tornou-se, para eles, mais conveniente, até mesmo porque nenhum deles possui Internet em casa.

A participação dos idosos nas oficinas nos mostrou que as possibilidades de apropriação das TIC por eles é real. Para Pretto (2008),

A apropriação da cultura digital passa a ser fundamental, uma vez que ela já indica intrinsecamente um processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, afetando em maior ou menor escala todos os aspectos da ação humana. Isso inclui reorganizações da língua escrita e falada, as ideias, as crenças, costumes, códigos, instituições, ferramentas, métodos de trabalho, arte, religião, ciência, enfim, todas as esferas da atividade humana. Até mesmo os aspectos mais pessoais, como os rituais de namoro e casamento entre outras práticas, têm sua regulação alteradas dadas as novas formas de interação vivenciadas na cultura digital (p. 78).

Além de terem aumentada sua autoestima, apresentaram, durante os dias da participação, satisfação, alegria, disposição e assiduidade, elementos importantes para o sujeito. E que traduzem a percepção da inconclusão (ou incompletude? que, segundo Freire (1987), anima homens e mulheres na busca do conhecimento.

No próximo tópico faz-se uma análise das características do envelhecimento e os impactos no processo educacional e no dia-a-dia do idoso, segundo a observação e os relatos apresentados pelos cursistas, por meio uma análise desses relatos e observações segundo as teorias levantadas na pesquisa.

3.6.3 Inclusão digital e Cotidiano

A proposta inclusiva da *oficina Aprendendo com as Tecnologias* foi orientada no sentido de permitir aos cursistas idosos a apropriação dos conhecimentos necessários para estarem integrados ao mundo tecnológico que cerca a vida cotidiana da sociedade atual. Para Gohn (2006), “com a sociedade informatizada, computadores celulares, vídeos e a Internet deixaram de ser privilégio das elites e passaram a fazer parte do cotidiano do cidadão comum” (p. 9).

Dessa forma, ao possibilitar a inclusão do idoso no universo digital, e, com isso, facilitar sua ação de ir ao caixa do banco, aprender a utilizar o celular, entre outras atividades, efetiva-se sua condição de idosos, indivíduos e cidadãos participantes dos aspectos cotidianos de sua própria vida no grupo social a que pertencem.

Assim, analisando as experiências que tiveram os nove cursistas no que diz respeito à inclusão, podemos considerar algumas peculiaridades dos grupos, tais como as diferenças econômicas e de escolaridade. Estes fatores influenciaram direta e indiretamente na forma como a apropriação dos conhecimentos e recursos tecnológicos ocorreram durante as oficinas.

As diferenças financeiras implicavam uma condição melhor ou pior para a aquisição dos recursos tecnológicos, tais como: computadores, celulares e *tablets*. Apresentar melhor condição financeira, da qual provinham mais facilmente os recursos para se obter a tecnologia, propiciava o acesso aos reais efeitos do alcance das atividades realizadas nas oficinas e de se obterem os recursos tecnológicos. Segundo o cursista 3A: “Mas acontece que ainda não tenho nenhuma dessas tecnologias para eu treinar. Penso que a hora que tiver vai ser melhor”.

Silveira (2003) ainda considera que

A inclusão digital não pode ser apartada da inclusão autônoma dos grupos sociais pauperizados, ou seja, da defesa de processos que assegurem a construção de suas identidades no ciberespaço, da ampliação do multiculturalismo e da diversidade a partir da criação de conteúdos próprios na internet, e, pelo ato de cada vez mais, assumir as novas tecnologias da informação e da comunicação a ampliação da sua cidadania (p. 21).

Outro aspecto, ainda mais significativo, é o baixo letramento. Entre os cursistas, alguns apresentavam muitas dificuldades de leitura e produção de texto, que foi constatado a partir do preenchimento das fichas e posteriormente verificado

nas atividades nas quais havia necessidade da linguagem escrita. O cursista 3C relatou que teve muito pouco tempo de estudo, chegando a concluir somente o primeiro ano do Ensino Fundamental, o que provocou, assim, dificuldades de apropriar-se dos conhecimentos. Segundo, Palácios (2005),

Se você dá acesso a uma pessoa e ela é semialfabetizada, tem grande dificuldade de leitura, não tem uma bagagem importante em termos de cultura ocidental – dessa cultura que move o capitalismo, essa pessoa vai fazer muito pouco tendo acesso a um computador (p. 2).

Há que se ressaltar, porém, que, apesar das dificuldades encontradas pelos cursistas muitos foram os avanços obtidos no processo de apropriação realizado por meio das oficinas pelos idosos. Muitos passaram efetivamente a incorporar-se ao cotidiano da vida moderna, estabelecendo comunicação através de redes sociais com amigos e parentes. Segundo depoimento do cursista 1C:

Todos os idosos teriam que fazer esse estudo aqui; é bom demais, pensa, achei meu neto lá do outro lado do mundo. Ganhei até um tablet de minha filha e agora tô na rede. Interessante é que a gente pode escolher até com quem a gente quer conversar.

Um aspecto marcante nesse processo inclusivo esteve na dificuldade que os idosos encontravam para utilizar o caixa eletrônico. Essa observação foi realizada nas entrevistas iniciais e incluída como uma das atividades realizadas na oficina. Em depoimento, o cursista 2B dizia ter conseguido utilizar o que aprendeu, o que lhe deu um pouco de autonomia para mexer no celular, no computador e no caixa eletrônico. "Quando iniciei tive tanto medo que me deu tremedeira, mas fui superando. Agora estou sentindo seguro, satisfeito, já desenvolvi bem".

Os cursistas chegaram à oficina, arredios, com medo; contudo, com o passar dos dias, tornaram-se ousados, mais seguros e felizes.

Ao realizarem uma atividade proposta como o cartão para as mães, mesmo não as tendo mais, expressaram um sentimento de satisfação em fazê-lo. Conforme a proposta do décimo quarto dia de oficina, todos concordaram e ficaram felizes em construir seus cartões para as mães. Compreendemos, em função de seus próprios relatos, que havia satisfação e até mesmo mudanças de expectativa. O Cursista 3B manifestou que: "*Depois que entrei na internet, e busquei as imagens de flores para*

o cartão das mães, que ficaram lindos, agora arranjamos umas músicas muito boas; daqui a pouco vai dar para arrumar até namorado”.

Outro momento que provocou grande emoção foi a pesquisa por músicas da juventude no youtube, que ocasionou grande comoção.

Apesar de apresentarem dificuldades, foram insistentes, experimentaram o gosto de quando se consegue aprender. Os cursistas possuem pouco letramento, mas buscam, soletrando, construir seus textos para se comunicarem. Eles são solidários uns com os outros e buscam trocar informações.

Segundo Bonilla e Oliveira (2011),

Entendemos hoje, que, com a convergência de mídias, é possível que uma pessoa semialfabetizada possa produzir, interagir, desencadear dinâmicas de produção de conteúdo nas mais diversas linguagens, inclusive potencializando seus processos de alfabetização, em todas essas linguagens. A grande dificuldade se apresenta, na maioria dos casos, entre aqueles que se constituíram numa cultura estritamente analógica, alfabetizados ou não, compreenderem, pelo menos não de imediato, a lógica digital. Alguns, frente ao desconhecido, a um ambiente inexistente em sua cultura de origem, podem sentir estranhamento e medo, necessitando de um longo processo de familiarização e compreensão dos contextos, ou seja, de um processo formativo para sentir confortável nos ambiente e na cultura digitais (p. 39).

A cursista 2C confirma essa situação ao declarar: “parece que entrei num mundo que eu sabia que existia mas não podia entrar nele”. O acesso ao universo digital pelos cursistas os levou a essas novas realidades que, apesar de conhecidas, lhes eram inacessíveis.

Segundo seus relatos, podemos observar que o Cursista 1A, quando perguntado se conseguiu utilizar o que aprendeu, fez o seguinte depoimento: “Sim, me favoreceu no dia a dia dando mais autonomia sim, me sinto mais seguro e não tenho mais medo de mexer nessas ferramentas”. Também a cursista 4A, que, em seu depoimento, afirma ter gostado mais do computador e que, no cotidiano, suas condições frente às tecnologias já tinha melhorado um “bucadinho”, acrescentou, “perdi o medo de mexer nos equipamentos tecnológicos”. Pode-se considerar, assim, como já observado por Kachar (2010), que o medo é um dos fatores que distanciam o idoso do uso da tecnologia.

Com as oficinas, observou-se que esse medo é produto da distância entre os idosos e os recursos tecnológicos e que, quando incentivados, conseguem integrar-se ao grupo de usuários. Segundo, depoimento de 2A, “tudo foi bom demais; aprendi a mexer no computador e tantas outras coisas”. Segundo Valente (2001), os idosos apresentam uma predisposição para aprendizagem tal qual uma criança. Nesse sentido, a aprendizagem se baseia na solução de problemas e projetos específicos e na superação de desafios. Trata-se de uma atividade construída e não simplesmente memorizada.

Esses efeitos parecem bastante promissores para a ação de inclusão da proposta da oficina, pois permitem que os idosos se incluam no universo digital. Mas essa oficina trouxe à luz as dificuldades reais de implantação de um projeto de inclusão digital para os idosos, pois as políticas públicas de inclusão se direcionam à formação de jovens e adultos e, com isso, não conseguem atender às demandas do idoso. Os cursistas disseram que, diante do que viram e aprenderam, vão melhorar seus equipamentos para acessar os espaços que que conheceram.

A exploração dos equipamentos tecnológicos permitiu aos cursistas a apropriação de habilidades básicas para o manuseio do sistema operacional *Windows*, possibilitando, assim, a exploração de outras ferramentas e da navegação na Internet. Esse processo desmistificou o olhar do idoso sobre a tecnologia, no que se refere a sua incapacidade para essa apropriação, superando, nesse aspecto, o medo da tecnologia, os entraves do envelhecimento, rompendo com o preconceito de incapacidade do idoso, que leva à exclusão digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O idoso traz consigo todas as características de sua geração. Nesse caso, o sujeito idoso que tratamos na pesquisa encontra-se distanciado das tecnologias, distanciamento, porém, que não é só físico, mas também intelectual, já que esses indivíduos não conseguiam lidar com as tecnologias que permeiam seu cotidiano. E por isso, veem limitados seus espaços e reforçado os estereótipos de sua incapacidade.

A problemática surgiu da observação das dificuldades apresentadas pelos idosos na apropriação e utilização das TIC. Essa situação foi o elemento que nos motivou à busca das respostas aqui apresentadas a esse problema, e levou a mudanças e interferências que se produziram no seu cotidiano.

Compreendemos que a velhice não é um problema em si, mas é a visão que se tem da velhice é que a torna um problema. Em Beauvoir (1990), temos um esclarecimento sobre nossa própria percepção da velhice e suas implicações para o nosso futuro. Segundo a mesma autora, “[...] o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles” (p. 12).

Durante a pesquisa observamos uma realidade repleta de problemas e dificuldades, mas também reconhecemos a capacidade e o potencial do ser humano de reinventar-se, com alegria e motivação. A experiência na oficina e o esclarecimento sobre as TIC contribuíram para que esses idosos, marginais às tecnologias, tivessem a possibilidade de se incluírem na atual realidade tecnológica.

Essa realidade na construção etária da população atuou significativamente na mudança de perfil do sujeito idoso. Atualmente, esse sujeito, antes considerado fora do sistema produtivo e relegado ao isolamento, passa a ser percebido como agente social. Uma das percepções dessa realidade é o novo termo utilizado para designá-los: terceira idade.

Também a "terceira idade" é uma criação recente no mundo ocidental. O fenômeno do envelhecimento populacional, marcante no Século XX, empurrou a velhice para idades mais avançadas. Os idosos passaram a ser vistos como vítimas da marginalização e da solidão propiciando, a partir da década de 1970, entre outros elementos, a constituição de um conjunto de práticas, instituições e

agentes especializados voltados para a definição e o atendimento das necessidades dessa população. (PRADO, 2002, p. 3).

A expressão terceira idade traz consigo outra imagem social do idoso, que o compreende em constante busca pela realização de seus anseios e desejos, abandonando a imagem do velho e do acabado. Essa mudança na visão sobre o idoso provocou dentro da sociedade uma série de novos programas e atividades destinadas a esse grupo. Entre essas mudanças, observamos a relação desses sujeitos com a Tecnologia da Informação e da Comunicação.

Em relação ao processo de apropriação de novos conhecimentos por parte da pessoa idosa, Ferreira e Machado (2008) confirmam que a apropriação dos recursos tecnológicos possibilita uma mudança na visão que a sociedade tem do idoso e na percepção que este tem de si, revelando seu potencial inativo, seja por negligência deles mesmos seja pelos preconceitos presentes no meio em que estão inseridos. “Devemos admitir que a sociedade cria representações e expectativas sobre os idosos, não [lhes] dando chance de ser além daquilo que espera dele, não respeita o universo de necessidades e interesse de cada pessoa, a sua singularidade” (Kachar, 2003, p. 37).

Ainda em relação à confirmação de que os idosos estão buscando atualizar-se, autores como Lima (2001a); Cachioni e Neri (2004); Frias (2011); Kachar (2003) e Kalache et al (1987), confirmam a inserção do idoso no universo da formação em busca da apropriação desses recursos tecnológicos. Isso é explicitado por Silveira (2011), que considera compreensível que as limitações consequentes da velhice não justifiquem por si só a exclusão do idoso; compreende que outras situações devem ser consideradas no tratamento ao idoso e a sua inclusão, que estão diretamente ligados ao contexto social.

A pesquisa com os idosos possibilitou uma nova visão de sua realidade. Há disposição e vontade de explorar um novo universo que se abre com o uso da tecnologia. Com autoestima e esforço, dentro do seu tempo, é possível realizar operações simples no computador, na sua agência bancária e no *smartphone*, enfim, o enfrentamento ante a tão temível e inacessível tecnologia. Segundo Lima (2001),

O idoso participante, desenvolvendo seus potenciais, começa a pensar e a agir diferenciado, como também a exigir tratamento

diferentemente. Ele aprende a enfrentar obstáculos que antes lhe pareciam intransponíveis, tal como o exercício de sua cidadania. (p. 23)

O aumento da procura de idosos pelas oficinas de tecnologias que tínhamos realizado no Centro Convivência mostrou que esse público tem buscado conhecer esses equipamentos e utilizá-los. Contudo, esse interesse não assegurava sua efetiva participação nas oficinas, pois, desistiam no decorrer do curso.

O que este estudo comprovou, após a realização da proposta das oficinas, - base empírica desta pesquisa, foi que houve maior efetividade ao realizar um atendimento diferenciado, com mudanças na prática pedagógica para atender especificamente o público idoso diferindo da forma de atendimento aos demais.

Verificamos que há disparidades no ensino ao idoso em relação ao ensino a outros grupos de idade, ou seja, o que ensinar e como ensinar seguem diretrizes didáticas diferentes. A pesquisa considerou a *priori*, baseada nos estudos de Cachioni e Neri (2004); Lima (2001) e Piconez (2002) que a aprendizagem do idoso difere da de uma criança, jovem ou adulto. Para o idoso, essa garantia de ensino deve ter características específicas, pois, esse público apresenta aspectos próprios, tais como a baixa visão, dificuldades motoras, ansiedade para aprender, entre outros fatores que devem ser reconhecidos e respeitados. Evidenciou-se ainda que essas questões, se respeitadas, possibilitam o progresso e melhores condições para a conquista da sua autonomia.

Conforme dados colhidos na pesquisa, por meio das conversas e do questionário aplicado, a atenção e o tratamento dado a eles durante a visita inicial - momento do convite ocorrido no CRAS - influenciou e motivou o ingresso nas oficinas.

Durante todo o período das oficinas, os idosos mantiveram-se assíduos e pontuais. Contudo, apresentaram dificuldades em função do baixo letramento, mas isso não foi motivo para desestimulá-los

Em outras oficinas ofertadas na instituição, havia alta evasão de cursistas nessa faixa etária, evasão essa que era decorrente de uma proposta pedagógica voltada para o mercado de trabalho.

Por isso, nossa proposta na oficina “*Aprendendo com tecnologias*” teve o cuidado de buscar atender ao perfil do idoso, Esses cuidados foram essenciais para o resultado do trabalho com os idosos, pois a atenção dada a cada um e a presença

a seu lado no momento em que surgiam dificuldades, promoveu sua autoestima, um dos fatores que os motivou para sua efetiva participação na oficina.

A partir disso, seus interesses afloraram, ao ser despertada neles a possibilidade de “conhecer aprendendo”. Eles aprenderam a lidar com os equipamentos e softwares ao passo que experienciavam as possibilidades de cada um. A aquisição de habilidades partia do seu interesse ou com propostas de atividades integradas ao seu contexto.

Ao analisar como ocorreram as oficinas e o desempenho que os idosos apresentaram, observamos que os maiores impedimentos para eles na apropriação do que lhes foi apresentado são a baixa visão e o baixo letramento que dificultaram o processo de apropriação das TIC. Para que essas condições não se tornassem agravantes e os desestimulassem, procuramos minimizar as dificuldades, com uso do data show e, para ampliar as imagens e aumentar o campo da visão, utilizamos o maior nível de *zoom* dos eletrônicos. Assim, superaram suas limitações e manifestaram bom desempenho de acordo com seus interesses.

Tivemos essa confirmação, da motivação e elevação da autoestima, expressa nas respostas aos questionários respondidos pelos cursistas que, em seus relatos, demonstraram-se entusiasmados com seu potencial e suas habilidades conquistadas no decorrer das oficinas. Declararam ter sido o acompanhamento pedagógico da oficina uma das razões para continuarem no curso. Assim, suas conquistas e superações a cada encontro iam transformando-se em confiança e motivando-os a retornar no próximo encontro.

A proposta das atividades, pensada e discutida a partir do contexto de suas realidades, possibilitou satisfação e até divertimento, constatado no envolvimento que os idosos apresentavam na realização das atividades.

Como exemplo, pode-se citar a construção de cartões, que sugeriu elaboração de frases do seu cotidiano, descrições sobre si mesmos e o desafio da busca de imagens que ilustrassem tais situações. Também, pode ser citada a utilização do site de busca do *Google*, no qual os cursistas manifestaram que tudo aquilo era muito encantador, tendo 1C dito, inclusive: “Isso aqui parece coisa de outro mundo, tudo que pede aparece!”

Desenvolvemos as oficinas em um Laboratório de Informática no CC, equipado com computadores de mesa, data show, caixa de som, impressora, notebook, em sala climatizada. As outras tecnologias que apresentamos na oficina,

como o celular, foram emprestados e os tablets adquiridos com recursos próprios, utilizando os benefícios da bolsa de incentivo da Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás (FAPEG).

Com relação aos equipamentos explorados nas oficinas a predileção foi inicialmente pelo computador de mesa, em detrimento dos *tablets*, devido ao recurso *touchscreen* que dificultava o manuseio e as constantes falhas em decorrência da perda de sinal de Internet.

No uso do computador de mesa, a falta de coordenação motora foi a primeira dificuldade, mas a estratégia oferecida de exploração dos recursos do *Paint* facilitou e deu sentido ao que estava sendo realizado. As tarefas apresentavam desafios que os próprios cursistas foram realizando ao passo que conseguiam estabelecer relação com seus interesses e vivências, demonstrando, assim, envolvimento e dedicação. Essas escolhas foram percebidas como próprias desse público, pois, segundo Peixoto e Clavairolle (2005), os idosos tendem a privilegiar os objetos técnicos que sejam de mais simples manipulação e que respondam a suas necessidades imediatas, menosprezando os que não apresentam essas características.

Na sequência das atividades, apresentamos os celulares *smartphone*, que, aos poucos, foi ganhando espaço e predileção, por sua portabilidade, pela convergência, além da facilidade do acesso à Internet. Os idosos compreenderam que poderiam ter acesso à internet ao passo que realizassem o cadastro e colocassem créditos em seu celular. Essa ação permitiu que eles compreendessem que poderiam ter acesso à internet de acordo com suas condições econômicas e que o celular é um equipamento mais funcional, porque, além de portátil, é mais acessível. Os idosos realizaram diversas operações de acordo com suas necessidades e se apropriaram das vantagens de manipular o celular.

Quanto ao uso das redes sociais, favoreceram a proximidade com o outro, estabelecendo uma ponte de comunicação para o idoso. A maioria demonstrou grande entusiasmo por ter conseguido participar de redes sociais e estabelecer contato com amigos e parentes há muito tempo ausentes, conversar com um ente querido residente em outros espaços e, até mesmo, em outro país, como ver netos a distância e poder conversar com eles e, até mesmo, conhecer pessoas que nunca havia visto, além de escolher com quem se quer falar.

Considera-se que esse entusiasmo na comunicação com o outro foi o grande motivador para a continuidade da utilização das TIC para o idoso que passou pelo curso, pois, os recursos comunicacionais tornaram-se uma ponte entre ele e as possibilidades de comunicação com o outro, seja de sua geração ou de outras gerações.

A última atividade nasceu do diálogo, pois, a princípio, não tínhamos a proposta de uso do caixa eletrônico, que foi adicionado à oferta da oficina conforme o desejo e necessidades recorrentes dos cursistas. Nenhum deles sacava seus benefícios sem o auxílio de uma segunda pessoa.

Dessa forma, ao visitarmos as agências bancárias, nas quais tinham contas, para o manuseio dos caixas eletrônicos, foi possibilitada a familiaridade com o equipamento. Exploramos as diferentes funções dos caixas eletrônicos, desde a opção de saldo e extrato até saque, pagamentos e empréstimos. Em dois casos, foi necessário o cadastro da biometria, realizado com o auxílio de um funcionário da agência.

Nessa ação, foi observada no comportamento do idoso certa ansiedade. Na aproximação de qualquer pessoa, sentiam-se incomodados por perturbarem o ambiente. Fora isso, os cursistas demonstraram grande satisfação no manuseio dos caixas eletrônicos, apesar da ansiedade e da apreensão. Conseguiram compreender que têm a capacidade para manuseá-los sozinhos e assim o fizeram.

Ao receberem o benefício nas suas agências bancárias no mês seguinte à nossa oficina, chegaram entusiasmados, dizendo que haviam sacado sem necessidade de ajuda. Dois deles disseram que solicitaram ao atendente que ficasse ao lado para ver se estavam fazendo direitinho, o que também deu certo. Reforçamos ainda, o potencial que eles possuem, e fizemos algumas considerações em relação ao tempo de uso do caixa eletrônico e de como proceder com seus acompanhantes. Sugerimos que seus acompanhantes os observassem durante o uso do caixa eletrônico, mas que não permitissem que fizessem uso em seu lugar, o que os fortaleceria e ajudaria na perda de seus medos.

A discussão sobre essas questões despertou reação nos idosos, que perceberam a exclusão e o constrangimento que sofriam por não haverem se apropriado da tecnologia dos caixas eletrônicos. Ou seja, em mais esse aspecto, a apropriação do uso de tecnologias alterou o cotidiano dos idosos atendidos na oficina.

São pequenas vitórias que superaram as expectativas dos idosos e se constituíram em prova de sua capacidade e de sua vitalidade na construção de seu cotidiano.

A propósito, os idosos necessitam apropriar-se de todos os elementos que as TIC oferecem e se aprimorar para usufruir do universo das tecnologias, pois as TIC oferecem um universo de possibilidades, tanto no que diz respeito ao lazer, ao entretenimento, à comunicação, como às atividades sociais. Essas situações são possibilidades de concretização da inclusão social e digital. As novas formas de comunicação perpassadas pelo uso das TIC podem tornar o idoso participante do universo digital e, por meio dessa participação, proporcionar-lhe uma vida social mais ativa, alargando seus contatos comunicacionais no cotidiano.

Assim, considera-se que a proposta da oficina surtiu o efeito desejado, pois na observação e nos relatos percebeu-se grande potencial de continuidade do uso dessas tecnologias na vida do idoso. Possibilitou minimizar os estereótipos, constituintes dos preconceitos em relação ao idoso, permitindo que se lançasse um novo olhar sobre eles, possibilitando descobri-los como sujeitos ativos.

Por isso, consideramos que, para a efetivação da inclusão digital de idosos, as instituições privadas ou públicas que elaboram ações voltadas para esse público devem abandonar a formação pela técnica, voltadas para os jovens e adultos, numa perspectiva mercadológica pois, enquanto permanecer essa política, o idoso continuará excluído do acesso ao universo digital.

Ao se analisar a apropriação pelos idosos do uso da TIC e como esta provocou mudança e/ou interferiu em seu cotidiano, podemos observar que nas expectativas dos idosos, que as tecnologias oferecidas na oficina contribuíram para que eles elevassem sua autoestima e aumentassem sua alegria. Ampliou-se seu círculo de amizade por meio de seu empoderamento diante das tecnologias apresentadas e exploradas durante as oficinas. Com isso, compreende-se que a oficina teve relevância para os idosos, pois lhes permitiu a apropriação das tecnologias apresentadas e a integração e a interação social por intermédio das redes sociais utilizadas, o que correspondeu a uma possibilidade de inclusão digital e social.

Além de contarem com a utilidade destas em seu cotidiano, como a utilização do caixa eletrônico, puderam conversar nas redes sociais e ter acesso às informações divulgadas pela rede, conquistas percebidas em seu dia a dia.

Isso provocou um rompimento da compreensão do idoso como incapaz, permitindo sua inclusão digital e novas formas de comunicação e interação social para os idosos, o que elevou sua autoestima. Criou um novo estilo de vida para esses cursistas, que passam a aproveitar as possibilidades comunicacionais de interação e integração na rede.

Ressaltamos que se as oficinas de informática continuarem a reproduzir um ensino baseado apenas no conhecimento técnico, não conseguirão atender às expectativas do idoso, que possuem características próprias do envelhecimento, como fragilidades sensoriais, motoras e afetivas, que, no entanto, não os impede de participar a seu tempo e no seu ritmo de tudo que lhes foi oferecido. Foi e é necessário considerar essas características para se desenvolver uma ação didática que supra essas fragilidades, tornando os encontros da oficina o mais humanizado possível.

Compreendemos que a apropriação pelo idoso do uso das tecnologias é possível e necessária, muito embora seja limitada em função da rapidez em que estas se desenvolvem. Nesse aspecto, o idoso dependerá de uma segunda pessoa, um orientador, para assisti-lo na uso das tecnologias no cotidiano, que pode ser um neto, um filho, um vizinho, um professor, alguém, enfim, que traga em suas atitudes a gentileza e o respeito. Alguém que, apesar de provisório, lhe dê a segurança que ainda possa estar faltando.

Assim, o que as oficinas provocaram no idoso foram momentos de prazer e descoberta nos quais conheceram um mundo de possibilidades, onde, ao mesmo tempo em que aprendiam, divertiam-se.

A partir dessas considerações, é importante o reconhecimento das práticas pedagógicas da gerontologia educacional e de uma educação baseada nos princípios do diálogo e da reflexão. Esse reconhecimento é fator relevante no desenvolvimento das políticas de formação em tecnologia para sujeitos idosos, garantindo as mínimas condições para que o idoso se aproprie das tecnologias. Com relação ao processo de educação e inclusão digital, Wehmeyer (2008) aponta que no “processo de educação, via inclusão digital, desenvolvem-se alguns fatores como a interatividade, a cooperação, a autonomia e a afetividade, que sendo trabalhados de forma integrada despertam o desejo de aprender a aprender” (p. 107).

Concluímos, com essa experiêncía, que os cursistas estiveram envolvidos na proposta e se apropriaram do que lhes foi apresentado relativo ao uso das tecnologias. Contudo, consideramo-los empoderados em tarefas as mais simples e rotineiras, mas que, para o efetivo uso de recursos tecnológicos poderão ter necessidade de orientação. Ainda assim, devemos reconhecer o profissional que lhes dará atendimento. Consideramos também que a atuação do formador pode ser definitiva na história social do idoso. Esse formador deve primar pela elevação da autoestima e da sensibilidade, pois muito além de conteúdos, os idosos buscam serem ouvidos, compreendidos e assistidos.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Lúcia. (Org.). *Oficinas em dinâmicas de grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2000.

ALVES, Rozane da Silveira et al. O uso das tecnologias de informação e comunicação pela terceira idade. *II Congresso Internacional TIC e Educação. Universidade Federal de Pelotas. 2012.* Disponível em: <<http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/250.pdf>>. Acesso: 22/11/2014.

ARAUJO, Eliana Novais Procópio de. *Práticas Psicogerontológicas nos Cuidados de Idosos*. Curitiba: Juruá, 2012

ARRUDA, Marina Patrício de. O papel social do professor universitário. In: GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro (org.). *Aspectos da Teoria do Cotidiano: Agnes Heller em perspectiva*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002. p. 61-81.

BALBONI, Mariana Reis. *Por detrás da inclusão digital: uma reflexão sobre o consumo e a produção de informação em centros públicos de acesso à Internet no Brasil*. 2007. 210 p. Tese (Doutorado em Jornalismo e Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-10102007-120815/en.php>>. Acesso: 23/11/2014.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. *Empoderamento: Instrumento de Emancipação social? uma discussão conceitual*. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/debates/article/view/26722>>. Acesso: 06 de outubro de 2014. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012. 176.

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENETTI, Idonésia Collodel. FAGUNDES, Mateus Miranda. ZANELLA, Michele. Construção sócio-histórica do idoso cidadão. *Revista Caminhos, Dossiê Humanidades*, Rio do Sul, a.2, n.1, p.213-228, jan/mar. 2011.

BEZ, Maria Rosângela; PASQUALOTTI, Paulo Roberto; PASSERINO, Líliliana Maria. *Inclusão digital da terceira idade no centro Universitário Feevale*. In: Anais do Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. 2006. p. 61-70. Disponível em:< <http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/466>>. Acesso: 23/11/2014.

BOLZAN, Larissa Medianeira; LÖBLER, Mauri Leodir. As meninas estão na rede: a inclusão digital na terceira idade. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 20, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.upf.tche.br/seer/index.php/rep/article/view/3557>>. Acesso: 21/11/2014.

BONILLA, Maria Helena Silveira e OLIVEIRA, Paulo Cezar Souza de. Inclusão Digital: ambiguidades em curso. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. (Org.) *Inclusão Digital: Polêmicas Contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2011. Vol. 02.

BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. Formação de professores: as TIC estruturando dinâmicas curriculares horizontais. In: ARAÚJO, Bohumila; FREITAS, Katia S.(coords.). *Educação a Distância no contexto brasileiro: experiências em formação inicial e formação continuada*. Salvador: ISP/UFBA, p. 73-92, 2007. Disponível em: <http://www.twiki.ufba.br/twiki/pub/UFBAIrece/ArtigoEAD/ead_isp_pretto_boni_09_fina_l_cfotos_pq.pdf>. Acesso em: 17/11/ 2015.

BONILLA, Maria Helena Silveira. *Escola Aprendiz: para além da sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

BORGES, Gabriel Mendes, CAMPOS, Marden Barbosa de, SILVA, Luciano Gonçalves de Castro. Transição da Estrutura Etária no Brasil: oportunidades e desafios para a sociedade na próxima década. In: ERVATTI, Leila Regina, BORGES, Gabriel Mendes, JARDIM, Antônio de Ponte (orgs). *Mudança Demográfica no Brasil início do século XXI: subsídios para as projeções da população*. Col. Estudos e Análises: Informação demográfica e socioeconômica. Vol. 3, IBGE, 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93322.pdf>>. Acesso: 01/09/2015

BRASIL, Portal. Confira os tipos de aposentadoria no Brasil. Publicado em: 01/05/2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/05/confira-os-tipos-de-aposentadoria-existentis-no-brasil>>. Acesso: 25/02/2015.

BRASIL, CGI. br. *Pesquisa TIC Domicílio 2010*. São Paulo, junho de 2011. Disponível em: <<http://cetic.br/usuarios/tic/2010/apresentacao-tic-domicilios-2010.pdf>>. Acesso: 23/08/ 2014.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Síntese de indicadores sociais – uma análise das condições de vida da população brasileira*. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS_2010.pdf>. Acesso:17/12/ 2013

_____. *Lei nº 10.741*, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 2003.

_____. *Emenda Constitucional de 15 de dezembro de 1998*. Modifica o sistema de previdência social, estabelece normas de transição e dá outras providências.

_____. *Lei nº 8842 de 4 de janeiro de 1994*. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso. Brasília, 1994.

_____. *Decreto nº 9.912/A de 26 de março de 1988*. Regula o direito à aposentadoria dos empregados dos Correios.

_____. *Decreto Imperial nº 9.912-A*, de 26 de março de 1888, Coleção de Leis do Império do Brasil - 1888, Página 345 Vol. 1 pt. II (Publicação Original)

_____. Ministério da Educação e Cultura (MEC). *Escola Aberta*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pnaes/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/16739-programa-escola-aberta>> Acesso: 27/02/2016.

BRITO, Regina Helena Pires de; VALLE Carmem Lucia Bueno. Terceira Idade: A visão do eu e do outro. In: VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho e BRITO, Regina Helena Pires de (orgs.). *Educação para a Terceira Idade*. São Paulo: Loyola, 2012.

BÚFALO, K.S. Aprender na terceira idade: educação permanente e velhice bem-sucedida como promoção da saúde mental do idoso. *Revista Kairós: Gerontologia*, 16(3), pp. 195-212. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516 -2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairós/article/viewFile/18533/13720>>. Acesso: 23/01/2015.

CACHIONI, Meire. *Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de Universidades da Terceira Idade*. 2002. 302 p. Tese (doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000297483&fd=y> Acesso: 12/12/2015.

CACHIONI, Meire; ORDONEZ, Tiago Nascimento; BATISTONI, Samila Sathler Tavares, SILVA, Thaís Bento Lima. *Metodologias e Estratégias Pedagógicas utilizadas por Educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade*. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 81-103, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade> Acesso: 23/06/2015.

CACHIONI, Meire; NERI, Anita. Liberalesso. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano Educação e gerontologia: desafios e oportunidade*. V. 1, nº1, p. 54-78 2004. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/viewArticle/49>> Acesso: 15/01/2015.

CACHIONI, Meire et al. Metodologias e Estratégias Pedagógicas utilizadas por Educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. *Educação & Realidade*, v. 40, n. 1, p. 81-103, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v40n1/2175-6236-edreal-40-01-00081.pdf>> Acesso: 18/01/2016.

CARDOSO, Raul GS et al. Os benefícios da Informática na vida do Idoso. *Anais do Computer on the Beach*, p. 340-349, 2014. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/acotb/article/view/5338>> Acesso: 16/09/2015.

CASTEL, Robert. *As armadilhas da exclusão*. In: CASTEL, Robert; WANDERLEY, Luiz Eduardo; BELFIORE, Mariangela. (org). *Desigualdade e a questão social*. São Paulo: Educ, 1997.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede, in RODRIGUES, Cleide Aparecida Carvalho; FARIA, Juliana Guimarães; CALAÇA, Gabriela Luccianne Morais Souza (orgs.), *Educação, Comunicação, Mídias e Tecnologias*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013.

_____. O Caos e o Progresso. 2005. Entrevista a Keli Lynn Boop. Portal do Projetos Software Livre do Brasil. Impresso: *Revista Extra Classe* Nº 089 | Ano 10 | Mar. 2005 Disponível em: < <http://www.softwarelivre.org/news/3751>> Acesso: 9/11/ 2015.

_____. *A galáxia internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CHAUÍ, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo (SP): Moderna.1990.

CHIZZOTTI, Antônio. *A pesquisa em Ciências Humanas Sociais* . 7 ed., São Paulo: Cortez, 2000.

CHOPRA, Deepack. *Corpo sem idade, mente sem fronteiras: a alternativa quântica para o envelhecimento*. Trad. Haroldo Netto. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CONTE, Tayana Uchôa. *Técnica de inspeção de usabilidade baseada em Perspectivas de Projeto Web*. 2009. Tese (Doutorado em Engenharia de Sistema de Computação.) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

DEBERT, Guita Grin. A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. E-book.1ªed. reemp. 2004. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo: Fapes, 2004. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?id=juwrAjXrnCYC&printsec=frontcover&dq=A+Reinven%C3%A7%C3%A3o+da+Velhice:+socializa%C3%A7%C3%A3o+e+processos+de++reprivatiza%C3%A7%C3%A3o+do+envelhecimento&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjM2Ozu7KLMahUBIZAKHQRiDc0Q6AEIHTAA#v=onepage&q=A%20Reinven%C3%A7%C3%A3o%20da%20Velhice%3A%20socializa%C3%A7%C3%A3o%20e%20processos%20de%20reprivatiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20envelhecimento&f=false>> Acesso: 15/12/2015

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. Velhice ou terceira idade, v. 3, p. 49-67, 1998. E-book. In: MOREIRA, Miriam Lins de Barros (ORG). *Velhice ou Terceira Idade?* Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 4ª Ed. 2007. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=juwrAjXrnCYC&pg=PA5&dq=Debert++1999&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwir6c7v6aLMAhWBH5AKHVfIAAwQ6wEIHjAA#v=onepage&q=Debert%20%201999&f=false>>. Acesso: 15/12/ 2015.

DOLL, Johannes; RAMOS, Anne Carolina; BUAES, Caroline Stumpf. Educação e Envelhecimento. *Revista Educação e Realidade*, v.40, n.1, p. 9-15. 2015. Porto Alegre/RS: Faculdade Meridional (IMED); Passo Fundo-RS: Brasil Editora Fundação Getúlio Vargas.

FARIA JUNIOR, A. G. de. *Idosos em movimento: mantendo a autonomia: evolução e referencial teórico*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

FAVA, Rui. *Educação 3.0*. São Paulo: Saraiva, 2014

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. Ed. 32 Impressão, Nova Fronteira. RJ. 1986.

FERREIRA, Anderson Jackle. *Inclusão digital de idosos: a descoberta de um novo mundo*. EDIPUCRS, 2008. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ThjwG2zV3E4C&oi=fnd&pg=PA11&dq=Ferreira+et+al+%282008%29,+e+m+seu+livro+%E2%80%9CInclus%C3%A3o+digital+dos+idosos:+a+descoberta+de+um+novo+mundo&ots=VHUOpKN27e&sig=576P7miNf8eJmWbwLZNzPyrv3wA#v=onepage&q=Ferreira%20et%20al%20%282008%29%2C%20em%20seu%20livro%20%E2%80%9CInclus%C3%A3o%20digital%20dos%20idosos%3A%20a%20descoberta%20de%20um%20novo%20mundo&f=false>>. Acesso: 30/10/2014.

FERREIRA, Anderson Jackle; MACHADO, Letícia Rocha. *Inclusão digital de idosos: desenvolvendo potencialidades*. In. FERREIRA, Anderson Jackle [et al]. *Inclusão digital de idosos: à descoberta de um novo mundo*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2008. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=rNUeBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA11&dq=FERREIRA,+Anderson+Jackle.+%26+MACHADO,+Let%C3%ADcia+Rocha.+Inclus%C3%A3o+digital+de+idosos:+desenvolvendo+potencialidades.+In.+FERREIRA,+Anderson+Jackle+\[et+al\].+Inclus%C3%A3o+digital+de+idosos:+%C3%A0+descoberta+de+um+novo+mundo.+Porto+Alegre,+EDIPUCRS,+2008.&ots=y3wE7HiiDp&sig=uqpcAr8SRHbdZmudqeSQtSA5-9Y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=rNUeBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA11&dq=FERREIRA,+Anderson+Jackle.+%26+MACHADO,+Let%C3%ADcia+Rocha.+Inclus%C3%A3o+digital+de+idosos:+desenvolvendo+potencialidades.+In.+FERREIRA,+Anderson+Jackle+[et+al].+Inclus%C3%A3o+digital+de+idosos:+%C3%A0+descoberta+de+um+novo+mundo.+Porto+Alegre,+EDIPUCRS,+2008.&ots=y3wE7HiiDp&sig=uqpcAr8SRHbdZmudqeSQtSA5-9Y#v=onepage&q&f=false)>. Acesso: 14/04/2015

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal. 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*, 25 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

_____. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Disponível em:

<<http://forumeja.org.br/df/files/Educa%C3%A7ao%20como%20Pratica%20da%20Liberdade%20pdf.pdf>>. Acesso: 16/06/ 2015.

_____. *Educação e mudança*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FRIAS, Marcos Antonio da Eira *et al*. Utilização de ferramentas computacionais por idosos de um Centro de Referência e Cidadania do Idoso. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 45, n. especial, p. 1606-1612, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000700011>. Acesso: 20/10/2014.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal na pedagogia social*. In: *I Congresso internacional de Pedagogia Social*, 1, 2006. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn.A cesso: 17/06/ 2016.

GOMES, Mara Elizabette Calengue. A inclusão digital na terceira idade: a integração das TIC numa Escola Superior Sénior. 2014. Disponível: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5170> Acesso: 27/05/ 2015.

GUEDES, Olga. As novas tecnologias de comunicação e informação: novos mecanismos de exclusão social?. *Perspectivas em ciência da informação*, v. 3, n. 1, p. 21 – 27. 1998.

GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres, RAMOS, Thais Valim. Aspectos da Educação para terceira idade: motivação, aprendizagem e motivação. In: VASCONCELOS, M. L. M, Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires de (orgs). *Educação para a terceira idade*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro. O não-cotidiano do cotidiano. In: GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro (org.). *Aspectos da Teoria do Cotidiano: Agnes Heller em perspectiva*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002.

GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro. Cotidiano e Cotidianidade: Limite Tênu entre os reflexos da teoria e o senso comum. In: GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro (org.). *Aspecto da Teoria do Cotidiano: Agnes Heller em perspectiva*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 8ª. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*; trad. Susana Alexandria, 2a ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JORDÃO NETTO, A. *Gerontologia Básica*. São Paulo: Lemos, 1997.

KACHAR, Vitória. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. *Kairós. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde*. ISSN 2176-901X, v. 13, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/index>>. Acesso: 17 de novembro de 2014.

_____. *A terceira idade e o computador: interação e transformações significativas*. São Paulo: ano XI, nº19, 2006.

_____. *Terceira Idade & Informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo: Cortez, 2003.

KALACHE, A. VERAS, R. P. RAMOS, L.R. O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo. *Rev. Saúde pública*. São Paulo, 1987. p. 200-210. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101987000300005&lng=pt&nrm=iso> Acesso: 23/03/ 2016.

KERTZMAN, Olga Facciolla. “Velho, é o outro!”: a experiência do envelhecimento de idosos usuários do Núcleo de Atenção à Saúde do Idoso. 143 p. Tese (Doutorado em Infecções e Saúde Pública) - Instituto de Pesquisa da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. São Paulo, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2001.

LIBÂNEO, Jose Carlos. *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas*. Educador, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. *Revista Educador*, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>> Acesso: 18/03/2016.

_____. *Tendências Pedagógicas do Brasil e a Didática*. In: *Didática*. São Paulo: Cortês, 1994. p. 64-71

_____; PARREIRA, Leles. *Pedagogia como ciência da educação*. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 511 - 518 mar/ago., 2007.

LIMA, Mariúza Peloso. *Gerontologia Educacional: uma pedagogia específica para idosos uma nova concepção de velhice*. São Paulo: Terra, 2000.

_____. *Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI*". In: KACHAR, V. (org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001(a).

_____. *Gerontologia Educacional*. *Revista Kairós*, São Paulo, V. 04, p. 109-121, 2001b

LIMA, Marcelo Alves. *A velhice como estado de espírito: reprivatização da velhice e a construção de um campo de saber*. Rio de Janeiro: UFRJ. Vol. I n.º 1 p. 123-155, 2009.

LINDÔSO, Zayanna Christine Lopes et al. *Percepção subjetiva de memória e habilidade manual em idosos de uma oficina de inclusão digital*. *Rev. Bras. geriatr. gerontol.* Vol. 14 n. 2. p. 303-317, Rio de Janeiro Apr./June 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232011000200011>>. Acesso: 12/11/2015.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marly. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MACEDO, Roberto Gondo; ROSA, Paulo Cezar. *A rede de comunicação internet como ferramenta para o fomento da qualidade de vida da terceira idade: uma análise do portal do envelhecimento. net*. In: Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde-com-Saúde. 2007. p. 01-12. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/d/d7/A_rede_de_comunicacao.pdf> Acesso: 15/10/2014.

MARTINEZ, W. N. *Comentários ao Estatuto do Idoso*. São Paulo: LTr, 2006

MARTINO, Luis Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes e Redes*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MASCARO, Sônia A. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MAZZUCCO, Geórgia Damiani. *O trabalho grupal desenvolvido com mulheres idosas e viúvas do SESC*. Trabalho de Conclusão de Curso – Serviço Social, 1995.

MEDEIROS, Aline Carolina. *Qualidade de Vida: Um desafio para os aposentados da CELESC*. 2001. 108 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MENDIONDO, M. S. Z. Institucionalização do idoso: observância ou transgressão de sistemas normativos? In: GUIMARÃES, Gleny Duro. (org.) *Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectivas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MERCADANTE, Elizabeth. Comunidade como um novo arranjo social. In: *Revista Káiros Gerontologia*. São Paulo. Nº5, ano 02, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13 ed., São Paulo: Hucitec, 2013.

MORAGAS, R. *Gerontologia Social: envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas; 1997.

MOTTA, Vera Lucia Barreto. (Org.). *Terceira Idade: comportamento, gênero e estilo de vida*. Curitiba: Ed. CRV, 2010.

MORRIS, J. M.. Computer – training needs of older adults. *Educational Gerontology*. v. 20, n. 6, p. 541-555, Sep. 1994.

NERI, A. L., YASSUDA, M. S. (orgs.), & CACHIONI, M. (colab.). *Velhice bem-sucedida: Aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas, SP: Papirus. 2004.

_____. Reformas Paradigmáticas na Velhice do Século XXI. In: NERI, Anita, DEBERT, Guita. (orgs). *Velhice e Sociedade*. Campina - SP: Papirus, 1999. (Coleção Vivacidade).

OLABUENAGA, J. I. R.; ISPIZUA, M. A. *La descondicionamiento de la vida cotidiana: métodos de investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto, 1989.

OLIVEIRA, R.C.; OLIVEIRA, F.S.; SCORTEGAGNA. O tempo precioso da Terceira Idade: políticas, cidadania e educação - *Revista de Ciências da Educação*. N. 19-2º SEM, p. 288, p. 17-52., 2008 Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/186553661/EDUCACAO-21>>. Acesso: 02/03/2015.

OLIVEIRA, R. C. S. *Terceira idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis*. Campinas: Papirus, 2008.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. A pesquisa sobre o idoso no Brasil: diferentes abordagens sobre a educação nas teses e dissertações (de 2000 a 2009). *Acta Scientiarum Education*. Maringá, v. 35, n.1, p. 79-87, jan.-jun./2013. Disponível em: <<http://eduem.uem.br>>. Acesso: 05/06/2015

OMS. Organização Mundial da Saúde. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2010.

ONU. *Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento*. 2002. A ONU e as pessoas idosas. Nações Unidas 2014 Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>>. Acesso: 25/05/2015

ONUBR. Nações Unidas do Brasil. *ONU e as pessoas idosas*. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas2014/>>, Acesso: 25/02/2015.

PALACIOS, Marcos. Entrevista concedida ao BID – *Programa Identidade Digital*. 2005. Disponível em: <[HTTP//www.identidadedigital.ba.org.br](http://www.identidadedigital.ba.org.br)> Acesso: 13 de janeiro de 2014.

PASSERINO, Liliانا Maria; BEZ, Maria Rosangela; PASQUALOTTI, Paulo Roberto. “*Atelier Digital*”, *uma proposta inovadora: relato de experiência com a Terceira Idade*. *RENOTE*, v. 4, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/14267>>. Acesso em 17/12/2015.

PASQUALOTTI, Paulo Roberto; PÉREZ, Cláudia Camerini Correa; BEZ, Maria Rosangela; KLEIN, Carlos. Inclusão Digital para Terceira Idade: oportunidades, possibilidades e propostas inovadoras. *Technology*, p. 1-11, 2007. Disponível em: <<http://www.niee.ufrgs.br/eventos/CIIEE/2007/pdf/CP-310.pdf>>. Acesso: 16/11/ 2014.

PASSERINO, Liliانا Maria. BEZ, Maria Rosangela. *Inclusão digital da terceira idade no centro Universitário Feevale*. In: Anais do Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. 2006. p. 61-70.

PEIXOTO, Clarisse. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade? In. BARROS, Myriam M.L.(org). *Velhice ou terceira idade?*. Rio de Janeiro. Ed. FGV. 1998. p. 69-74.

PEIXOTO, Clarisse Ehlers. CLAVAIROLLE, Françoise. *Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias*. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2005.

PETERSON, A. D. Educational Gerontology: The State of the Art. *Educational Gerontology*, n. 1, p. 61-73, 1976.

PELLANDA, Eduardo Campos. Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e um novo processo de pensamento. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003.

PEREIRA, Ferdinand Cavalcante. *O que é empoderamento (Empowerment)*. *Sapiencia*. Informativo científico da FAPEPI. Junho de 2006. Nº 8, Ano III. Disponível em: <<http://www.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/sapiencia8/artigos1.php>>. Acesso: 18/11/2013.

PFROMM NETTO, Samuel. *Tecnologia da educação e comunicação de massa*. São Paulo: Pioneira, 1976.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. *Educação de Jovens e Adultos*. Campinas: Papirus, 2002.

PINOCHET, Luis Hernan Contreras. *Tecnologia da Informação e Comunicação*. Rio de Janeiro: ELSEVIER, 2014. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=plgaBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=Pinochet+%282014%29,+Tecnologia+da+Informa%C3%A7%C3%A3o+e+Comunica%C3%A7%C3%A3o,+no+&ots=KhDICgvbxP&sig=Tim__YRTAZsaYcfHSq7G-JQajjk#v=onepage&q=Pinochet%20%282014%29%2C%20Tecnologia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%2C%20no&f=false > Acesso: 29/12/ 2015.

PRADO, Shirley Donizete. O curso da vida, envelhecimento humano e o futuro. In. *Textos envelhecimento*, V. 4 n.º8, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282002000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 23/03/ 2016.

PRETTO, Nelson de Luca. *Uma escola sem/com futuro*. Campinas, Papiro, 1996.

PRETTO, Nelson De Luca. Cultura digital e educação: rede já!. In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sergio Amadeu da (Org.). *Além das redes de comunicação*. Salvador: EDUFBA, 2008.

RAYMUNDO, Taiuani Marquine. *Aceitação de tecnologias por idosos*. 2013, p.89 Tese (Doutorado em Bioengenharia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/82/82131/tde-27062013-145322/pt-br.php>>. Acesso: 22/02/2015.

REIS, Adriana Araújo. *O impacto sociocultural do uso da internet em um grupo de pessoas idosas*. 2012. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado do programa de estudos pós-graduados em gerontologia. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/2/TDE-2013-01-08T07:28:18Z-13299/Publico/Adriana%20Araujo%20Reis.pdf>. Acesso: 30/02/2015.

RUSCHEL, Michele. Aproximando-se de Agnes Heller: interpretando sentimentos e afetividade. In: GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro (org.). *Aspectos da Teoria do Cotidiano: Agnes Heller em perspectiva*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002. p. 101-108.

SALES, Márcia Barros de et al. *Modelo multiplicador utilizando a aprendizagem por pares focado no idoso*. 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90095/246636.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso: 22/03/2015.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. *Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica*. Braz. J. Phys. Ther.(Impr.), v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1992.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias a Cibercultura*. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Lúcia. *Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-moderno*. *Revista Famecos*, Porto Alegre, Dez. 2013

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. Campinas SP, Editores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea).

SCHWANKE, Carla Helena Augustin. Oficinas de Inclusão Digital do Projeto Potencialidade: Ontem, Hoje e Amanhã. In. FERREIRA, Anderson Jackle, et al (org). *Inclusão digital de idoso: a descoberta de um novo mundo*. Editora EDIPUCRS, p.19-24. 2008. E-book: Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=rNUeBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA11&dq=Inclus%C3%A3o+digital+de+idoso:+a+descoberta+de+um+novo+mundo&ots=y3wEbPjkBr&sig=xLKf-O9E9_BbK4j2NauXES8ptv0#v=onepage&q=Inclus%C3%A3o%20digital%20de%20idoso%3A%20a%20descoberta%20de%20um%20novo%20%20mundo&f=false> Acesso: 10/10/2015

SCHWARTZ, Gilson. *Educar para a emancipação social*. 2006. Disponível em: <<http://www.reescrevendoaeducacao.com.br/2006/pages.php?recid=41>>. Acesso: 20/12/ 2015.

SILVA, Malvina Eufrázio da; MOTTA, Vera Lúcia Barreto; ARAÚJO, Maria de Fátima Ferreira de. Atendimento às pessoas da terceira idade como forma de inclusão social. In: MOTTA, Vera Lúcia Barreto. *Terceira idade: comportamento, gênero e estilo de vida*. Curitiba: CRV, 2010. p. 24 a 40.

SILVA, Luana Rodrigues Freitas. *Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento*. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan/mar. 2008. Disponível: <<http://www.scielo.org/pdf/hcsm/v15n1/09.pdf>> Acesso: 17/12/ 2015.

SILVA, Manuel Carlos. *Desigualdade e exclusão social: de breve revisitação a uma síntese proteórica*, *Configurações* [Online], 5/6 | 2009, posto online no dia 15 Fevereiro 2012 Disponível em: <<http://configuracoes.revues.org/132>>. Acesso: 30/01/ 2016.

SILVEIRA, Michele Marinho da et al. Ambientes de aprendizagem: significado na vida de idosos frequentadores de oficinas de informática. *RENOTE*, v.9, n.1, p.01-09, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/21975>>. Acesso: 18/11/2014.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da, CASSINO, João (orgs.) *Software livre e inclusão digital*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003. p.17-47.

_____. Para além da inclusão digital. p.49-60 In: BONILLA, Maria Helena Silveira, PRETTO, Nelson De Luca. *Inclusão digital: polêmica contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. A noção de exclusão digital diante das exigências de uma cibercidadania. In: HETKOWSKI, Tania Maria.(Org.). *Políticas Públicas e inclusão digital*. Salvador: EDUFBA, 2008.

SOARES, Suely Galli. *Educação e Comunicação: O ideal de inclusão pelas tecnologias de informação: otimismo exarcebado e lucidez pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUSA, Janara Kalline Leal Lopes de Marinho, *Caiu na rede é jovem? O exercício do protagonismo idoso na internet no Brasil e na Espanha*. Resumos das teses e dissertações apresentadas no PPG-SOL/UnB. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 613-623, maio./ago. 2009.

_____.; CORTES, Danilo Nolasco. *A Biblioteca Pública, o utilizador idoso e as políticas de infoinclusão*. 2011.-Universidade de Brasília, Brasília,2009. Disponível em: < <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/62463> >. Acesso: 25/11/2014.

SOUZA, Caroline Marques de Azevedo e. *Envelhecimento: a necessidade de uma abordagem interdisciplinar*. Programa Geron. 2. ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS. 2002

SOUZA. Maria do Rosário Abreu e GLERIA, Erico. Estatuto do Idoso: Uma Conquista ou apenas uma disposição legal. In: VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho e BRITO, Regina Helena Pires de (orgs). *Educação para a Terceira Idade*. São Paulo: Loyola, 2012.

STANO, Rita de Cássia M. T. Questões do envelhecimento e suas relações com o processo de ensino-aprendizagem. In. *Revista a Terceira Idade: estudos sobre o envelhecimento*. SESCSP. São Paulo, Vol. 10, nº 40. outubro de 2007.

TOSCHI, Mirza Seabra; ANDERI, Eliane Gonçalves Costa. *Leitura na tela do Computador*. In: XVII Simpósio de Estudos e Pesquisas da Faculdade de Educação da UFG, 2009. Educação e sociedade: sentidos da formação humana. Goiânia, 2009. v. 0. P. 1. Disponível em:< https://anaisdosimposio.fe.ufg.br/up/248/o/1.4.__73_.pdf>. S/D. Acesso: 12/01/ 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENTE, José Armando. *Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade*. Longevidade: um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, p. 23-35, 2001. Disponível em: < <http://www.redadultosmayores.com.ar/buscador/files/DESAR005.pdf>> Acesso: 17 dezembro de 2015.

VARELA, Carla Cristina Brilha. *O impacto dos Cursos TIC das Universidades Sênior na inclusão digital da terceira idade*. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/7810>>. Acesso: 24/11/2014.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho e BRITO, Regina Helena Pires de. *Conceitos em educação em Paulo Freire: glossário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho e BRITO, Regina Helena Pires de (orgs). *Educação para a Terceira Idade*. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. ZILLOTTO, Elizabeth. *Educação para o sentido e o sentido da educação*. P. 55-64. In: _____; BRITO, Regina Helena Pires de. (orgs.) *Educação para a Terceira Idade*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

VECHIATO, Fernando Luiz. *Repositório digital como ambiente de inclusão digital e social para usuários idosos*. 2010. 183 f. Dissertação (mestrado em Informação, Tecnologia e Conhecimento) - Universidade Estadual Paulista, Marília-SP, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93616>>. Acesso: 16/09/ 2015

WASSERMAN, Camila et al. *Redes sociais: um novo mundo para os idosos*. RENOTE, v. 10, n. 1, p. 01-10, Jul., 2012. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?q=Wasserman+et+al+%282012%29%2C+Redes+sociais%3A+um+novo+mundo+para+idosos&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5> Acesso em : 30/07/2015.

WEHMEYER, Cláudia de Oliveira Tacques. Inclusão digital de idosos: através da educação a distância. In. FERREIRA, Anderson Jackle [et al]. *Inclusão digital de idosos: à descoberta de um novo mundo*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2008.

WITTER, G.P. Tarefas de desenvolvimento do adulto idoso. *Estudos de Psicologia*. Campinas. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v23n1/v23n1a02.pdf>> Acesso: 23/02/2015.

ZANELLA, Andréa Vieira. Aprendendo a tecer a renda que o tece: apropriação da atividade e constituição do sujeito na perspectiva histórico-cultural. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, Edição Especial Temática, p.145-158, 1997. Disponível em: <<https://www.google.com.br/#q=ZZANELLA%2C+Andr%C3%A9a+Vieira.+Aprendendo+a+tecer+a+renda+que+o+tece:+apropria%C3%A7%C3%A3o+da+atividade+e+constitui%C3%A7%C3%A3o+do+sujeito+na+perspectiva+hist%C3%B3rico-cultural.+Revista+de+Ci%C3%A4ncias+Humanas%2C+Florian%C3%B3polis%2C+Edi%C3%A7%C3%A3o+Especial+Tem%C3%A1tica%2C+p.145-158%2C+1997.>>> Acesso: 27/02/2015

APÊNDICES

Apêndice 1

Questionário 1 - Diagnostico do público alvo

Prezado(a) orientador (a) acadêmico,

Solicito a sua contribuição nas respostas ao questionário como quesito para a realização da pesquisa “O idoso e a apropriação da TIC no universo digital”, que realizo no Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (MIELT-UEG), sob orientação da Professora Dr^a Mirza Seabra Toschi.

Informo que a identificação não será revelada, uma vez que usaremos nomes fictícios a fim de garantir o anonimato. Pedimos que sua resposta seja franca, a fim de que os dados sejam confiáveis.

Vale informar também que as respostas às questões propostas indicam a autorização para uso das respostas, unicamente em trabalho acadêmico.

Colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos.

Pesquisadora Responsável: Márcia Mendes Marquez de Oliveira

Orientadora da Pesquisa: Dr^a Mirza Seabra Toschi

Questionário

1- Nome _____

2- Idade ____/____/____

3- Escolaridade:

- () Nunca frequentou escola
- () Não alfabetizado
- () Alfabetizado
- () Ensino Fundamental incompleto
- () Ensino Fundamental completo
- () Ensino Médio incompleto
- () Ensino Médio completo
- () Ensino Superior.

4- Telefone: _____/_____

5- E-mail: _____

6- Quais das tecnologias você tem em casa?

- rádio telefone televisão
 Celular computador tablet
 DVD micro system outros.

Quais?

7- Quais dessas tecnologias e ferramentas você já utiliza no seu cotidiano?

- rádio telefone televisão
 Celular computador tablet
 DVD caixa eletrônico outros

Especifique:

8 - Você tem interesse em aprender a usar alguma dessas tecnologias?

- não
 sim

Tendo interesse, qual delas? _____

Você utiliza redes sociais?

- facebook twitter Instragan
 IMO menseger Orkut
 Skype Vibe Telegran

Você utiliza o caixa eletrônico sozinho?

9 - Por que deseja aprender?

10 - Como se sente tendo a possibilidade de aprender coisas novas?

Apêndice 2

Questionário 2 - Avaliativo “após as oficinas”

Prezado(a) orientador (a) acadêmico,

Solicito a sua contribuição nas respostas ao questionário 2, como quesito para a conclusão da pesquisa “O idoso e a apropriação da TIC no universo digital”, que realizo no Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (MIELT-UEG), sob orientação da Professora Dr^a Mirza Seabra Toschi.

Informo que a identificação não será revelada, uma vez que usaremos nomes, fictícios a fim de garantir o anonimato. Pedimos que sua resposta seja franca, a fim de que os dados sejam confiáveis.

Vale informar também que as respostas às questões propostas indicam a autorização para uso das respostas, unicamente em trabalho acadêmico.

Pesquisadora Responsável: Márcia Mendes Marquez de Oliveira
Orientadora da Pesquisa: Dr^a Mirza Seabra Toschi

01- Gostou das oficinas?

() sim () não

02- Se a resposta for negativa. Justifique o porquê não gostou?

03- Se a resposta for positiva. Justifique de que mais gostou?

Continue respondendo caso a resposta anterior seja positiva.

04- Consegue utilizar o que aprendeu no seu dia a dia?

() sim () não

05- O que aprendeu aqui pode favorecer para a sua autonomia?

() sim () não

Caso a resposta seja positiva explique:

06- O que o (a) senhor (a) sentiu quando iniciamos as oficinas?

07- E agora que terminou o curso, o que está sentido?

08- O que desejaria fazer que não fez?

09- As oficinas atenderam suas expectativas?

10- O (a) senhor (a) recomendaria esta oficina para colegas?

Protocolo 1

A revisão sistemática foi realizada a partir de elaboração de sentenças (*strings*) que continham os temas que compõem o objeto de pesquisa desse estudo e seus sinônimos. No total foram elaboradas duas sentenças, conforme descritas a seguir:

1ª sentença

(idoso OR velho OR terceira idade) AND *intervenção* (idoso OR TIC OR Cotidiano) AND *comparação* (idoso OR TIC OR formação para idosos) AND *resultados* (idosos OR oficinas de tecnologia OR inclusão digital).

Nº de Ord.	Tipo	Título	Ano	Autor (a)
1	Artigo	Utilização de ferramentas computacionais por idosos de um Centro de Referência e Cidadania do Idoso	2011	FRIAS, da Eira Marcos Antonio
2	Dissertação	“Caiu na rede é jovem?”	2009	SOUSA, Janara Kaline Leal Lopes de
3	Artigo	Envelhecimento e perspectiva de inclusão digital,	2010	KACHAR , Vitória
4	e-book	A inclusão digital: A descoberta de um novo mundo	2008	FERREIRA , Anderson Jackle et al
5	Artigo	Ambientes de aprendizagem: significado na vida de idosos frequentadores de oficinas de informática	2011	SILVEIRA, Michele Marinho da et al
6	Artigo	Os benefícios da informática na vida do idoso”,	2014	CARDOSO, Raul G. S.
7	Artigo	Metodologias e Estratégias Pedagógicas utilizadas por Educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade,	2015	CACHIONI, Meire
8	Artigo	“Repositório Digital como Ambiente de Inclusão Digital e Social para usuarios idosos”	2010	VECHIATO, Fernando Luiz
9	e-book - Artigo	Oficinas de Inclusão Digital do Projeto Potencialidade: ontem, hoje e amanhã	2008	SCHWANKE, Carla Helena Augustin.
10	Tese	“Por detrás da inclusão digital: uma reflexão	2007	BALBONI, Mariana Reis

		sobre o consumo e a produção de informação em centros públicos de acesso à Internet no Brasil		
11	Artigo	Aprendizagem continuada ao longo da vida o exemplo da terceira idade	2001	VALENTE, José Armando.
12	Artigo	A velhice e terceira idade como categorias identitárias atreladas ao processo de envelhecimento	2008	SILVA, Luana Rodrigues Freitas
13	e-book	Tecnologia da Informação e Comunicação,	2014	PINOCHET, Luis Hernan Contreras
14	Artigo	Inclusão Digital da Terceira Idade no Centro Universitário Feevale	2007	PASQUALOTTI, Paulo Roberto; PÉREZ, Cláudia Camerini Correa; BEZ, Maria Rosangela; KLEIN, Carlos.
15	Tese	Modelo multiplicador utilizando a aprendizagem por pares focado no idoso	2007	SALES, Márcia Barros de
16	Artigo	A rede de comunicação internet como ferramental para o fomento da qualidade de vida da terceira idade: uma análise do portal do envelhecimento.net	2007	MACEDO, Roberto Gondo; ROSA, Paulo Cezar
17	Mestrado em gerontologia	O impacto sociocultural do uso da internet em um grupo pessoas de idosas	2012	REIS, Adriana Araujo Reis
18	Artigo congresso	O uso das tecnologias de informação e comunicação pela terceira idade	2012	ALVES, Rozane da Silveira et al
19	Artigo	“Atelier Digital”, uma proposta inovadora: relato de experiência com a Terceira Idade	2006	PASSERINO, Liliana Maria BEZ, Maria Rosangela

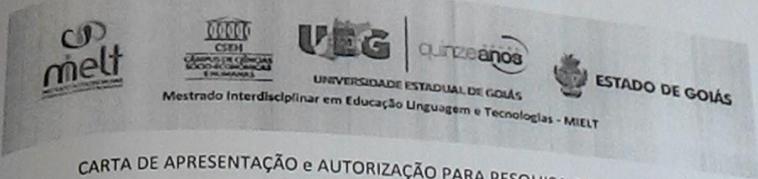
				PASQUALOTTI Paulo Roberto
20	Artigo	Inclusão digital para terceira idade: oportunidades, possibilidades e propostas inovadoras	2007	Pasqualotti, Paulo Roberto; et al
21	Dissertação	Aceitação de tecnologia por idosos	2013	RAYMUNDO, Taiuane Marquini
22	Tese	Por detrás da inclusão digital: Uma reflexão sobre o consumo e a produção de formação em centros públicos de acesso a internet em Brasil	2007	BALBONI, Mariane Reis
23	Dissertação	O Impacto dos Cursos TIC das Universidades Sénior na Inclusão Digital da Terceira Idade	2012	VARELA, Carla Cristina Brilha
24	Artigo	Redes sociais: um novo mundo para os idosos	2012	WASSERMAN ,Camila et al

Protocolo 2:

População (idoso OR envelhecimento OR velhice) AND *intervenção* (formação em TIC OR oficinas pedagógicas OR Gerontologia Educacional) AND *comparação* (formação para TIC OR apropriação OR empoderamento) AND *resultados* (idoso OR cotidiano OR Inclusão digital).

n.	Tipo	Título	Ano	Autor (a)
1	Tese	O impacto da informática na vida do idoso	2007	REIS, Adriano Araújo
2	Artigo	A rede de comunicação Internet como ferramenta para o fomento da qualidade da Terceira Idade.	2007	MACEDO, Roberto Gondo, ROSA, Paulo Cezar
3	Dissertação	Inclusão digital na terceira idade: a integração das tic numa escola superior sénior	2014	GOMES, Mara Elizabette Calengue
4	Artigo	As meninas estão na rede: a inclusão digital na terceira idade		<i>BOLZAN, Larissa Medianeira LÖBLER Mauri Leodir.</i>
5	Artigo	Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento	2008	<i>SILVA, Luna Rodrigues Freitas</i>
6	Artigo	Metodologias e Estratégias Pedagógicas utilizadas por Educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade	2015	CACHIONI, Meire et al..

Anexo:



 Mestrado Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologias - MIELT

CARTA DE APRESENTAÇÃO e AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA DE CAMPO

Prezada senhora Cleonice Cabral dos santos
Diretora do CENTRO EDUCACIONAL

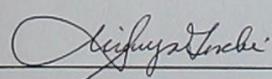
O programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação Linguagens e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (MIELT – UEG) vem por meio dessa, solicitar autorização para a mestrandia Márcia Mendes Marquez de Oliveira desenvolva a “ Oficina de Tecnologia”, nos espaços do Laboratório de Informática em atendimento aos cursistas idosos, onde serão coletados as informações para a pesquisa.

As informações coletadas na Instituição assim como, os dados coletados na oficina serão tratadas de forma ética e por códigos, garantindo anonimato e integridade das pessoas.

A mestrandia é pesquisadora da linha de pesquisa1: Educação, Escola e Tecnologias, do Mestrado Interdisciplinar em Educação Linguagens e Tecnologias, cujo o projeto de pesquisa se intitula “ O IDOSO E A APROPRIAÇÃO NO UNIVERSO DIGITAL”, sob a orientação da professora Dr^a.: Mirza Seabra Toschi.

Certos do seu atendimento, agradecemos.

Atenciosamente,


 Professora Dr^a.: Mirza Seabra Toschi

Autorização da Pesquisa: “Oficina de Tecnologias”

Diretora: Cleonice dos Santos Cabral

Data: 15/01/2015

Identidade: 3276165-3493148 SSP/GO

Assinatura: Cleonice dos Santos Cabral

00.660.383/0001-24
 CENTRO DE EDUCAÇÃO E CONVIVÊNCIA
 JUVENIL CEL. GASPAR
 Rua Cel. Aristides Ribeiro de Freitas
 S/N Centro - CEP 76400-000
 URUAÇU-GO

Cleonice dos Santos Cabral
Diretora - Port. 0029/2015
SUEX / SEDUCE

Uruaçu, 15 de janeiro de 2015.